

REVISTA DA SEMANA



NACIONAL
SANEIRO
LEGAL

1.50
EM
DO BRASIL

LANA TURNER



LANA TURNER

James CRAIG · John HODIAK

Frances Hugh Natalie Keenan Herbert
Gifford · Marlowe · Schafer · Wynn · Rudley

DIZEM, NA NOVA E LUXUOSA
ALTA-COMÉDIA DA METRO-
GOLDWYN-MAYER, QUE "A FE-
LICIDADE VEM DEPOIS", MUI-
TO DEPOIS DO CASAMENTO...
ANTES, É APENAS ILUSÃO...

**A FELICIDADE
VEM
DEPOIS**

(MARRIAGE IS A PRIVATE AFFAIR)



BREVE

**METRO
PASSEIO**
TELS. 22-6490 e 6140

*Mas...
para que a mulher seja
feliz em qualquer tempo*

preciza zelar continuamente pela propria elegancia

A esbelteza do porte, a perfeição das linhas, tudo
quanto constitui o "glamour" é condição verdadeira
para a felicidade feminina.

E A CINTA MODERNA proporciona às senhoras
e senhoritas elementos preciosos de elegância:
cintas, modeladores, porta-seios, que completam a
toilette.

A CINTA MODERNA

RIO DE JANEIRO
Loja - Rua Uruguiana, 47 - Fone 43-6013
Fábrica e Escritório
Rua da Constituição, 36 - Fone 22-2849

SÃO PAULO
Rua São Bento, 78 - Fone 2-7880
Av. Ipiranga, 582 - Fone 4-6674

BELO HORIZONTE
Av. Afonso Pena, 932 - Fone 2-1097



Acabaremos devorando a própria roupa? Os boateiros do auto-lotação garantem que sim!

Não é só na cadeira de barbeiro que se conhecem as melhores bishbilhotices de cada dia. Os barbeiros deram para silenciar, que a vida está difícil e acontece muita gente escanhoar os queixos em casa por medida de economia, de higiene ou de melhor aproveitamento do tempo. Onde se podem ouvir as mais interessantes revelações é no auto-lotação. Depois de um dia duro no batente, é um prazer dos deuses sentar, mesmo num banquinho suplementar desse veículo desconjuntado, sem freios e mais tremulo que uma donzela no dia do pedido, abandonar o corpo exausto, cerrar os olhos, deixar o bicho correr à vontade — e ouvir. Ouvir o que dizem os companheiros de viagem, eloquentes e gostando de fazer confidências. Ah, senhores, onde mais se aprende é no auto-lotação, que é também onde mais se descompõe o governo — mesmo

aquêles que mais ganham com os seus propalados desmandos... O boato mais palpitante, ou a ocorrência de maior relevo, a excomunhão do bispo de Maura, a inauguração do novo mercadinho, as divergências entre os aliados, os arreganhos dos fascistas que resistiram a toda a umidade da guerra, tudo reponta no percurso dos quinze minutos da Avenida ao nosso bairro. O comentarista de bonde ou de ônibus acostumou-se a falar baixo com o vizinho de lugar. E se não o conhecer, não fala. No auto-lotação falam todos, amigos de velhos tempos, companheiros de repartição ou inteiramente desconhecidos. O auto-lotação empresta, por um quarto de hora, a idéia de uma intimidade que não existe realmente. Quando vai ao lado uma pequena, é quando o loquaz passageiro se compenetrava do dever de contar maiores vantagens. Ele sabe quando vai estalar a revolução... na Argentina. Ele passa adiante, mais para os companheiros desconhecidos que mesmo para aquele com quem viaja, a última anedota, quando não seja de papagaio. Ele sabe o que ainda não sabemos, conta o que ainda não ouvimos. Se possui tendências totalitárias, arranja um modo especial de externar apreciações aparentemente desinteressadas sobre as divergências dos aliados, e se as tendências forem esquerdistas, aludirá ao fenômeno inevitável do poder das massas que se aproxima. Ao entrar no auto-lotação, ignoramos qualquer coisa que ali vamos aprender, e do auto-lotação vamos saltar em Copacabana ou na Tijuca, sabendo quem vai ser o "tertius", quem está "comendo de colher" no "câmbio-negro" das cebolas, quem foi prêso ou foi solto, quem está subvencionando o novo jornal disfarçado que apareceu, ou quem vai falir primeiro na hora da inflação que vem aí. Quem menos fala, ali dentro, é quem mais aprende. Tiram-se as médias do que se escuta, chega-se ao meio-térmo onde se espera desco-

brir a verdade, e mais tarde, ao jantar, o passageiro do auto-lotação terá sempre uma novidade para contar à família ou à visita. A última novidade, fresquinha e inédita, que ele ouviu na viagem. Pode não ser verdadeira, mas sempre é interessante. O auto-lotação é proveitoso e útil. As vezes também se escuta falar mal do nosso conhecido, e se este é nosso desafeto, o mal que dele ouvimos chega a ser um sedativo para os nervos gastos do dia de trabalho.

Ainda ontem viajei com três desconhecidos que deviam ser por força três abastados homens de negócios. Abastados pelos motivos da conversa, pelos embrulhos que carregavam e pela generosidade com que descejavam, cada um, pagar os quinze cruzeiros das três passagens. Talvez em setembro de 1939 não viajassem sequer de ônibus... Pois nessa noite aprendi que todos três eram doutores. Cada qual estava mais radiante com a medida das autoridades concedendo gasolina para os médicos. Só não acertei com a relação que poderia existir entre os automóveis particulares dos médicos, com um negociante de tecidos, de gêneros alimentícios ou de calçados. Ou seriam doutores na sublime arte de fazer fortuna? Não sei. Sei apenas que um deles aludiu a terceiro, cujo automóvel, aparentemente tocado a gasogênio, não era abastecido de carvão há muito tempo e continuava deslizando, veloz, pelo asfalto da cidade. O que é mais: com uma luzinha vermelha, na retaguarda, funcionando a poder de pilha, para iludir os guardas de trânsito. E todos estavam muito interessados em saber onde poderiam encontrar três médicos pobres, sem automóvel, que lhes quisessem prestar um favor, muito bem retribuído, é claro...

Tudo isso e muito mais pode aprender-se numa rápida viagem de auto-lotação. Por cinco cruzeiros, convenhamos: é barato ou não é?

CONVERSA DE AUTO-LOTAÇÃO

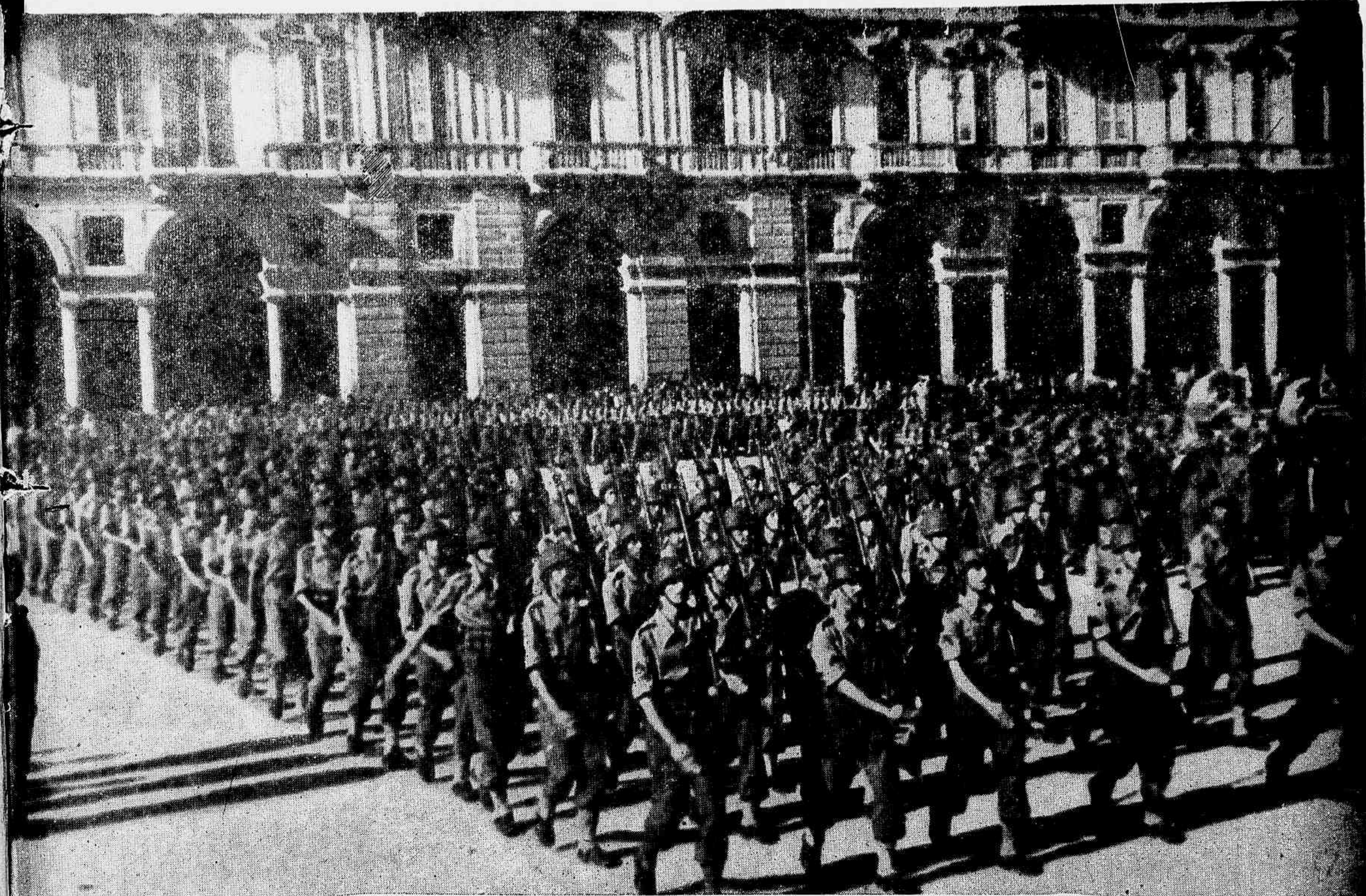
Celestino Silveira

DEPOIS DA VITORIA

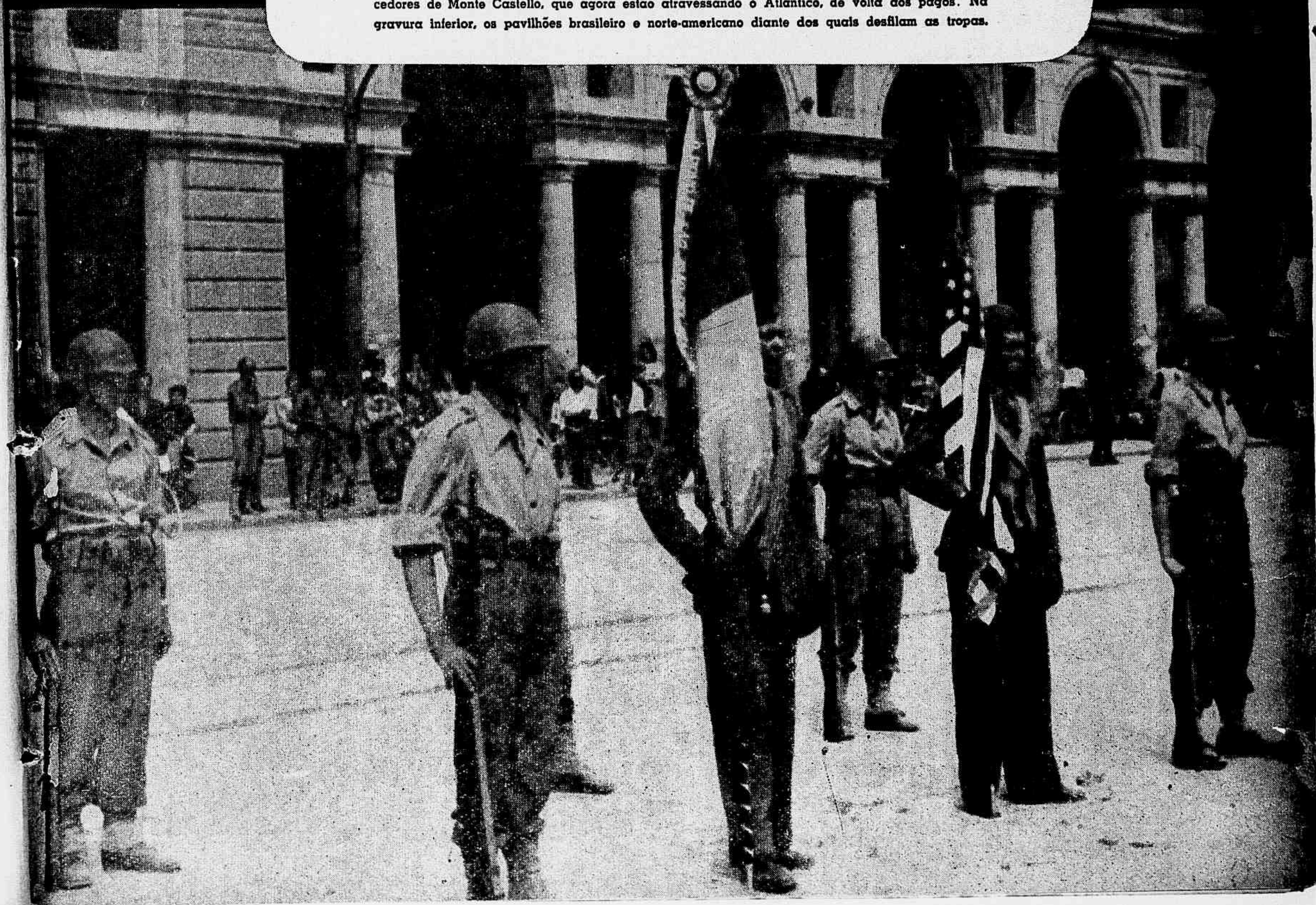


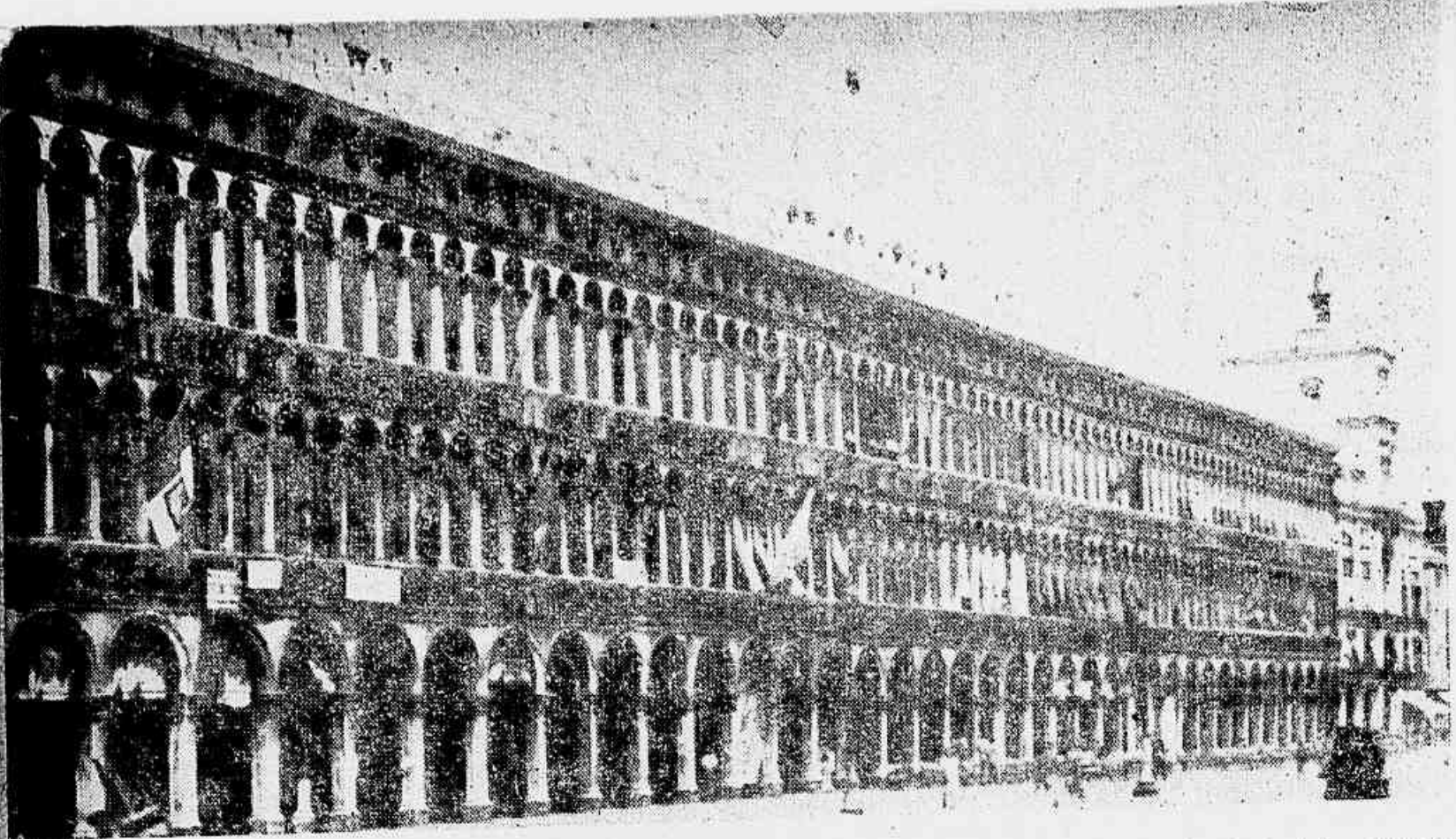
Antes do embarque dos expedicionários patrióticos, de volta da sua gloriosa colaboração dada à causa das Nações Unidas, as autoridades militares do território italiano ocupado prestaram justas e honrosas homenagens aos bravos brasileiros. O pavilhão nacional foi desfreadado em Napoles, em Veneza e onde quer que se encontrassem os "pracinhas" que levam, no ombro, o emblema da cobra que fuma. E quando as altas patentes americanas e inglesas, sem reboços, teceram espontaneamente os maiores encômios aos soldados de Mascarenha de Moraes é porque eles mereceram essas palavras. Aqui está, na gravura ao lado, um atestado frisante dessas homenagens. Símbolos do Esquadrão de Reconhecimento e Companhia de Transmissões, que foram agraciados com a condecoração "Cruz de Combate de Primeira Classe". O porta-bandeira é o tenente Xavier, vendo-se, ao lado, dois outros soldados patrióticos. Na gravura inferior, pavilhões nacionais que tomaram parte nessas comemorações: O 11.º R. I., 6.º R. I., Batalhão de Saúde da Tropa Especial e os símbolos do 1.º Esq. M.M. de Reconhecimento e 1.ª Companhia de Transportes. A bandeira do Cruzeiro do Sul, desfreadada ao vento, levanta bem alto o renome e as glórias do exército de Caxias, numa demonstração eloquente da vitalidade e do poder de convicção de um povo consciente de seus deveres para com a Pátria. Dentro de alguns dias esses bravos militares estarão desfilando pela Avenida Rio Branco e recebendo os aplausos do povo.





Tropas dos expedicionários brasileiros desfilam em terras da Itália. Eles se encontravam em vésperas de embarcar, já desobrigados de seus deveres militares no campo da luta. São vencedores de Monte Castello, que agora estão atravessando o Atlântico, de volta aos pagos. Na gravura inferior, os pavilhões brasileiro e norte-americano diante dos quais desfilam as tropas.

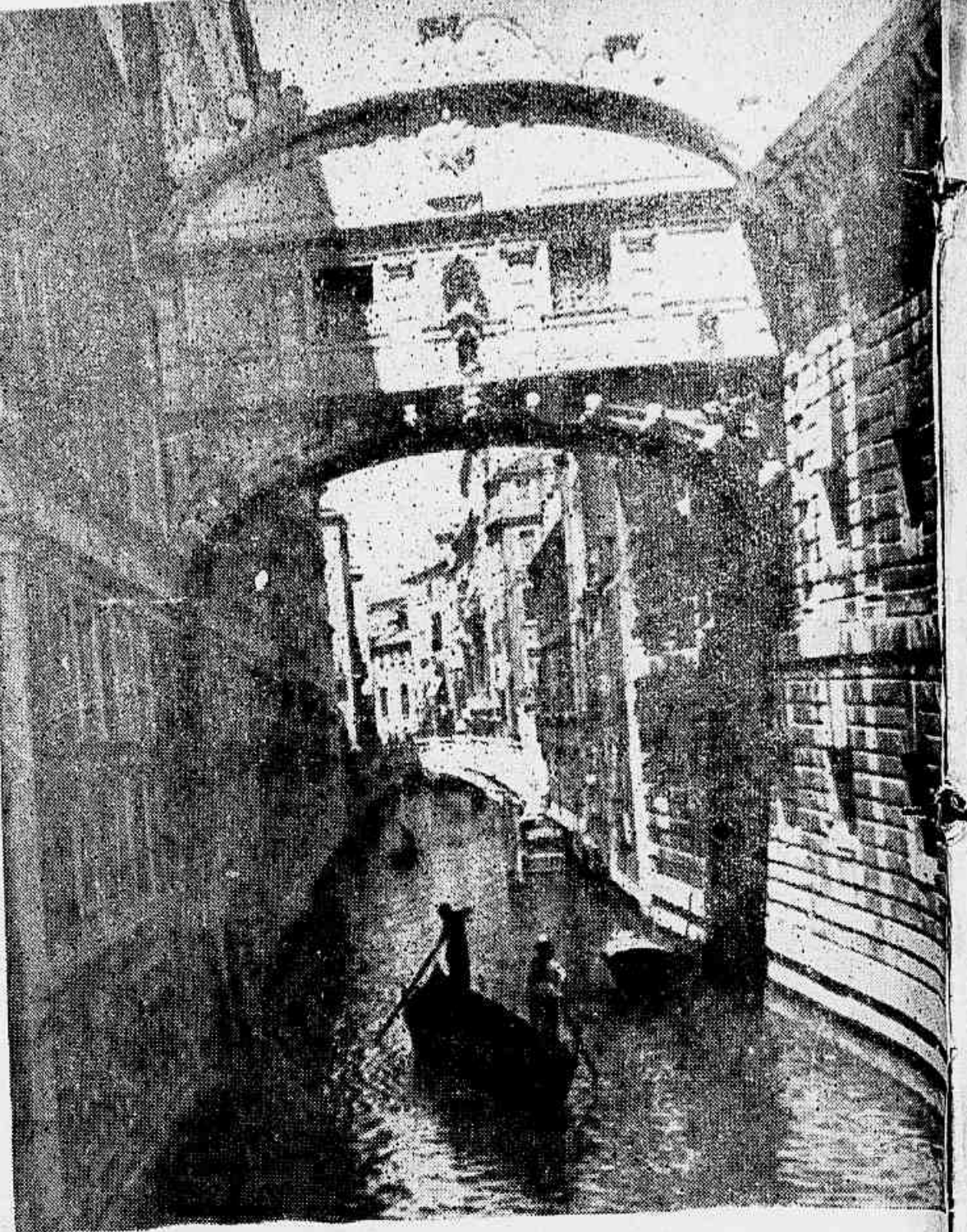




Parte lateral da praça de São Marcos, onde a guerra não fez sentir seu poder mais forte de destruição. Entrando em Veneza, souberam os soldados aliados respeitar esses tesouros da imortal Itália, permitindo que as gerações seguintes continuem deles se orgulhando, como documentos históricos de muitas épocas, inclusive a da guerra atual.



Oficiais brasileiros carregando os embrulhos de "souvenirs" para as famílias aqui no Brasil. Da esquerda para a direita: dr. Weimberg, major Umprerre, dr. Azevedo Pio, dr. Braga, dr. Lemos Brito e José Ramos em um flagrante batido na praça de São Marcos. Ali já se encontravam, depois de cessada a luta, aguardando o regresso ao Brasil.

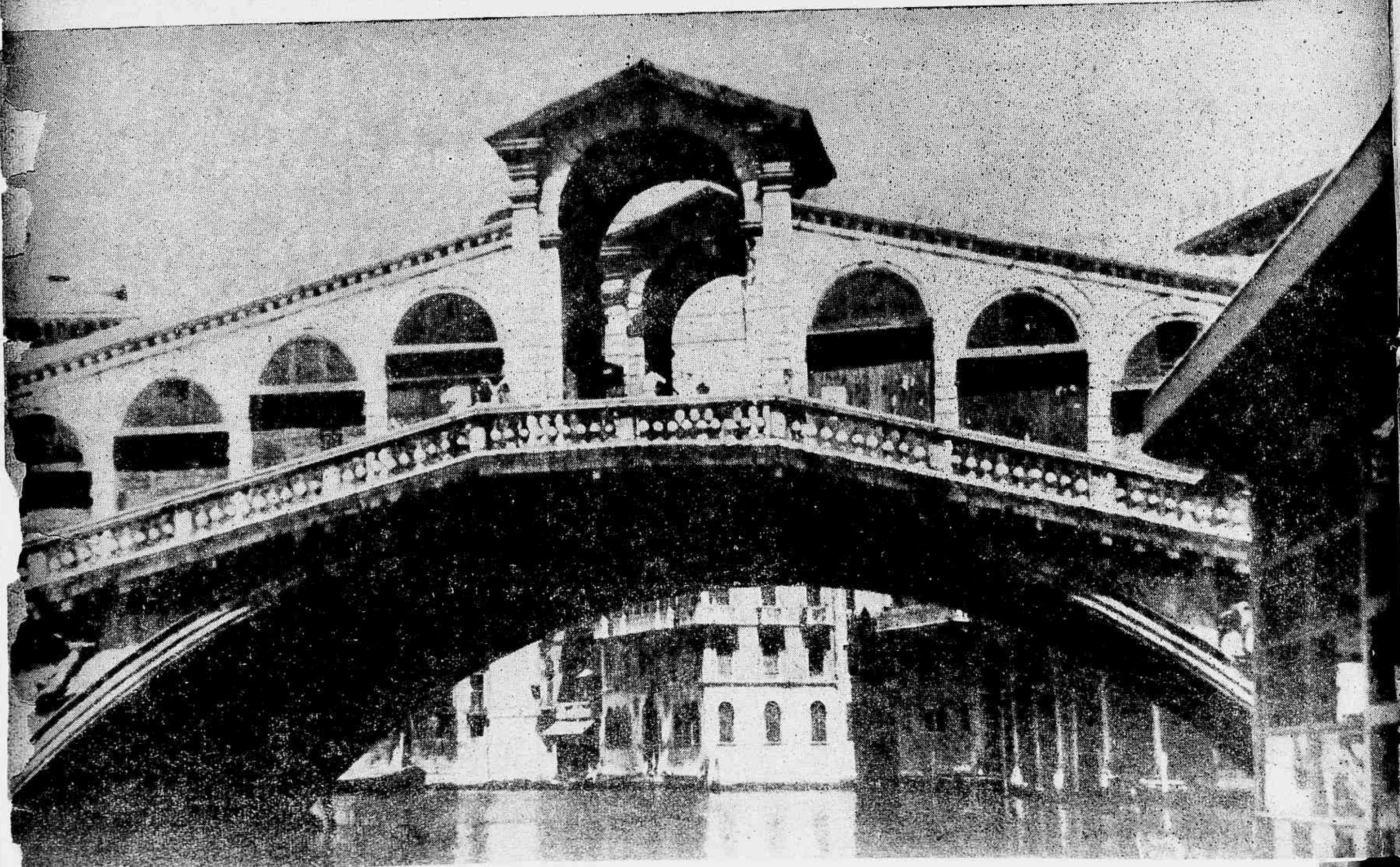


Ponte dos Suspiros, em Veneza, por onde passavam os condenados que iam do Palácio Ducal. Agora nossos patrícios ali ficaram em repouso, travando relações com a terra onde correu o sangue dos brasileiros para que os nativos fôssem libertados do jugo nazista. No barco, expedicionários da F. E. B. vão matando saudades dos passeios marítimos em terras pátrias...

VENEZA

Veneza, a ponte dos Suspiros, a praça de São Marcos, o canal histórico, as gôndolas, os cancioneiros... Tudo isso está sendo visitado agora pelos rapazes da Força Expedicionária Brasileira, antes de regressarem à Pátria. As fotos reunidas nesta página foram também enviadas por Horacio Coelho, que esteve a serviço da F. E. B. durante toda a campanha brasileira na Itália.

O Grande Canal — Ponte Maggiore — em Veneza, pouco frequentado durante os últimos dias da guerra. No período da ocupação nazista todos esses logradouros belos e imortais eram locais de reunião das tropas germânicas, e por isso os italianos dali se afastavam. Foi com a aparição dos "pracinhas" da F. E. B. que o movimento recomeçou.



NESTE NUMERO

ANO XLVI -- N.º 28 -- 14-7-945

REPORTAGENS

Depois da Vitória	4/5
A Música Fala a Deus	11/17
Jockey Club	20
Figuras e Fatos	22

LITERATURA

Conversa de auto-lotação (Celestino Silveira)	3
Os apuros de um autor (Edgar Wallace)	19
Frei Vicente do Salvador (Escragnolle Doria)	26
A dança de São Gonçalo (Antonio Alcantara Machado)	28/29
O Peru (Arkadio Avertchenko)	34
Livros Novos (J. L.)	40

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos	27
As "estrêlas" vestem-se assim	30/31
Chapéus	33
Outros Modelos	42/43

CURIOSIDADES

Veneza	6
O fim dos carrascos de Roma	35

SECÇÕES

A Semana em Revista	10
Cinema — Música	21
Artes Plásticas	32
A REVISTA em Hollywood	36/37

CARICATURAS

De Bom Humor	18
"Charge" de Raul	52

TEATRO

"Angelus"	23/25
-----------------	-------

EXTRA

Os concursos literários da REVISTA	8/9
--	-----

NOSSA CAPA

Uma nova Shirley Temple, que não é mais a garota precoce dos tempos de antes da guerra, uma artista moça, cheia de encantos e já com preocupações sentimentais, está aparecendo no cinema americano. E' dessa "estrêla" da Columbia, encetando agora uma nova fase de sua carreira, que estamos dando, na sobrecapa do presente número, uma fotografia aos leitores. Uma fotografia onde melhor se podem observar os encantos da menina-e-moça destinada, por certo, a tornar-se um dos motivos de encantamento da sétima arte, em dias vindouros.

São vários os assuntos de sensação encerrados neste número, convindo sobressair a nova reportagem da série "As religiões no Rio", reportagens que vêm marcando um legítimo sucesso. Há também a reportagem fotográfica da peça "Angelus", de autoria de Bibi Ferreira, um dos acontecimentos marcantes da temporada teatral; a correspondência de Luiz Serrano, procedente de Hollywood, com os últimos acontecimentos cinematográficos; vários contos e uma novela; desenvolvida parte de Modas e as secções do costume: Música, Cinema, Artes Plásticas, etc.

Por absoluta falta de espaço deixamos de inserir, nesta edição, a novela radiofônica "Ressurreição", o que faremos na semana vidoura.



Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrêtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e quentura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

...

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

...

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

Aconteceu...

HA 38 ANOS

Há trinta e oito anos, pouco depois do terremoto de São Francisco, pouco antes da guerra dos Balcãs, um jornalista se lembrou de fazer uma interessante estatística partindo da pergunta "Quantos burros e cavalos há no mundo?". A resposta temo-la numa nota então publicada na REVISTA DA SEMANA, traduzida do francês.

Ei-la:

"CAVALOS E BURROS

Um jornal francês publica a seguinte nota:

Querem os leitores saber quantos cavalos e burros há em todo o mundo? 75 milhões de cavalos, disse-o uma estatística. E estão assim distribuídos: 40 milhões na Europa, 23 na América, 9 na Ásia, 1 na África e 2 na Austrália. Os países mais ricos da Europa em cavalos são a Rússia, que tem 21 milhões, a Alemanha, com 4 milhões, a Áustria tem 3.750.000 e a França 2.990.000.

Quanto a burros e jumentos a estatística apura o seu "quantum". Em todo o mundo há 11 milhões desses animais, sendo 3 na Europa, 5 na América, 1 na Ásia e 2 na África.

Assim era a população cavalar e muar da terra, em 1907.

De então para cá aconteceram, entretanto, grandes catástrofes, que influram de maneira acentuada tanto na demografia global do mundo quanto na população irracional. Senão, vejamos:

Em 1911 houve guerra nos Balcãs. Perderam-se alguns cavalos. Uma vez refeltos os rebanhos da Sérvia, do Montenegro, da Grécia e da Turquia, um estudante simpático de Serajevo resolve matar o arquiduque d'Austria-Hungria. Matou-o e matou a mais nove milhões de pessoas e a outros tantos milhões de cavalos.

O automóvel veio substituir as velhas carruagens, o que fez decrescer a criação de cavalos e muar em todo o mundo.

A guerra matou rebanhos inteiros. Veiu depois a revolução russa. E o país que tinha o maior rebanho cavalar do mundo viu desaparecer os seus espécimes, queimados pelos senhores feudais, que preferiam vê-los destruídos a entregarem-nos às mãos do socialismo vitorioso. Assim a União Soviética, de acôrdo com os planos quinquenais, teria um rebanho cavalar à altura, em 1945. Mas dos planos quinquenais não constavam Hitler nem Mussolini, nem outras pragas que foram surgindo.

Muita coisa aconteceu de 1907 para cá. E por elas chegamos à conclusão de que, se os cavalos escassearam sobre a face da terra, o número de burros aumentou sensivelmente.

Um calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

A REPERCUSSÃO DE NOSSO CONCURSO

Apoio irrestrito da "Casa dos Artistas"

A "Casa dos Artistas" é uma instituição que honra o nosso teatro e todos aqueles que têm como meio de vida e dele fazem a sua profissão. Símbolo de espírito de solidariedade de classe que anima a quantos labutam nesse setor artístico, a "Casa dos Artistas" tem realizado um vasto programa de amparo a todos aqueles que, impossibilitados pela idade ou pelas enfermidades de continuar a exercer a sua profissão de ator, se encontram desprovidos de recursos. Mantém essa benemérita instituição o "Retiro dos Artistas", em Jacarepaguá, onde estão hoje recolhidos muitos "astros" e "estrêlas" que já brilharam nos nossos palcos, e que agora, velhos e pobres, ali encontram, na solidariedade dos novos, uma nova força e um consolo amigo.

Foi esta agremiação que, pela voz de seu presidente, o sr. Orlando Damasceno Nogueira, falou sobre o "Prêmio Apolonia Pinto" e o que ele representa para o Teatro Nacional:

— "A Casa dos Artistas", que se destina a proteger tudo o que venha resultar em benefício para os profissionais ligados ao teatro, vê com bons olhos a brilhante iniciativa da REVISTA DA SEMANA.

"O 'Prêmio Apolonia Pinto' é a pedra básica de novos empreendimentos que, estou certo, virão sendo levados a cabo no sentido de ampliar o âmbito de ação do nosso teatro, favorecendo desse modo indiretamente a quantos dele façam o seu meio de vida.

"Esse certame é um novo impulso dado à nossa arte teatral. Estão pois de parabéns tanto a REVISTA DA SEMANA quanto o Clube Ginástico Português pela auspiciosa lembrança. E a "Casa dos Artistas" dá o seu apoio integral e irrestrito a esse empreendimento, como sempre o deu a tudo que venha resultar em benefício para o nosso teatro e para aqueles que o têm como o seu ganha-pão."

A resposta de Jayme Costa

Jayme Costa, um dos mais populares comediantes da cidade e que já se consagrou também como ator dramático em diversas interpretações, não podia deixar de ser ouvido a respeito do "Prêmio Apolonia Pinto". Como todos os outros elementos do nosso teatro, o brilhante artista teve para com o nosso concurso as frases mais elogiosas e os termos mais generosos possíveis. Disse-nos ele:

— "Esse concurso é algo de muito grande, justamente porque representa o incentivo que faltava aos nossos autores teatrais estreantes, que nunca, até então, haviam tido uma oportunidade, como a que agora se lhes apresenta, para fazer a sua entrada triunfal na gloriosa profissão.

"Quantas vezes uma vocação se perde no anonimato, simplesmente porque lhes têm faltado, até hoje, um apoio seguro e uma iniciativa auspiciosa.

"O 'Prêmio Apolonia Pinto' não é, por isso, apenas um acontecimento de grande significação artística e literária. É, antes de tudo, um cometimento ainda não igualado, uma grande iniciativa em prol do engrandecimento do teatro nacional, sobre um magnífico exemplo à imprensa brasileira, que deve, agora que a semente foi lançada pela REVISTA DA SEMANA, realizar novos certames análogos a esse, que possam oferecer outras possibilidades aos novos.

"Os meus tracos préstimos de ator teatral os ponho agora à disposição de tudo o que se fizer nesse sentido, e creio que, como eu, todos os meus colegas emprestarão também o seu apoio irrestrito a iniciativas nobres e generosas como a que teve a pioneira das publicações ilustradas do Brasil.

"Creio que esse concurso será o início promissor de uma nova era para o nosso teatro e para os nossos teatrólogos."

O sr. Mario Nunes e o "Prêmio Apolonia Pinto"

Fala Mario Nunes, crítico teatral do "Jornal do Brasil", presidente da Sociedade Brasileira de Críticos Teatrais e, inegavelmente, uma das maiores autoridades no assunto:

— "Veiu à hora certa a brilhante idéia da REVISTA DA SEMANA, de lançar um concurso destinado a premiar e divulgar peças teatrais inéditas.

"Com a realização desse auspicioso certame estamos tomando o caminho certo que conduzirá o nosso teatro ao lugar que ele deve ocupar na história da civilização brasileira.

"A arte cênica, por motivos diversos, tem sido relevada a segundo plano no Brasil, o que tem sido em extremo prejudicial à educação e à cultura do nosso povo.

"Não se pode falar hoje em difusão de idéias e de conceitos, sem lembrarmos do teatro, a forma de literatura que mais de perto fala ao povo, por isso que, sendo um extrato da arte mímica e da arte oratória, leva a todas as inteligências as palavras do autor, sem que o espectador tenha que se dar a um trabalho mental exaustivo. Não se pode porém fazer teatro sem teatrólogos. E, apesar das grandes inteligências que se dedicam hoje a esse gênero de literatura, precisamos de maior produção, melhor e mais ampla. Os novos podem dar-nos coisas novas. É necessário porém que eles tenham um estímulo que impeça de esmorecer no início da carreira. E esse impulso para a frente lhes será dado pelo 'Prêmio Apolonia Pinto' e por outros que, estou certo, hão de lhes seguir.

"Quero pois apresentar à REVISTA e ao Clube Ginástico Português os meus aplausos e o apoio integral da Sociedade Brasileira de Críticos Teatrais e o meu apoio pessoal.

"Que o exemplo seja seguido por quem possa favorecer o nosso teatro, é o sincero voto que faço."

AMPLA REPERCUSSÃO DO NOSSO CERTAME LITERÁRIO

Superando às mais otimistas expectativas, o nosso triplo concurso literário vem agitando os setores intelectuais e causando verdadeiro sucesso entre aqueles que procuram se iniciar nas letras, nos três gêneros a que se refere o grande certame.

CHEGAM OS ORIGINAIS DE CONTOS

Tão logo foram divulgadas as bases do "Concurso Permanente de Contos" da REVISTA DA SEMANA, começaram a nos ser endereçados originais de trabalhos destinados a concorrer ao prêmio semanal que destinamos ao mesmo.

E aos primeiros foram se seguindo outros. Dentro de três meses serão selecionados os contos e, julgados os trabalhos pela redação da REVISTA, os doze melhores serão publicados nas semanas imediatamente subsequentes, cabendo a cada um dos autores, de acordo com o que ficou estabelecido, o prêmio de Cr\$ 100,00 por conto publicado. Fica claro assim que um mesmo autor pode concorrer com mais de um original e ser mais de uma vez aceito e premiado.

Esse concurso, visto a divulgação ampla de nosso semanário e o seu prestígio nos meios intelectuais, representa pois um brilhante início de carreira para os jovens "conteurs" brasileiros. Dizemos brasileiros, pois, como se trata de um certame destinado a favorecer os valores novos da inteligência, só poderão a ele concorrer, como aos dois outros prêmios, autores nascidos no Brasil.

O concurso de contos terá caráter permanente, importando o julgamento dos trabalhos apresentados na seleção que será feita periodicamente na redação de nosso semanário, dos doze melhores trabalhos, apresentados no período de três meses. Esses serão publicados nos três meses imediatamente posteriores, ao fim dos quais novo julgamento se processará.

O "PRÊMIO APOLONIA PINTO"

O "Prêmio Apolonia Pinto", constante de Cr\$ 10.000,00 em dinheiro, instituído pelo Clube Ginástico Português, tem interessado sobretudo a todos os que se ligam ao teatro brasileiro, provocando os mais sinceros aplausos por parte daqueles a quem de perto interessam o progresso e o aperfeiçoamento de nossa arte cênica.

Já em nossa edição passada tivemos ocasião de oferecer aos leitores as palavras de entusiasmo que tiveram para com a nossa iniciativa o ator Odilon de Azevedo, o teatrólogo Viriato Correia e o presidente da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, sr. Geisa Boscoli.

Hoje publicamos as impressões de mais três expoentes de nossa arte teatral: srs. Jayme Costa, conhecido e festajado ator cômico e dramático; Mario Nunes, crítico teatral de mérito reconhecido através de longos anos de trabalho em prol do desenvolvimento do nosso teatro, e Orlando Damasceno Nogueira, presidente da "Casa dos Artistas", instituição cujos méritos não precisamos relembrar.

Como os que anteriormente haviam sido ouvidos, os nossos entrevistados foram unânimes em elogiar a iniciativa da REVISTA DA SEMANA e do Clube Ginástico Português.

A COMISSÃO JULGADORA

Da comissão julgadora do concurso farão parte um representante da REVISTA DA SEMANA, um representante do Clube Ginástico Português, um da Casa dos Artistas, um da S. B. A. T. e um da Associação Brasileira de Críticos Teatrais.

Até o momento em que redigíamos estas notas, ainda não haviam sido escolhidos os representantes da Casa dos Artistas e da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

Podemos entretanto revelar desde já o nome dos três demais componentes da Comissão Julgadora do Prêmio "Apolonia Pinto". São eles: Celestino Silveira, redator-secretário da REVISTA DA SEMANA, representando o nosso hebdomadário; Daniel Rocha, representante do Clube Ginástico Português, e o comentarista Bandeira Duarte, pela Associação Brasileira de Críticos Teatrais.

A "Revista da Semana" institui um grande certame literário

Um concurso de teatro com Cr\$ 10.000,00 de prêmio ao autor da peça classificada em 1.º lugar, oferecido pelo Clube Ginástico Português — Um concurso permanente de contos que a REVISTA DA SEMANA publicará — Um concurso de romances — PRÊMIOS "APOLONIA PINTO", "AURELIANO MACHADO" e "REVISTA DA SEMANA" — As bases das três grandes provas — Outros detalhes.

Como noticiámos amplamente em nosso número de aniversário, que circulou a 30 de junho último, a REVISTA DA SEMANA instituiu um triplo concurso literário, destinado a estimular os valores novos das letras nacionais, oferecendo-lhes uma oportunidade para a consagração definitiva de seus trabalhos, através um certame de larga repercussão e altamente compensador para os concorrentes, mormente para aqueles que pretendam se iniciar na carreira das letras.

Esses concursos têm como objetivo primordial o enriquecimento das letras pátrias, com o aparecimento de novos valores aos quais sejam dadas possibilidades de aparecer e vencer, pondo assim a literatura brasileira em dia com a evolução das teorias e das idéias que hoje agitam os grandes centros industriais.

Dividimos assim o nosso certame em três concursos distintos: um destinado a selecionar peças teatrais, outro a contos, e

o terceiro, finalmente, a romances, compreendendo-se em princípio, que para concorrer aos prêmios relativos a qualquer dessas competições intelectuais os candidatos devem apresentar trabalhos inéditos.

Deve ficar ainda patente que de qualquer dos três concursos só poderão participar autores brasileiros natos, por isso que os mesmos têm o fim imediato de desenvolver valores patrióticos e amparar vocações artísticas das novas gerações do Brasil.

Repetimos abaixo as bases dos concursos, que têm como patronos o saudoso jornalista Aureliano Machado, que dirigiu durante longo tempo o nosso semanário, para os prêmios destinados aos contos; a atriz dramática Apolonia Pinto, para o concurso de peças teatrais; e a REVISTA DA SEMANA para o de romances.

CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

"PRÊMIO AURELIANO MACHADO"

DE TRES EM TRES MESES, SELEÇÃO DE DOZE CONTOS LITERÁRIOS QUE SERÃO PUBLICADOS NAS PÁGINAS DA "REVISTA" — TEMAS DE PREFERÊNCIA BRASILEIROS MAS TAMBÉM GENERALIZADOS — UMA OPORTUNIDADE PARA OS NOVOS — CR\$ 100,00 PARA O AUTOR DE CADA CONTO PUBLICADO.

A REVISTA DA SEMANA institui também, neste número, um Concurso Permanente de Contos Literários, mediante as seguintes bases:

- 1) O prazo para o primeiro concurso será de 90 dias, expirando, portanto, a 30 de setembro.
- 2) Os originais deverão vir datilografados em espaço dois, em folhas de papel formato ofício, num mínimo de três e máximo de cinco páginas.
- 3) O assunto dos contos ficará a critério e escolha do autor, exigindo-se, todavia, ENREDO, ESTILO E UNIDADE DE AÇÃO no relato da história, podendo inscrever-se autores inéditos ou já publicados.
- 4) Os originais devem ser enviados com todos os esclarecimentos do autor — nome, endereço, etc. — para Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA — rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 5) A seleção dos 12 contos, uma vez terminado o prazo do primeiro trimestre, será feita pela redação da REVISTA DA SEMANA. Os originais premiados serão publicados durante os três meses seguintes, e os rejeitados ficarão à disposição dos remetentes, na redação da REVISTA.
- 6) Cada conto premiado, uma vez publicado, facultará ao seu autor o recebimento de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), pagos na administração da REVISTA.
- 7) Os contos ficarão de propriedade dos autores, a quem é facultado o direito, posteriormente, de publicá-los onde entenderem; todavia, compreende-se que só serão aceitos originais inéditos.
- 8) Os autores poderão usar pseudônimo, se assim desejarem.
- 9) O Concurso Permanente de Contos terá como patrono o antigo diretor da REVISTA DA SEMANA e demais publicações da Companhia Editora Americana, o saudoso jornalista Aureliano Machado.
- 10) Automaticamente, em 1.º de Outubro, será iniciado o 2.º Concurso de Contos, que terá assim, sempre, etapas de três em três meses, de modo a ser publicado semanalmente e com regularidade, mais tarde, um conto premiado.

CONCURSO DE PEÇAS DE TEATRO

"PRÊMIO APOLONIA PINTO"

CR\$ 10.000,00 PARA O PRIMEIRO CLASSIFICADO, OFERTA DO CLUBE GINÁSTICO PORTUGUÊS — REPRESENTAÇÃO DAS PEÇAS COLOCADAS EM 2.º E 3.º LUGARES PELA ESCOLA DRAMÁTICA DA MESMA INSTITUIÇÃO — AS PEÇAS CONTINUARÃO PERTENCENDO EXCLUSIVAMENTE AOS AUTORES.

- 1) Fica instituído o Concurso de Peças de Teatro, para a conquista do "PRÊMIO APOLONIA PINTO", promovido pela REVISTA DA SEMANA e sob o patrocínio do Clube Ginástico Português, podendo ao mesmo concorrer todos os escritores brasileiros que tenham ou não peças representadas.
- 2) O concurso será encerrado impreterivelmente dia 30 de novembro do corrente ano, de modo a ser conhecido o resultado em dezembro.
- 3) Os concorrentes terão liberdade ampla de elaboração de seus trabalhos quanto aos temas e ao gênero, devendo, no entanto, a peça premiada ter mérito literário, qualidades cênicas e tempo de representação mínimo de duas e máximo de três horas.
- 4) O Clube Ginástico Português fica com a prioridade de representar a peça premiada, pelo conjunto de amadores de sua Escola Dramática, dentro de seis meses a contar da apuração do concurso.
- 5) O autor da peça premiada terá liberdade de fazer representar o seu trabalho em qualquer teatro do País, logo após as suas representações pela Escola Dramática do Clube Ginástico, ou, em caso contrário, a contar dos seis meses acima citados.
- 6) Em qualquer caso o Clube Ginástico Português terá sempre o direito de representar a peça premiada quando o julgar conveniente.
- 7) O Clube Ginástico institui um prêmio de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) para a peça escolhida pela Comissão Julgadora, constituída por um representante da REVISTA DA SEMANA, um do Clube Ginástico Português, um da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, um da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e um da Casa dos Artistas.
- 8) Fica expressamente proibido a qualquer dos membros componentes da Comissão Julgadora, cujos nomes serão divulgados dentro de duas semanas, participar do concurso.
- 9) Todos os originais de peças devem ser diretamente remetidos a Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA, rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 10) Além da peça colocada em primeiro lugar, o Clube Ginástico Português fará representar pela sua Escola Dramática os originais classificados em 2.º e 3.º lugares, pagando aos autores os direitos da praxe, bem como outros originais que julgar interessantes para esse fim.

CONCURSO DE ROMANCES "REVISTA DA SEMANA"

Os múltiplos afazeres a que nos entregámos na elaboração deste certame, impediram que as bases para os três concursos distintos ficassem terminadas. Trata-se, como os leitores estão observando nestas páginas, de um empreendimento da máxima responsabilidade, ditado pelo mais alto objetivo, o de estimular o trabalho intelectual dos nossos patrióticos. Por isso mesmo o regulamento que se prende ao Concurso de Romances só será divulgado em número posterior, de vez que ao encerrar os trabalhos desta edição estamos ultimando as demarches naquele sentido. Sem dúvida, as grandes casas editoras do País estão interessadas nesta nobre iniciativa da REVISTA DA SEMANA, cujo propósito único é o de pugnar pelas artes e as letras brasileiras.

Aguardem, portanto, esse complemento da nossa tarefa; e quanto aos romancistas patrióticos, interessados neste empreendimento, podem, desde já, cuidar da elaboração de seus trabalhos, na certeza de serem os mesmos encaminhados em tempo oportuno para a comissão julgadora, que também estamos, neste momento, selecionando.

A SEMANA EM REVISTA

CHEGOU O ESPERADO



E só ele sabe, porque o esperado "tertius" teve a sua candidatura lançada em uma coluna, num pequeno "pé", que é como o pessoal das oficinas chama a essa

Quantos candidatos à futura Presidência existem? Dois, respondem todos. Respondem todos os que têm o hábito condenável de ler nos jornais apenas as notícias grandes e os títulos vistosos. Mas o leitor "marreta", aquele que na doce paz do quarto de pensão, estregando confortavelmente os dedos dos pés uns nos outros, à luz fraca da lâmpada de vinte e cinco velas, vareja o jornal de alto a baixo e de fio a pavio, aproveitando ao máximo os quarenta centavos, conferindo as próprias "chaves" dos clichês dos anúncios; o leitor que não perde do vespertino ou do matutino uma linha sequer, que corrige os "pastéis" e percorre os programas dos cinemas de Copacabana e de Vila Isabel — esse já sabe que há um terceiro candidato.

poeira noticiosa que rola sobre as estantes, pequenas composições de chumbo, que vão mudando de página para página e cujo fim é tapar os buracos deixados livre pelos anúncios e pelas matérias maiores. Muito bem: um desses "pés", numa segunda página de vespertino, anunciou outro dia que no Estádio do Vasco da Gama teria lugar a convenção do Partido Social Cristão, idealizado pelo sr. Silo Gonçalves, com o fim de combater os extremismos e de lançar a sua candidatura à Presidência da República. E' interessante lembrar agora, que o sr. Silo Gonçalves é candidato vitalício ao mais alto posto da Nação, concorrendo sempre ao pleito como elemento livre de partidos. Desta vez ele acha, e com razão, que não pode mais prescindir de uma agremiação política. Resolveu organizar um partido político para seu uso, um partido sério, patriótico, sem ligação com qualquer doutrina exótica importada do estrangeiro. Quer um partido cristão, que reúna em si todos os homens de boa vontade.

Os que não pendem para nenhum dos dois candidatos, os que não concordam com o programa econômico de Prestes, aí têm o seu esperado "tertius". Que saibam aproveitá-lo, é o nosso voto sincero.

S. EXCIA., A FADISTA



uma reportagem verídica e séria, informativa e serena. Limitámo-nos a transcrever, em linguagem jornalística, aquilo que nos foi dito por Amalia e por sua irmã Celeste. Os nossos comentários elogiosos se dirigiram tão somente aos dotes pessoais da cantora, que é, reafirmamos, uma moça inteligente e bonita. Não temos culpa de

A popular cantora portuguesa Amalia Rodrigues concedeu à REVISTA DA SEMANA uma entrevista, na qual fez ver que o fado verdadeiro, filho legítimo da Madrugada, da Mouraria e do Bairro Alto, não é nada disso que se cantava até então no Brasil. Disse isto ao repórter numa viagem de auto-lotação de Copacabana para a cidade. Mas não foi só o que disse a cantora. Declarou também que não gostava de publicidade e que tremia diante de uma "câmera". Esta última declaração nos pareceu sincera, tanto mais porque notamos de fato certo embaraço da fadista quando explodiam as lâmpadas de magnésio. Conseguimos, porém, fazer com ela uma interessante entrevista, ilustrada com fotos sugestivas. Naturalmente só nos moveu o intuito de oferecer ao público

que ela o seja. Não queríamos com a entrevista ferir as susceptibilidades de outros cantores de fados.

Tudo estaria bem se o sr. Manuel de tal, também fadista, não se lembrasse de fazer-se lembrado, a respeito da entrevista. Esse cantor, talvez por ter notícia de que Amalia ia estreiar num grande teatro, lançou um "A Pedidos" em duas colunas por trinta e seis centímetros. Falou mal de Amalia, tratando-a de V. Excia. (por sinal V. Ex.), e pediu que ela desmentisse ou confirmasse a entrevista. O "catatau" publicitário vinha assinado por vários portugueses, entre os quais o sr. Manuel de Tal, que é citado elogiosamente duas vezes no corpo do anúncio. Ele se faz de ofendido com a cantora, mas deve ter para ela um sentimento de gratidão guardado no fundo do peito. Sim, pois foi ela que lhe deu oportunidade para fazer auto-propaganda pela imprensa e ser citado por um cronista radiofônico.

Quanto a nós, sem que isto importe em apresentação de fatura e comprovante, aqui deixamos também o seu nome, duas vezes, em corpo oitavo, negrito. Ele deve estar enclumado, porque muita gente anda dizendo que Amalia é a maior cantora de fados que se encontra no Brasil. Saibam todos, porém, que não é ela; é ele.

O LADRÃO "OTÁRIO"



João dos Santos, homem que não quis mandar o dinheiro da caixinha "para o bispo", como se diz na gíria. Alvaro João dos Santos, que Deus se compadeça de sua alma. Você não sabia o que estava fazendo. Sabia apenas que havia dinheiro

"Seriam 13 horas quando o homem entrou na igreja do Bonfim e muito respeitosamente fez a sua genuflexão ante o milagroso padroeiro. Passou os olhos por todos os lados e a mão numa caixinha de esmolas e, sem mais aquela cerimônia da entrada, saiu apressadamente. Perseguido, correu sem abandonar a presa. Quando já na praça de São Cristóvão, foi preso pelo guarda civil n.º 1542, que o conduziu ao 16.º Distrito, onde o comissário, após a abertura do coque de esmolas, verificou conter a importância de Cr\$ 117,00. O ladrão ao ser autuado declarou chamar-se Alvaro João dos Santos, morador à rua São Luiz Gonzaga n.º 113, e ser ajudante de caminhão." (Do noticiário policial).

Estava punido assim o criminoso sacrilégio Alvaro João dos Santos, homem que não quis mandar o dinheiro da caixinha "para o bispo", como se diz na gíria. Alvaro João dos Santos, que Deus se compadeça de sua alma. Você não sabia o que estava fazendo. Sabia apenas que havia dinheiro

dentro da caixinha e que com o dinheiro você podia comprar o que quisesse, isto é, o pouco que pode comprar hoje quem tem no bolso Cr\$ 117,00. E você, Alvaro João dos Santos, ajudante de caminhão, queria com certeza comprar muita coisa. E' natural que você quisesse. Todo mundo, até mesmo um ajudante de caminhão, tem direito de querer. Só não tem o direito de poder. E você se enganou, pobre gatuno improvisado, como se enganou a sabedoria popular, quando disse que "querer é poder". E você agiu muito mal, tirando o dinheiro da caixinha, à vista do público, sem ao menos se disfarçar de padre para evitar suspeitas. Você errou ainda em pensar que podia salvar a sua situação de ajudante de caminhão, roubando a caixinha da igreja pobre. Você "trabalhou" mal, pobre diabo. Muito mal, mesmo. Estamos com dó de você, ladrão idiota, ladrão amador, ladrão! Esse sentimento de pena se transformaria em admiração e respeito se você se transformasse num ladrão profissional, ladrão de verdade, ladrão direito, ladrão no duro, ladrão na mais vasta extensão da palavra, ladrão desses que roubam duzentas grammas por quilo e duzentos cruzeiros. Isto sim, pobre "otário". Isto sim, é que é ser ladrão honesto!

O HOMEM COBRA



forte, destemido e bravo, a quem o caipora, a mula-sem-cabeça e o saci ninguém mete medo, ele não se deixou vencer pela força da serpente. Tentou sacar da cinta a terrível "peixeira" para liquidar a "perdição de Eva" (assim se chamam

O leitor sabe o que é uma giboia? Se conhece os sertões da Bahia e as margens do São Francisco em Minas, naturalmente que sim. E' uma cobra grande, gorda e malandra, que se esconde por trás das vegetações ribeirinhas, à espera do gado incauto e dos homens desprevenidos. Estendida no caminho parece um tronco inofensivo. Enroscada na tocaia é um perfeito cupim. Mas tão logo a presa chega ao seu alcance, desenrola-se com a rapidez de um relâmpago, envolvendo a pobre vítima em anéis de aço.

Em dias da semana passada, lá pelas bandas do Maranhão, o lavrador Antonio de Tal passava pelos campos de seus plantios, quando se viu de repente preso pelo envoltório musculoso de uma grande giboia. Caboclo forte, destemido e bravo, a quem o caipora, a mula-sem-cabeça e o saci ninguém mete medo, ele não se deixou vencer pela força da serpente. Tentou sacar da cinta a terrível "peixeira" para liquidar a "perdição de Eva" (assim se chamam

as cobras por aquelas pagas). Mas a bicha era dura no laço e trancou os braços robustos do lavrador num elo de ferro. O pobre homem estava com os membros imobilizados pela força do ofídio. Não lhe restava um movimento livre, que não fôsse a contração e distensão dos músculos faciais. E o caboclo aproveitou com inteligência esse recurso. Abriu uma bocarra que fazia inveja a qualquer giboia de classe e cravou os dentes nas carnes moles da "boa". A terceira dentada a serpente começou a dar sinais de fraqueza. Antonio de Tal viu que ganhava terreno e continuou a morder a bicha, que terminou perdendo a luta por desistência, fugindo do caboclo em grande velocidade. A cobra deve com certeza ter pensado, no seu raciocínio rudimentar de ofídio, na verdade daquele adágio: "perna para que te quero?". Mas, à falta de pernas, "pirou" a largas contorsões do valente lavrador, que correu em seu encalço de faca em punho. E, atrás de uma moita, o bravo maranhense deu cabo da fera, em grandes facadas, gritando: "Mardita. Foi você que me pôs no mundo e agora quer me tirar dele, mardioada"? Toma, "miserarve". Isto é para pagar o que você fez ao nosso pai Adão.

E cravou novamente a "peixeira" no lombo da pobre cobra.

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00. Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866.

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL.
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knopee & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados

A ASSEMBLÉIA DE DEUS, SEITA EVANGELISTA QUE SEGUE A SIMPLICIDADE APOSTÓLICA — UMA IGREJA MODESTA NO CAMPO DE S. CRISTÓVÃO — O ÓRGÃO, A ORQUESTRA E O CÔRO, MENSAGEIROS DOS HOMENS DIANTE DE DEUS — "ÀS ARMAS, SOLDADOS DO SENHOR!"

Com a reportagem que abaixo publicamos, estamos dando curso à série que elaborámos em torno das religiões do Rio de Janeiro. Esta se refere à Igreja Evangélica Assembléia de Deus, seita apostólica que teve sua origem em período relativamente recente e cujos primeiros missionários a pisar terras brasileiras aportaram a Belém do Pará em 1911.

ERA um sobrado cinzento, no Campo de São Cristóvão, igual a muitos prédios do bairro, um edifício de cimento armado erguido entre o casario antigo da velha praça. Mas diferente de todos, pois era a casa de Deus. Na porta, um grande letreiro desmaiado, sobre o fundo azul celeste:

"Jesus disse: Vinde porque tudo já está preparado".

Era um convite. As palavras de Lucas caíam nas consciências dos transeuntes como gotas de bálsamo sobre uma chaga. Lá dentro da casa cinzenta havia cantos e preces. Cá fora, a noite chuvosa humedecia o Campo de São Cristóvão cheio do ruído dos ônibus e dos bondes que passavam em disparada. Lá dentro, a paz do Senhor. Cá fora a luta dos homens...

O som do órgão, num hino místico, saía pelas janelas do templo e se espalhava pela praça, perdendo-se na agitação das ruas. E os fiéis cantavam, acompanhando a música, a glorificação do Senhor.

Iam entrando outros crentes, a igreja se enchia.

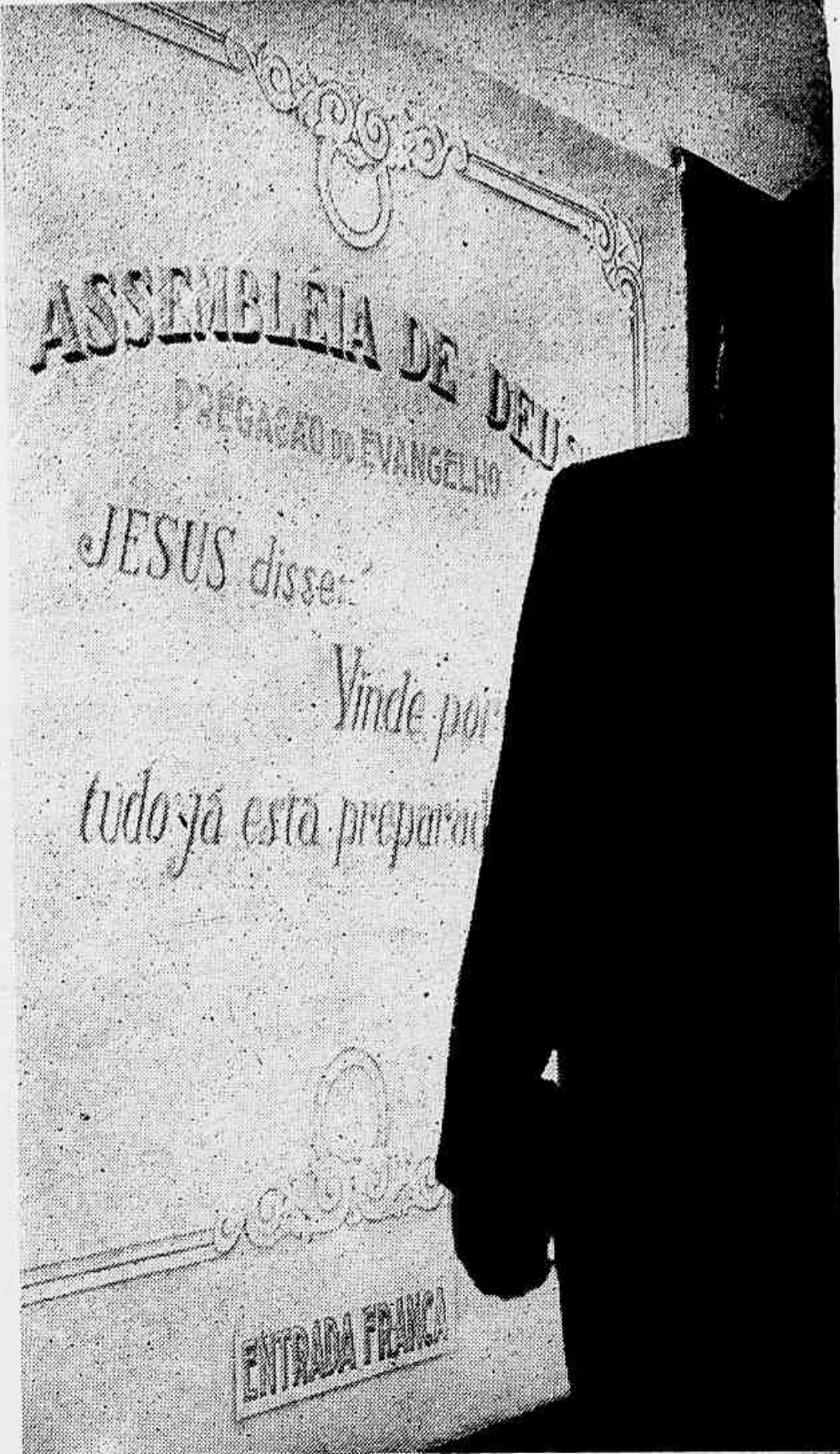
Transpusemos o umbral e caímos num mundo diferente, como se num segundo fôssemos transportado a uma região distante e desconhecida, por um passe de magia.

APENAS ALGUMAS FLÔRES

O templo é simples, de paredes nuas, sem requintes de arte e florões de luxo. Não se nota aqui aquela grandiosidade constrangedora que nos abate e nos oprime quando visitamos as velhas catedrais. Tudo é singelo e natural. Ao fundo o altar, uma espécie de palco, onde tomam assento, por trás de uma mesa ampla coberta por um reposteiro verde, os dirigentes da comunidade. Por cima dessa bancada, num balcão aberto, a que chamaríamos "côro", permanecem os músicos e os cantores. E' uma orquestra heterogênea aquela, composta dos mais diversos instrumentos, pois os adeptos dêsse credo têm a música como o melhor mensageiro para levar a Deus a palavra dos homens.

Os cantos na igreja da Assembléia de Deus não se parecem em nada com o canto-chão. Não têm as características de uma lamentação maguada, apresentando, muito ao contrário, o caráter de hinos de glória, com notas alegres e vivas, cantadas em altas vozes pelo côro.

Os cantores elevam as vozes ao céu, enquanto lá em baixo, atentos, os fiéis os ouvem respeitosamente, cercados pelas paredes nuas do templo, despidas de imagens coloridas e



Na entrada do templo lê-se em letras negras sobre um painel mural azul celeste: "Jesus disse: Vinde porque tudo já está preparado. Lucas". Os homens lêem o convite do evangelista e entram na igreja para se comunicarem com o Senhor.

A MÚSICA FALA A DEUS

Em dado momento todos se erguem. Os fiéis estão de pé, como os membros da mesa dirigente e os componentes do côro e da orquestra. Um silêncio respeitoso paira em toda a sala. Mas o pastor Cícero de Lima começa a pregar, lendo passagens da Bíblia e fazendo a sua interpretação apostólica. O templo é simples, sem florões vistosos ou imagens coloridas. As paredes nuas são um testemunho frio da modestia e da simplicidade que animam os crentes da doutrina evangélica. No centro da mesa coberta por um amplo pano verde, a grande Bíblia do Pastor.

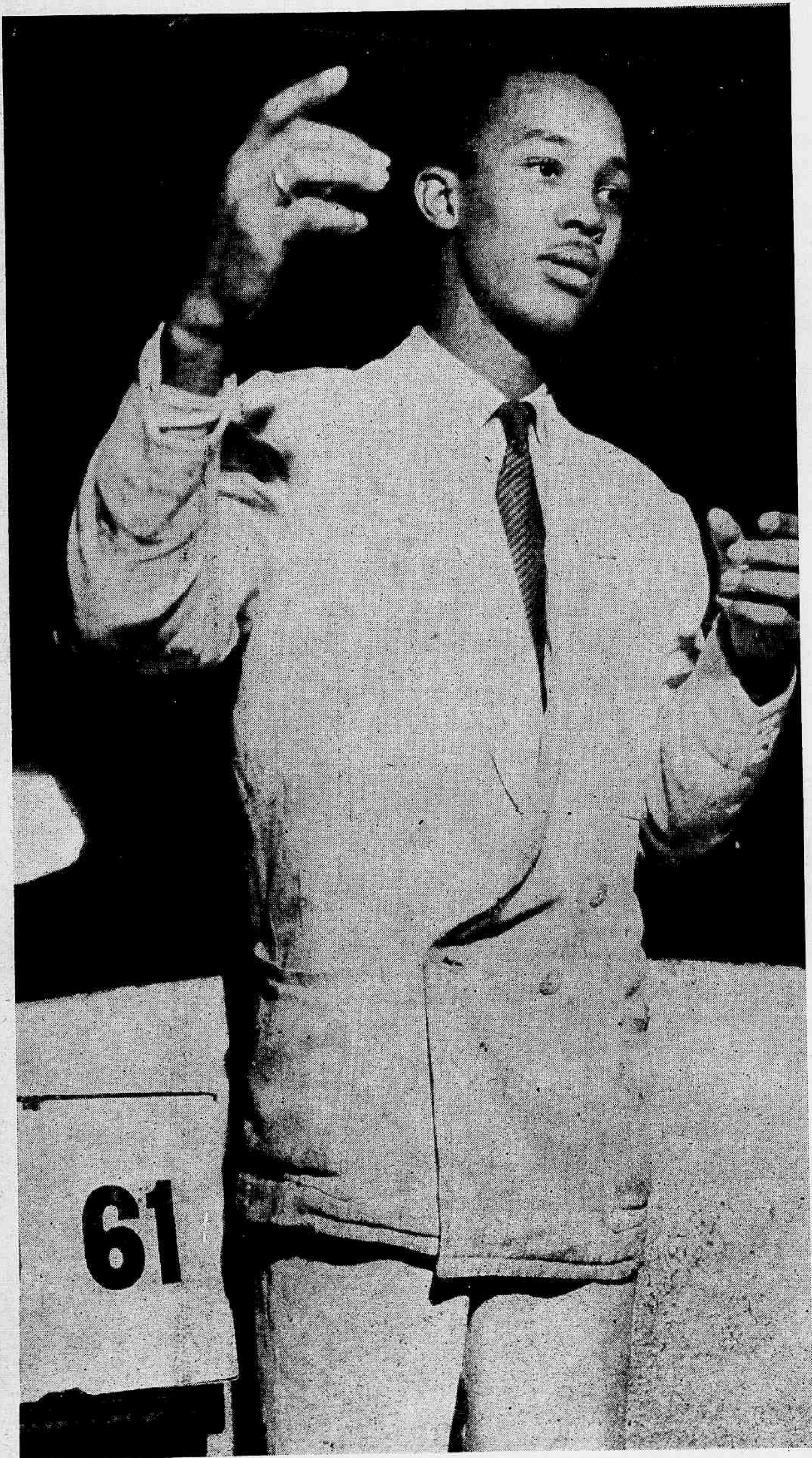


de festões vistosos. Tudo é simples e claro. Ao fundo, a mesa com os dirigentes da congregação ladeando o pastor, que toma assento no centro, diante da grande bíblia aberta. E, ladeando o livro dos livros, como os únicos objetos ornamentais do templo, viam-se apenas algumas flôres, flôres singelas. Não há copos-de-leite caros nem orquídeas custosas. Enfeitam a mesa rosas pobres, trazidas dos jardins

dos fiéis, algumas dalias vermelhas e um ou outro crisântemo desmaiado e triste. O templo é amplo, mas a sua estrutura arquitetônica, como todo o mobiliário, não apresenta retoques de luxo.

Pode-se dizer mesmo que não há arte naquela casa. As paredes nuas, a ausência de imagens santas, as linhas retas dos ângulos diedros, tudo é de uma simplicidade austera

O maestro dirige os instrumentos e os cantores. A ele, apesar de sua pouca idade, está entregue a direção da parte musical do culto, que é a parte mais importante do ritual. A sua responsabilidade é grande, mas ele desempenha com agrado a sua missão. Rege sem batuta, gesticulando apenas com as mãos. Ao fundo vemos o livro de fôlhas numeradas que assinalam os hinos que devem ser cantados pelo côro.



e rígida, que impressiona o visitante, acostumado já à visão dos templos de outras seitas, onde tudo são ornamentos e bordados.

A MÚSICA FALA A DEUS

O sr. Emilio Condés, presidente da Assembléia de Deus, ia nos informando a respeito do que víamos no templo. Atravessámos a grande sala, onde se aglomeravam centenas de crentes, e chegámos ao tablado onde os "leaders" da congregação se assentavam ao longo da extensa mesa coberta por um largo fôrro de veludo de um verde discreto e escuro. Sobre as nossas cabeças as vozes do côro.

Os cantores e os músicos estavam acomodados num amplo balcão, que abria sobre o templo numa arcada larga. Ali fomos ter subindo por uma escada em caracol, que terminava numa ante-sala estreita. E uma vez trasposta uma pequena porta estávamos no meio dos músicos. Eram homens, mulheres e crianças, velhos e moços que entoavam hinos ao Senhor, ou executavam nos instrumentos as músicas sagradas.

As cadeiras eram colocadas numa espécie de arquibancada, que começava junto à arcada, indo terminar no alto, de modo a que os últimos músicos ficassem com as costas junto à parede do fundo. Na fileira da frente estavam os violinos, um conjunto de seis instrumentos, integrado por moças e meninas. Atrás deles se dispunha o mais diverso instrumental de orquestra, que chegaria a ser bizarro não fôsse a alta expressão da música executada.

No centro dessa espécie de palco, sobre uma mesa tósca, uma cítara enorme.

Era o instrumento central, cujos sons graves ou agudos, tirados com força das cordas distendidas, enchiam a igreja com a melodia das músicas sacras. Em torno dela violões, violoncelos e cantores. Baixos profundos de meia idade, meninos, tenores, sopranos de cabelos brancos, uma confusão de idades, de côres, de raças, todos porém unificados na disciplina uniforme da harmonia. Nenhuma nota destoante no côro enorme, onde as vozes infantis, agudas e cristalinas se elevavam entre os dós graves dos barítonos.

Em frente ao côro o maestro, um jovem de côr, de 20 anos de idade se tanto, dirigia a orquestra e os músicos. Regia como um Stokowski negro, sem batuta, acenando com as mãos aos componentes do conjunto, designando a entrada dos instrumentos, controlando a intensidade, a altura e a duração das notas.

Como qualquer outra seita protestante, a Assembléia de Deus ensina a palavra de Deus através da música e leva a Deus os pedidos dos homens pela letra de hinos e salmos. As orações entretanto podem ser também feitas isoladamente no templo, mas as preces em conjunto, que aqui representam mais ou menos o mesmo papel que as ladaínhas nas igrejas católicas, são tôdas cantadas e acompanhadas pelo conjunto instrumental.

Estávamos ainda junto ao côro, quando o sr. Emilio Condés, que nos servia de cicerone, tomou de um grande "acordeon", um instrumento de fole em tudo semelhante aos "bandoneons" românticos dos argentinos e, integrando-se na orquestra, pôs-se a acompanhar o canto de glória que os fiéis elevavam ao Creador.

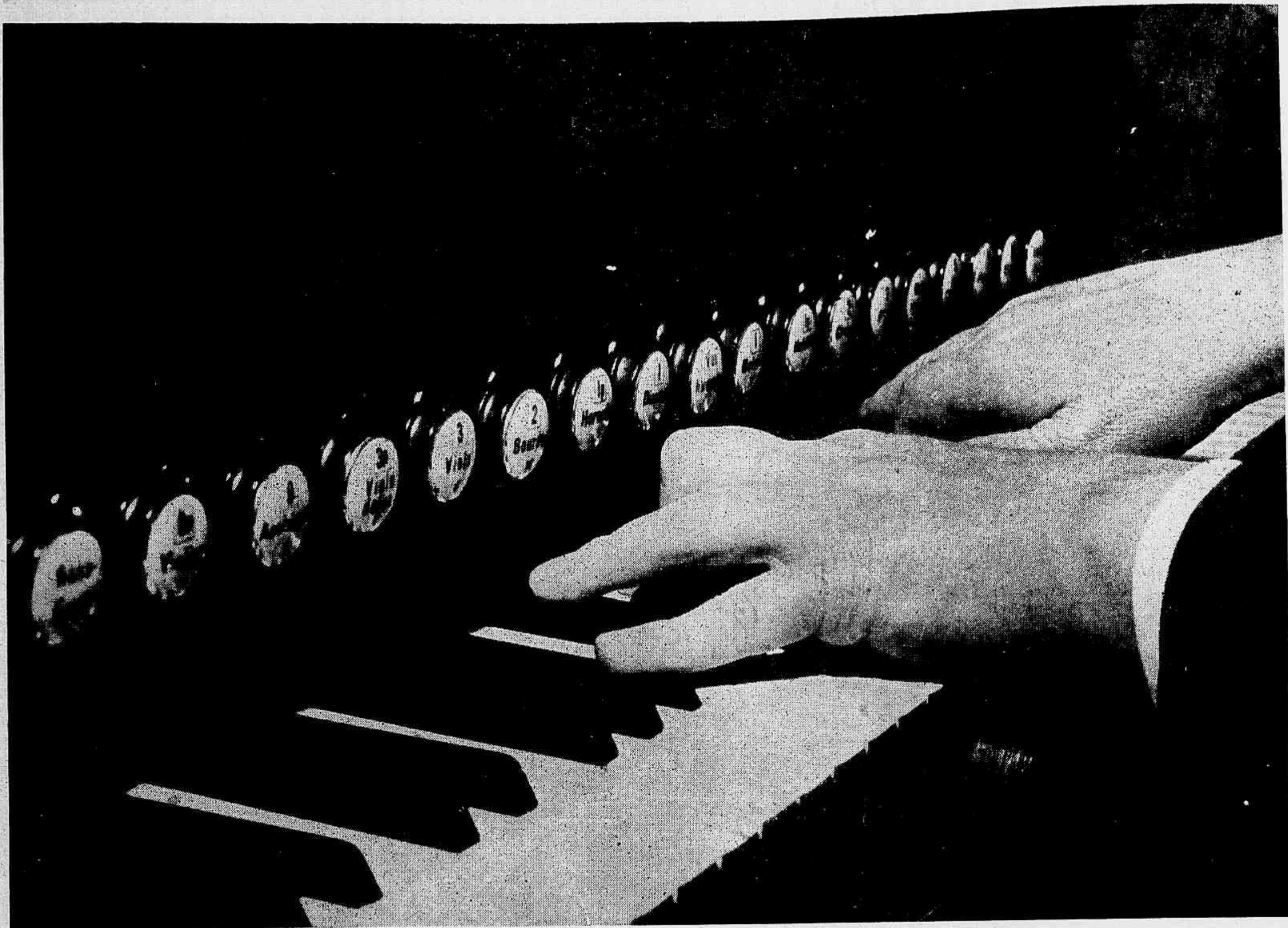
A PRÉDICA

Durante a semana os fiéis filiados à Assembléia de Deus reúnem-se três vezes no templo, para assistir aos cultos. Não se nota na igreja um vestuário que destoe da simplicidade do ambiente. Todos usam os seus trajes comuns de passeio ou trabalho. As senhoras não usam véu ou objeto semelhante. Os



Da orquestra da igreja fazem parte os mais variados instrumentos: os violões se misturam com os "acordeons" e os violinos.





O órgão, com as suas notas pesadas e solenes leva a Deus a música dos homens, como um protesto de gratidão e uma promessa de reconhecimento. As vezes, a sua voz solitária é uma prece sonora que enche todo o templo e se espalha pelo campo de São Cristóvão. Quando os cantores entoam o hino "As Armas", o órgão acompanha a orquestra, marcando a marcialidade do canto. As mãos do organista correm sobre o teclado do instrumento solene e nobre.

homens trajam-se modestamente em sua maioria. Nota-se aqui, como em todos os templos, que os fiéis presentes são em sua quase totalidade da classe média ou da classe operária. A religião dos granfinos é, via de regra, comodista e sedentária, preferindo eles permanecerem em suas residências de luxo, beberi-

cando "wiskey" ou jogando "pif-paf", a reverenciarem o Deus dentro de uma igreja onde se reúnem homens e mulheres de todas as classes.

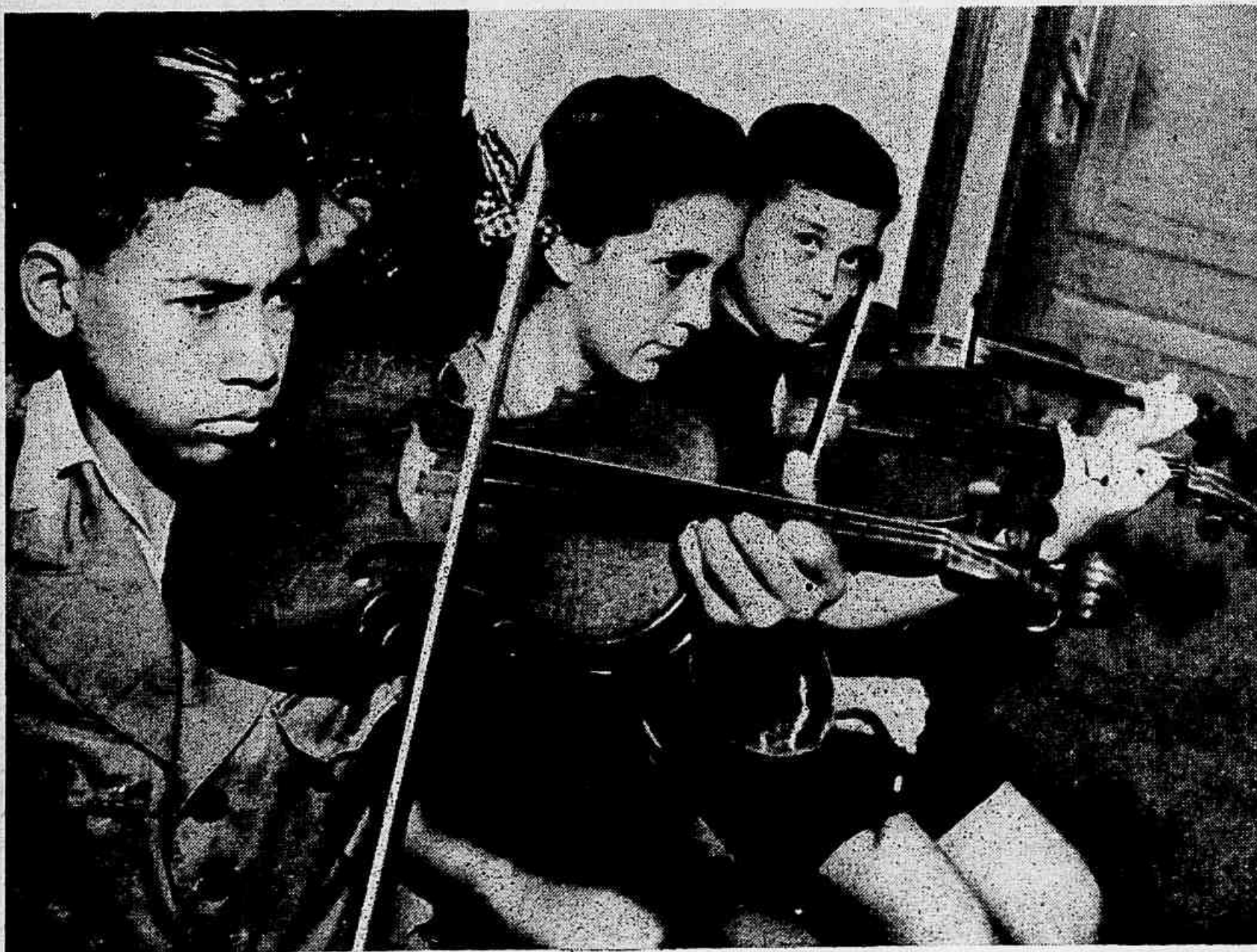
Na igreja da Assembléia de Deus há entretanto outro detalhe interessante, que não se nota nem mesmo nos templos onde se reu-

nem os adeptos de outras seitas protestantes: o pastor da comunidade não usa qualquer objeto que o identifique. Nem mesmo o colete negro usado pelos pastores protestantes ele traz consigo.

Do culto consta sempre a prédica do pastor, que fala aos fiéis da própria mesa, de pé, citando passagens da Bíblia, apresentando exemplos evangélicos.

No dia em que visitamos a Assembléia de Deus, dirigia o culto o pastor Cicero de Lima. Entramos no templo justamente no momento em que o pastor pregava, tirando da História e do momento atual exemplos dignificantes, que apresentava às ovelhas de seu rebanho numa linguagem doce e serena, com voz pausada, sem gesticulações exageradas ou arroubos de oratória. Em sua oração não havia retórica nem preocupação de literatura ou de imagens bonitas. Falava na linguagem simples da gente do povo, justamente para se fazer bem compreendido por aqueles que o ouviam. Era como um desses contadores de história tão comuns no nosso "hinterland", cujo vocabulário simples penetra tão facilmente na alma de nosso povo. O pastor fala dos evangelistas, discorre sobre a situação internacional, cita exemplos históricos de sábios e de heróis, tirando de tudo conselhos para os fiéis, de acordo com o seu ponto de vista religioso e moral. As fisionomias do auditório demonstram que todos os pensamentos se prendem às suas palavras. A atenção da assembléia está presa à sua voz. Ele é compreendido então por todos como o verdadeiro ministro de Deus, o homem que fala em nome do Creador. O poder divino lhe concedeu a graça de levar aos homens a palavra do Onipotente, e é esta palavra que os fiéis bebem avidamente, buscando um con-

"Deixai vir a mim as criancinhas". Assim o doce Nazareno. E as crianças se aproximam de Jesus, levando-lhe a sua música inocente. As fisionomias infantis refletem toda a alegria íntima que lhes causa esse contacto com Deus, feito através da música divina que elas arrancam das caixinhas mágicas dos violinos.



sôlo para a sua máguia, um lenitivo para a sua dôr, o esquecimento para o seu remorso, ou o perdão para o seu pecado.

A Assembléia de Deus é uma casa simples, um prédio indistinto do Campo de São Cristóvão. Mas no momento em que prega o pastor do templo, o interior da casa cinzenta de cimento armado é mais que um simples salão: é a Meca milagrosa para centenas de pessoas, é a Jerusalem providencial, é o Ganges que limpa o corpo de tôdas as enfermidades e lava a alma de tôdas as nódoas. Homens, mulheres e crianças, velhos, negros e brancos, todos se prendem à prédica do sacerdote como se dela dependesse a sua própria vida, como se ela encerrasse o mistério da própria morte.

"QUE DEUS GUIE E ABENÇOE A TODOS"

Terminara a prédica. Agora, dentre os fiéis aglomerados na sala pequena para os comportar, levanta-se um homem. Magro, alto, faces enrugadas, traz na fisionomia os traços característicos do animismo místico. Está de pé agora, a velha Bíblia de capa negra abraçada carinhosamente ao peito, o rosto iluminado por uma alegria íntima e profunda, um sorriso sereno e quase morto no canto dos lábios. Os seus olhos se voltam para o alto. E, de repente, cerrando as pálpebras, numa atitude de enlêvo e sonho, como se se possuísse de um êxtase místico, o homem começa a falar, pronunciando uma oração improvisada, pedindo a paz de Deus para os

seres e as coisas, para as terras devastadas da Europa, para a terra abençoada do Brasil, para os homens e as mulheres que oram, sempre fôsse bendita entre as terras.

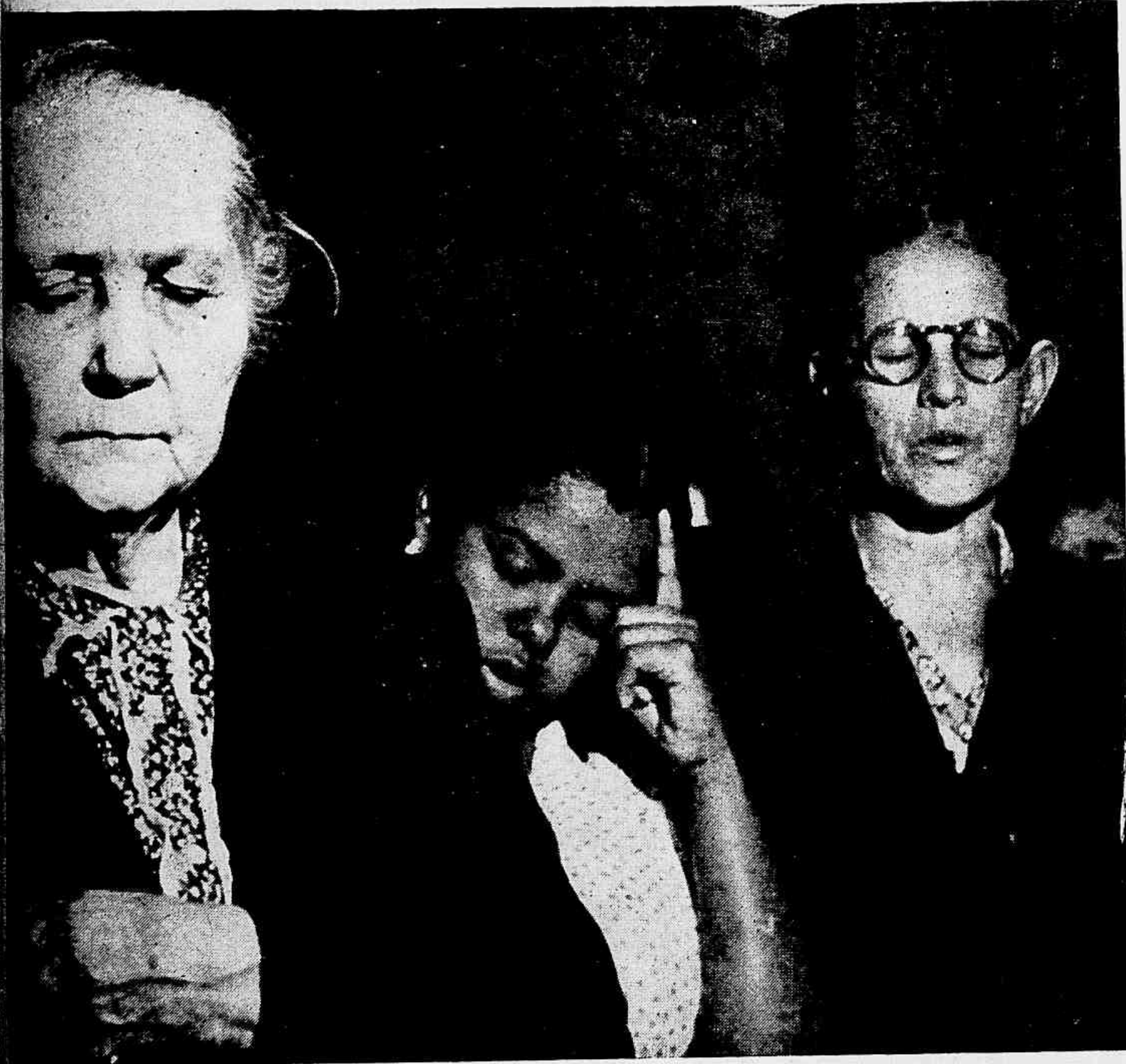
E o homem prossegue a sua prece, súplica comovente e ardorosa, que se eleva no silêncio respeitoso do templo, ressoando pelas paredes nuas.

Agora êle pede ao Senhor que conduza o Brasil pela senda do progresso e da paz, iluminando os homens públicos e as autoridades, fazendo com que êles nunca se afastem do caminho traçado pelos seus santos preceitos.

Os circunstantes ouvem respeitosamente a palavra do homem que ora. Vê-se pelos seus traços que é um homem do povo. No momento

De repente parou o canto. Um homem se levantou dentre a massa de fiéis que oravam e começou uma oração, sozinho, no meio do silêncio geral. Pedia a paz de Deus para todos os povos, rogava ao Eterno sua bênção para tôdas as nações. Fazia uma súplica de justiça para os homens, pedia ao Creador perdão para o crime dos maus e recompensa para o trabalho dos bons. De olhos cerrados, mãos postas, com a marca do animismo místico que o impulsionava nas faces congestionadas, êle era a própria encarnação da fé e da religiosidade. Terminou pedindo ao Senhor que iluminasse com sua sabedoria os que têm em suas mãos o destino do Brasil, terra que "sempre bendita fôsse entre as terras".





Velhos, mulheres e crianças, na comunhão solidária da fé, estão reunidas no templo do Campo de São Cristóvão, para pedirem a Deus a sua infinita misericórdia. Em todas as faces há um "que" de sentimento místico que se evola nas orações cantadas. O som do órgão enche de melancolia as almas e traz aos corações a impressão da presença de Deus. Agora toda a congregação canta um hino de Glória ao Eterno, uma mensagem de fé aos homens.

Os cantores do cântico entoam hinos sacros, lendo no livro as letras dos mesmos. São velhos, mulheres, homens feitos, jovens que formam um conjunto harmonioso de vozes heterogêneas. Barítonos, baixos, vozes cristalinas de meninos e meninas se confundem no hino sagrado, com as vozes do órgão e dos instrumentos da orquestra. Os membros da Assembléia de Deus têm a música como a expressão mais pura da arte humana e, por isso mesmo, o caminho mais fácil para levar os homens à presença do Senhor. Eis por que eles põem em seus cânticos sagrados todo o sentimento de sua alma e toda a força de sua fé.

porém para os que o escutam ele é mais que isso: é um ser inspirado pela graça de Deus, criatura mais que humana, um ente quase divino. Mas não toma tento das emoções dos ouvintes, pois está perdido em paragens etéreas, com olhos só para ver o Deus a quem fala, como ouvidos só para ouvir o Deus que o fita. Um sopro de beatitude invade a igreja. Calou-se a voz que orava. Pode-se ouvir agora o vôo de uma mosca.

A VOZ DO ÓRGÃO

Dentro desse silêncio misterioso e profundo vão se elevando, primeiro num pianíssimo quase imperceptível, depois num crescendo suave e melancólico, que enche por fim toda a igreja, as notas solenes e pesadas da música do órgão ecoando num solo religioso de uma beleza mística e nostálgica.

O sr. Emilio Condés, além de tocar "acordeon" na orquestra, é também o organista do templo. O instrumento que ele maneja agora com maestria é um pequeno órgão de pedal com tubos embutidos, muito modesto e simples mas capaz de encher toda a igreja com sua voz solene e ampla.

Durante muito tempo ressoam os acordes no ar, pairando sobre o silêncio dos fiéis como uma música chegada do céu. Mas a uma ordem do pastor toda a congregação acompanha os cantores do cântico e a música da orquestra, que vibra inteira e uníssona numa exaltação ao Eterno.

O culto segue o seu ritual com cantos sacros, hinos de glória e de alegria que falam da vida paradisíaca e do prazer de servir ao Senhor.

Misturam-se no grande cântico as vozes infantis dos meninos espalhados pela igreja com as vozes dos anciãos que oram com a Bíblia fechada sob o braço. Todos cantam no tem-





"As armas", dizem os versos do hino triunfal. E' um canto de guerra, uma marcha de guerra. Tôda a congregação, de pé, entoam o canto sagrado. O pastor, o côro, a orquestra, o órgão tomam parte na música, que é o ponto culminante do culto. "As armas", bradam todos. E a igreja se enche tôda daquele grito de guerra. Guerra ao crime, guerra ao vício, morte à maldade. A arma do fiel é a Bíblia. Por isso, quando cantam a estrofe final do hino de Glória, todos levantam os livros sagrados, como se apresentassem armas. Um frêmito de entusiasmo percorre as fileiras dos crentes. Todos estão prontos para a árdua luta da evangelização.

plo, moços e velhos, negros e brancos, na confraternização solidária da crença. E sobre as vozes difusas paira o som do órgão pesado, solene...

"AS ARMAS"

O canto cessa de repente, num "stacato" inesperado. A voz do rev. Cicero de Lima ordena agora aos fiéis que cantem o hino "As Armas". Esta é a parte culminante do ritual. Todos permanecem de pé enquanto entoam o hino sacro, que tem a duração de mais ou menos um quarto de hora. Cantam entusiasmadamente, com o peito erguido, o olhar levantado para o céu. Estou falando das armas de combate de um cristão, que é justamente o livro dos livros. Trazem todos a Bíblia sobre o peito, sobraçando-a com amor e carinho. São soldados de Deus armados para a luta, que cantam o seu hino de combate. A Assembléia de Deus é uma seita evangélica cujo principal objetivo é trazer para o seio da religião as ovelhas desgarradas. Tem a catequese como o ponto máximo de seu código de honra, a conversão dos homens é a sua maior glória. Eis por que, considerando-se assim combatentes da causa de Deus, eles cantam com tanto entusiasmo o hino "As Armas", que é mais, tanto pelas suas características musicais como pela sua letra, um canto de batalha que uma música religiosa. Imbuídos dessa fé ardente que faz heróis e santos, dispostos a todos os sacrifícios e a tôdas as vicissitudes, os fiéis estão cheios das notas vibrantes do hino que os conclama ao combate. De pé, na postura rígida dos soldados disciplinados, eles cantam com ardor o seu canto de guerra. Um frêmito de entusiasmo

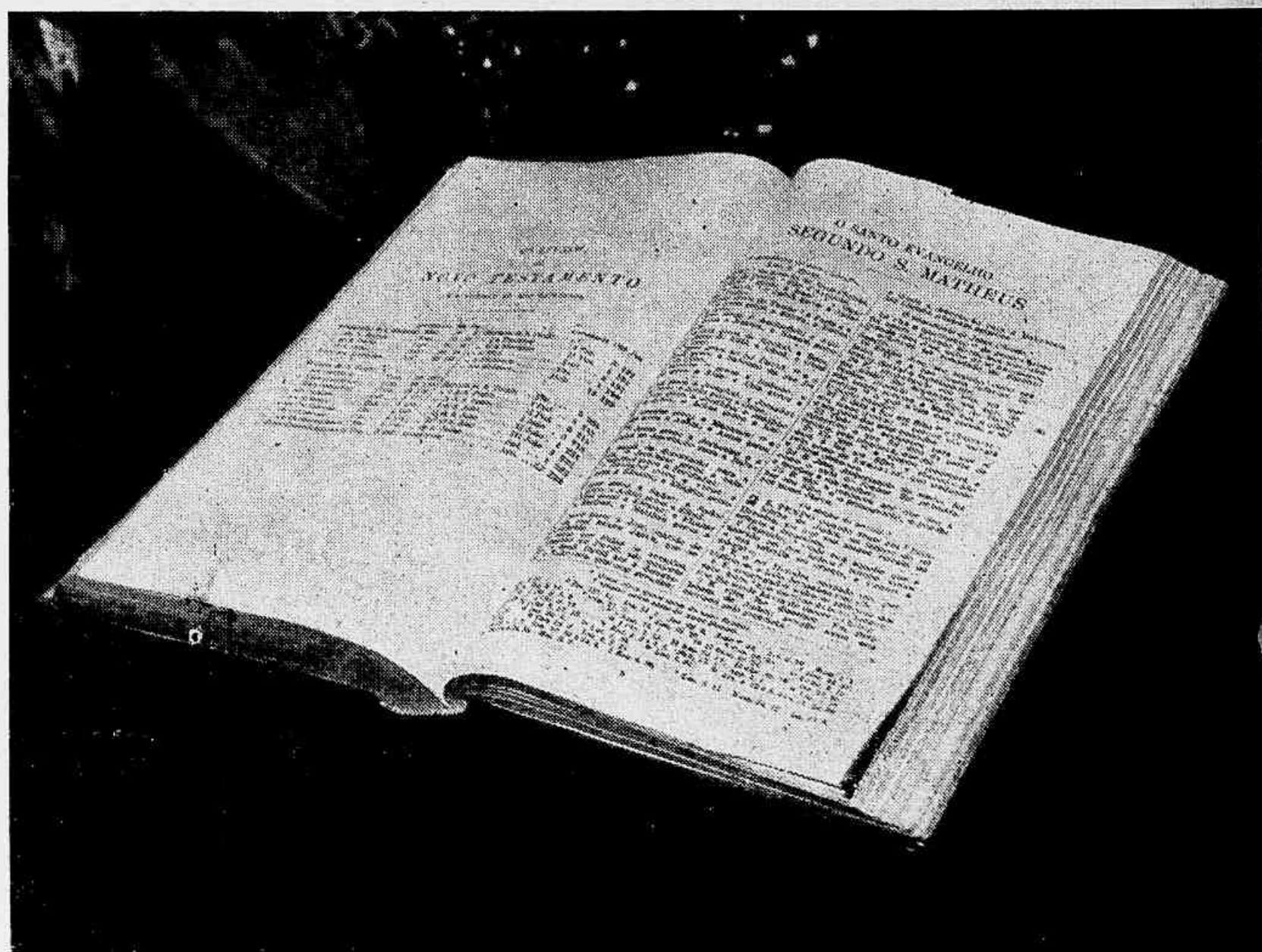
percorre as fileiras dos crentes. O pastor, os seus acólitos, os elementos do côro, todos estão de pé, prontos para a luta árdua da evangelização, que é para eles o que de mais sublime pode reservar a vida, o sentido máximo da própria existência.

Em dado momento, entoando a estrofe final do grande hino, os fiéis erguem ao ar as Bíblias, como se fôsem soldados apresentando armas.

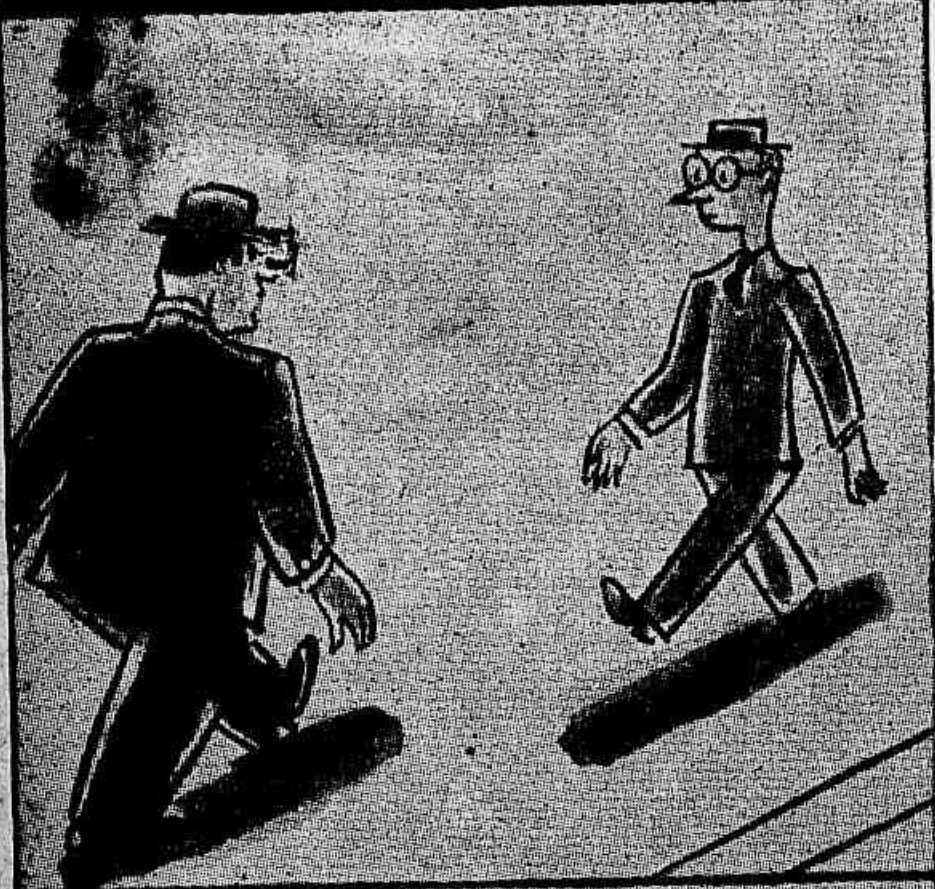
E' chegado o momento mais significativo

(CONTINUA NA PAG. 50)

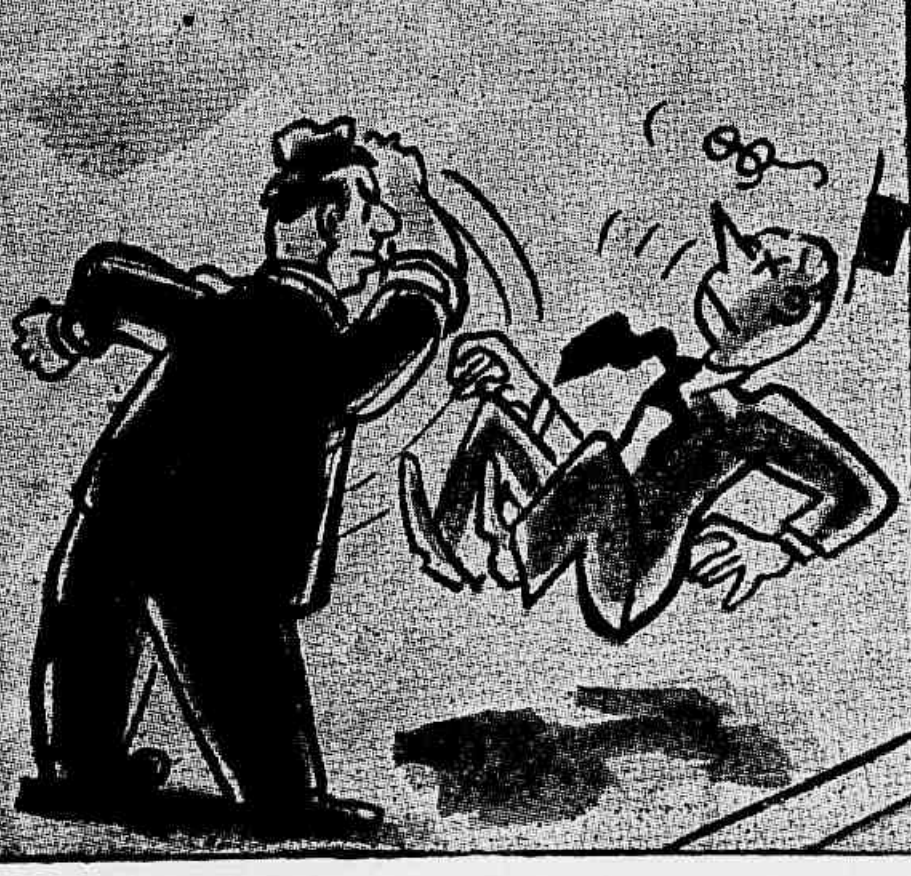
A Bíblia comanda tôdas as passagens do ritual. A própria prédica do Pastor vem sempre pontilhada de citações tiradas do livro dos livros. O Evangelho é o código e a diretriz dos membros da Assembléia de Deus. Ele está sempre presente à mesa do chefe da congregação. E' aliás o objeto que domina o templo, pôsto sobre o fôrro verde da tábua. E ladeando-o, como únicos objetos ornamentais, apenas algumas flores.



DE BOM HUMOR



STAMATY.



— Mas “seu” sargento, isto foi idéia de mamãe.

Há uma grande surpresa nessa original história que conta as aventuras, ou desventuras, de um jovem entusiasta de corridas

Os apuros de um autor

Novela de
EDGAR WALLACE

Este conto é policial porque nele, como é de praxe, há policiais. Crime, propriamente, isto é, homicídio, não há, mas espero suprir essa falta aos olhos dos leitores mais sanguinários por uma série de incidentes, fraudes, coisas menos graves mas que, pelo acúmulo, pode assumir proporções respeitáveis. Eis-nos, portanto, no fim das explicações. Caminhemos em linha reta para os acontecimentos que fizeram com que a cidadezinha de Tranton risse a bandeiras despregadas, depois ficasse bem séria e, mais tarde, novamente demonstrasse a mais franca hilaridade. Suficientemente intrigados, transporto os leitores para a casa do major Willet, onde tem lugar o primeiro incidente — sem dúvida o mais importante, a chave e o “pivot” da intriga.

— Não, francamente não — disse o major à filha.

Esta, segundo a tradição das heroínas descontentes, pôs-se a chorar, o que abrandou, de certo modo, o pai. (E' muito necessário que o pai se abrande com as lágrimas da filha, senão o público se endurecerá em relação a ele, e na verdade o autor tenciona distribuir-lhe um papel simpático. Um homem sensato, mas de modo algum sem coração.) Portanto, suficientemente comovido pelo desgosto do seu rebento, ele pôs-se a consolá-la.

— Escute, Anne, você precisa ser razoável. Se eu ao menos tivesse uma prova de que o rapaz faz tudo isso por algum motivo... Mas assim, gratuitamente... Repare bem que não tenho nada contra ele, além desse defeito, mas que esse me pa-

rece suficientemente grave para recusar-lhe a sua mão.

— Mas, papai...

— Não proteste, Anne. Como vou deixar que você case com esse grande mentiroso? Não vê que quando ele for seu marido continuará a mentir tão descaradamente até para você?

— Escute, papai: as provas contra Harold são meramente circunstanciais. E' um acúmulo de coincidências... Só.

— Você não negará que ele mente.

— Afirmo que você não pode ter certeza.

— Como não? Então depois que ele chegou aqui não nos atormenta com as suas façanhas? Um bom rapaz, já disse, mas tem essa fraqueza e só Deus sabe até onde poderá levá-lo.

— Escute, papai: você há de convir que Harold só mente, como você diz, a respeito de cava-

los. Em negócios de dinheiro, por exemplo, ele é de uma honestidade até exagerada.

— Não deixa de ser uma confirmação da lei das compensações... mas, afinal de contas, tudo isso é muito penoso, muito triste e inútil, em suma. Não cederei enquanto você não me provar ou que ele não mente ou então que tem uma boa razão para essas mentiras.

Jane retirou-se para seu quarto e o pai foi jogar golf. O caso estava encerrado, na opinião de ambos, e ambos estavam mal satisfeitos com o resultado. Mas a verdade é que, em vez de encerrado, mal tinha começado a série de acontecimentos que culminariam com a Grande Fraude de Tranton, como, mais tarde, veio a ser conhecida...

Mr. Freight era outra pessoa envolvida no caso. Quanto a ele,

nenhum escrúpulo impede o autor de descrevê-lo com as cores mais negras e os adjetivos mais pejorativos de seu vocabulário. E é isso, na verdade, que tenciona fazer. Mas como o autor, isto é, este seu criado, é um cavalheiro muito preguiçoso, e como, por outro lado, ele não quer cortar as asas da imaginação do leitor, prefere, em vista disso, deixar a cargo deste e de seu poder inventivo um caráter bem negro, uma alma bem preta para o Freight.

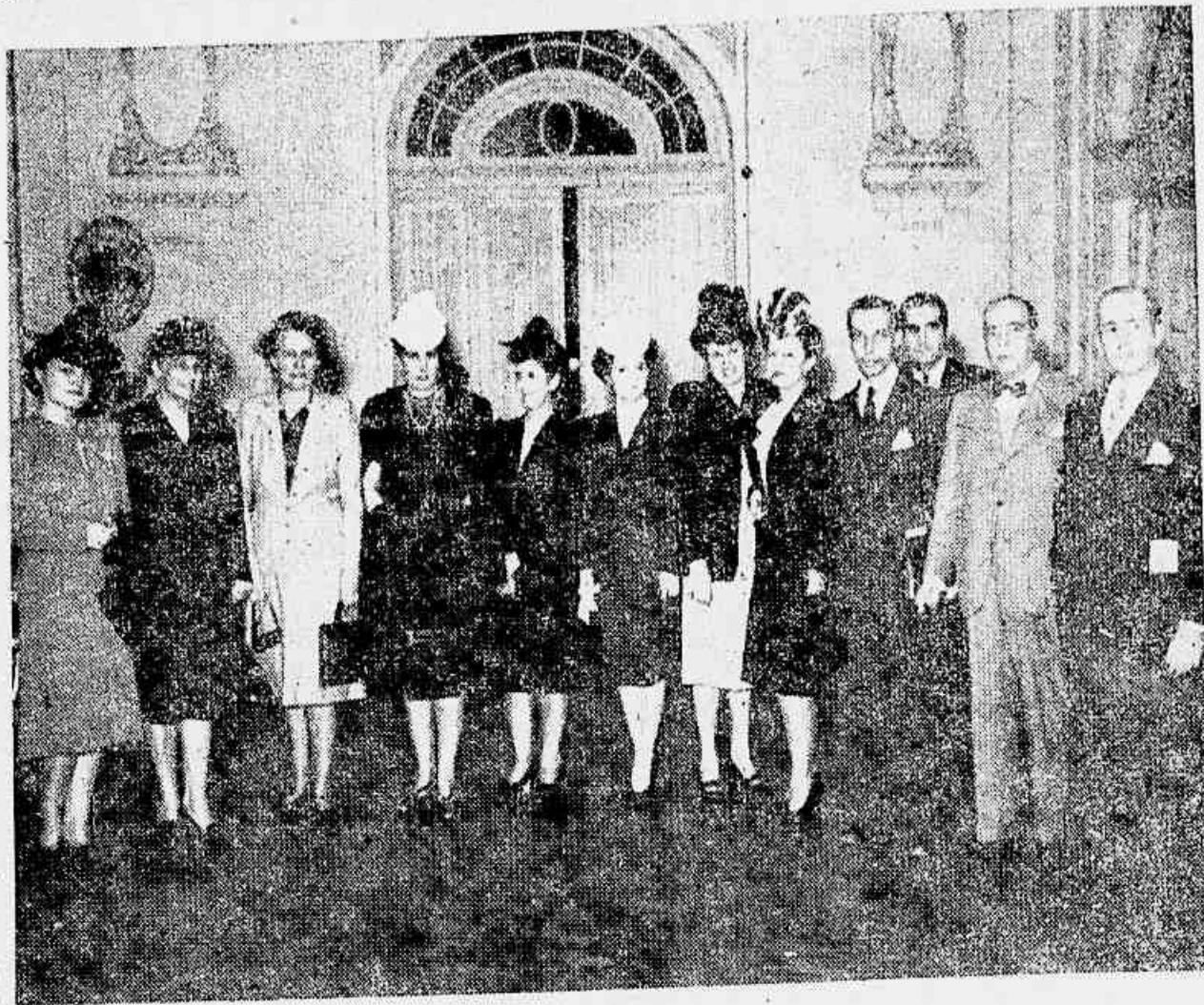
Não há tempo para delongas. Passemos aos atos de Freight. Não podemos negar que no dia em que começamos a acompanhar seus passos ele revelou um procedimento estranho.

Cedo ainda ele se dirige a um campo de golf, onde conversa longamente com o major.

— Não estranho, major, eu

(Continua na página 45)



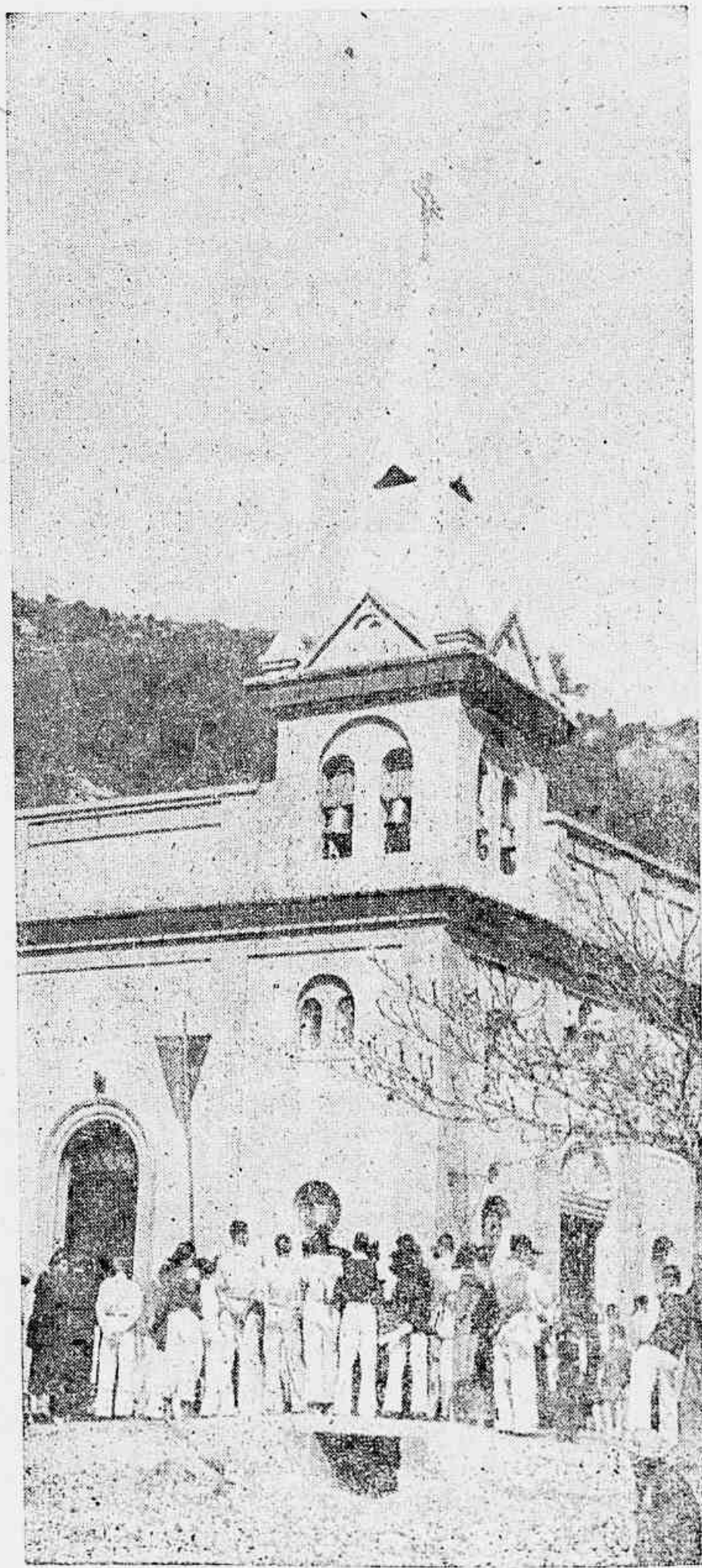
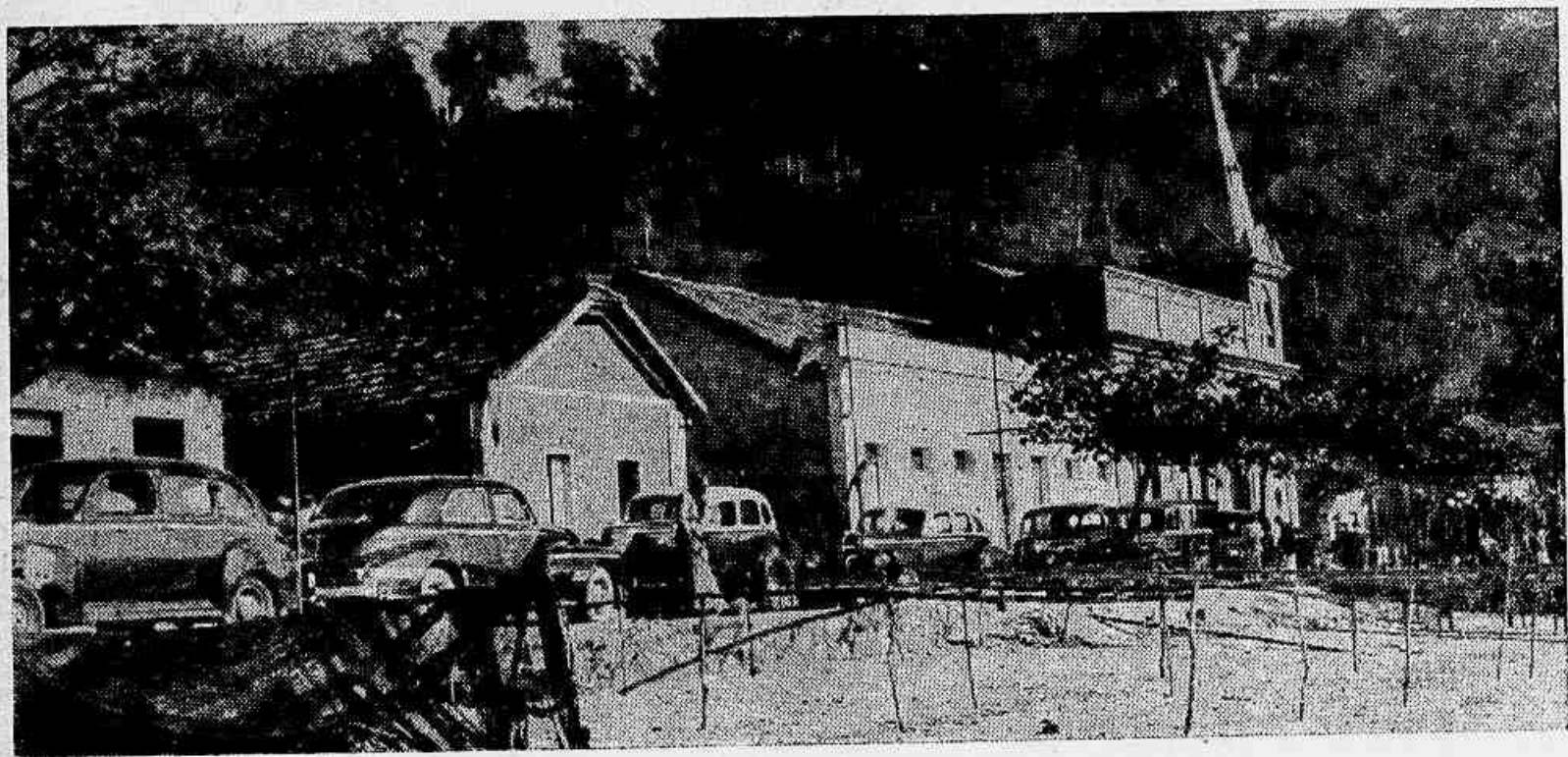


JOCKEY CLUB MUNDANO

Apresentamos acima alguns aspectos colhidos durante o elegante almoço de domingo último no restaurante da tribuna de honra de Hipódromo da Gavea.



Realizou-se no dia 29 de junho ultimo, data consagrada a São Pedro, a inauguração da igreja que tem como padroeiro aquêle apóstolo, na localidade fluminense de Jurujuba. Ao ato inaugural do novo templo compareceram os mais representativos elementos da alta sociedade de Niterói, o interventor Amaral Peixoto e exma. senhora e figuras representativas do clero. Damos nesta página quatro aspectos dessa tocante solenidade.



C I N E M A

“A Noite Sonhamos”

Com as exibições do filme da Columbia, voltou o velho Palácio aos seus dias áureos. E voltou em grande forma, tornando a ser o ponto de reuniões elegantes da cidade, o cenário das concentrações femininas da Cinelândia, porque, francamente, ainda não existe cinema mais simpático e melhor situado que o Palácio, sem desmerecer dos demais. O que nós vimos esta semana no cinema da rua do Passeio, não só à noite mas também à tarde, com as vespertais floridas de gente moça e ruidosa, faz lembrar o tempo em que cinema elegante era apenas o Palácio, ainda sem remodelações, ainda exibindo Greta Garbo, John Gilbert, Norma Shearer e Ramon Novarro. Todavia, ele vinha caindo no esquecimento, mas “A noite sonhamos” fez o milagre de repor o Palácio no que já foi e deve continuar sendo. Tudo depende da classe de filmes que ali sejam programados.

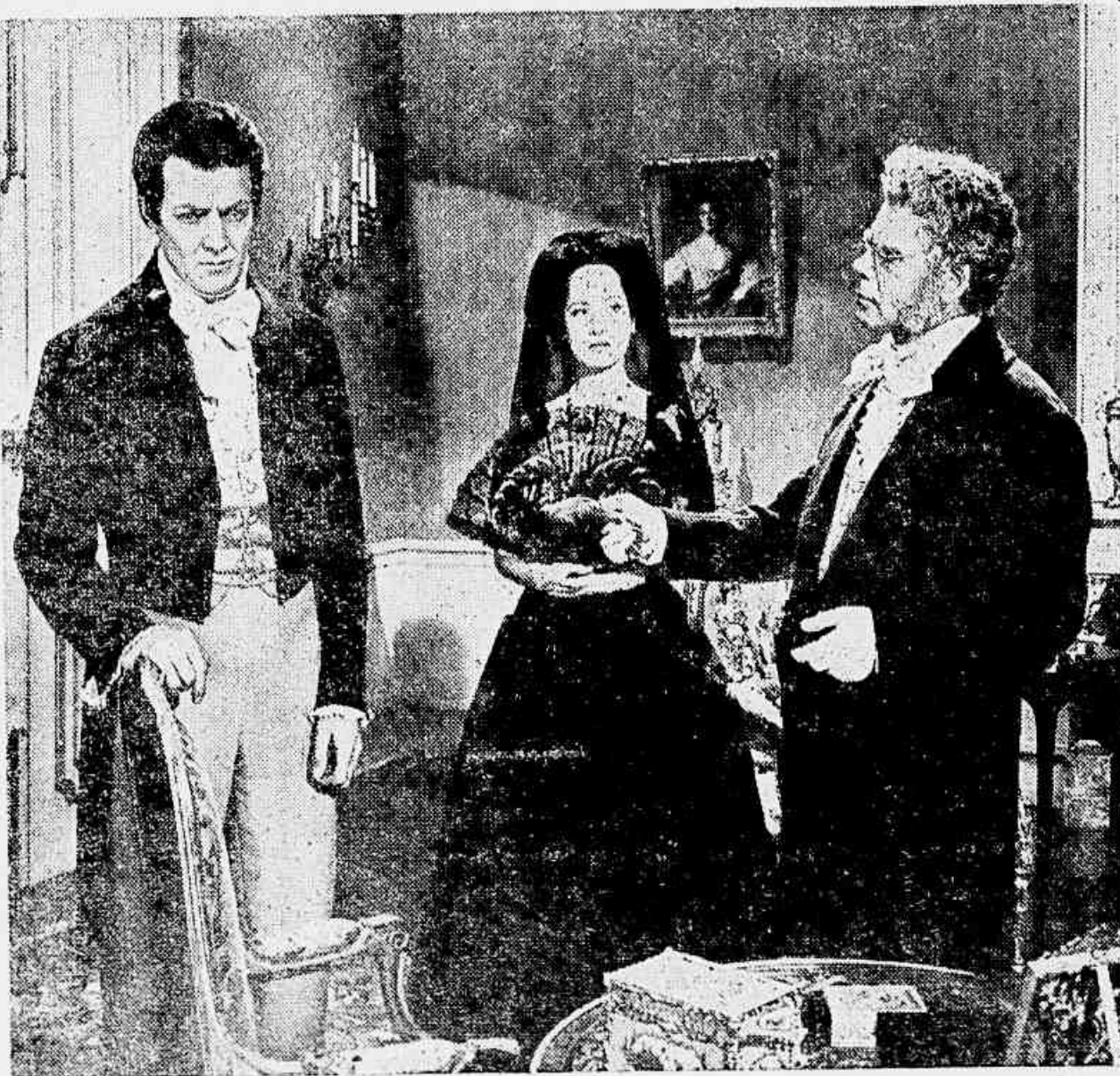
Ninguém pode garantir que a Columbia tenha na sua produção deste ano mais filmes do calibre desse a que nos referimos. Mesmo quando isso não aconteça, ela se enfileirou já entre as marcas que nos vêm dando o melhor da estação. O filme onde se focalizam os amores de George Sand, esquisito e provocante tipo de mulher cujo nome foi legado à história e a literatura da Inglaterra, de onde se irradiou para o mundo, custou a ser feito mas veio correspondendo à expectativa formada nestes dois últimos anos. Veiu para demonstrar, ainda uma vez, as preferências do nosso público pelos espetáculos onde sejam conjugados os três fatores realmente observados em “A noite sonhamos”: romance, música e uma história calcada em motivo real. Faz recordar, guardadas as proporções, aquela memorável “Sinfonia Inacabada” — e se a biografia de Schubert foi um sucesso grandioso, esta de Chopin não ficará por menos. Chopin viveu uma época de decisivo sentido histórico. Era a Europa também combatida por paixões políticas. E a França de Balzac também ali está, com sua estrutura intelectual. E a intriga de alcova, dos bastidores da política e das letras, acompanhando a marcha gloriosa do compositor polonês, o que nos conta o filme que traz a rubrica direcional de Charles Vidor. Chopin desde a infância, Chopin com suas primeiras arremetidas ao piano, o gênio em ebulição, o cérebro escaldante, o homem que será, por assim dizer, o historiador, em pautas, das lutas libertadoras de sua pátria, guiado por um mestre que soube conduzi-lo ao triunfo maior.

Merle Oberon, que só é artista algumas vezes, Merle Oberon que vem de libertar-se do quante ditatorial de Alexander Korda, faz lembrar pela sua linha, pela compostura pessoal que empresta à heroína, aquelas suas primeiras realizações do tempo de Henrique VIII. E Paul Muni, mesmo em um filme onde não pode absorver todas as atenções, é sempre o grande ator que o cinema umas vezes aproveita, outras não. A composição de Cornel Wilde em Chopin enquadra-se à imagem que nosso espírito sempre concebeu. Vamos reconhecer que Charles Vidor, nem sempre bem sucedido, desta feita arcou com a responsabilidade. Tudo o que favoreceu, é certo, desde a história aos intérpretes, da música ao technicolor, colaborando para o embelezamento do espetáculo. Há de tudo nesta película, talvez um pouco longa como sucedeu também com “Vaidosa”. Mas desculpa-se a metragem quando tanta coisa bela e agradável se conjuga para satisfazer-nos os sentidos. Talvez exista quem acabe considerando o Chopin de Charles Vidor por demais americanizado. Mas o pedito pode ser absolvido em face das muitas qualidades do espetáculo, subordinado à classe daqueles que não se esquecem facilmente e que nós recomendamos sem restrições. — C.

Cotação: 4 (ÓTIMO)

A REVISTA está publicando nesta coluna a apreciação de uma das boas estréias da semana, ou de melhor, serviço feito em combinação com a crítica cinematográfica de “Cine-Rádio Jornal”, programa irradiado por Celestino Silveira na PRE-3, Rádio Globo, em todos os dias úteis, das 12.30 às 13 horas.

As três principais figuras de “A noite sonhamos”: Merle Oberon, Paul Muni e Cornel Wilde, em um momento culminante do filme que repôs o Palácio nas suas tradições de grande casa exibidora.



M U S I C A

Recreação Popular

Tôda a iniciativa deve ter um início. E' a ordem lógica do desenvolvimento. Mas acontece que, influenciados, talvez, pelo termo que designa o fato, a maioria dos indivíduos que têm uma idéia aproveitável, não leva a iniciativa além do início. Para que dessa idéia surja uma realização, mesmo que esta não seja a execução integral do projeto, é preciso coragem, perseverança e habilidade.

Quando ouvi falar em uma discoteca pública, onde o povo poderia ouvir, gratuitamente, a música erudita, pensei que fosse mais um desses planos interessantíssimos que certos dilettantes nos trazem do estrangeiro e que morrem com a atividade exaustiva de alguns artigos, muitos projetos e... nada feito.

Vim, mais tarde, a conhecer Maciel Pinheiro, despendeado, ativo e dinâmico, à sua mesa, na Rádio Difusora da Prefeitura. Então acreditei, não só no que ele me disse, que foi pouco, mas nos fatos que ele me apontou, naquilo que me mostrou: e isso foi muito.

Somente quem já teve o desejo de organizar alguma coisa nesta nossa caótica terra tem a noção das dificuldades com que Maciel Pinheiro lutou e ainda luta, pois felizmente não tenciona parar tão cedo.

Recentemente, entre as muitas obras que vem empreendendo simultaneamente, Maciel Pinheiro inaugurou a série de concertos “Recreação Popular”, com a qual ele pretende levar ao povo a arte dos maiores intérpretes.

Não poderia deixar de agradecer tão simpática atitude, mormente nesse momento em que se cogita mais do que nunca da democratização do País. Seria uma democratização da arte, ou, quando menos, um passo em sua direção.

Maciel Pinheiro me pediu, particularmente, que não fizesse elogios à sua pessoa. Tive o maior prazer em desobedecê-lo, nesse particular; mas apesar disso queria, nesta crônica, aliás de acordo mesmo com a nossa combinação, conversar amigavelmente com ele, a respeito da orientação dos programas.

O prof. Nogueira França observou, logo por ocasião do primeiro concerto, que o programa poderia ser melhorado. Maciel Pinheiro, que tinha deixado a cargo do maestro Martinez Grau a organização do primeiro recital, achou justa a objeção e tentou elevar o nível das apresentações. O que me parece, todavia, é que falta à Prefeitura um programa — já não falo mais dos recitais, — um plano geral, uma espécie de programa de ensino, desde que, nas palavras de Maciel Pinheiro, trata-se da “educação estética do povo”. Sinto não ver, nos concertos, uma apresentação sistemática, que poderia ser fecunda, proporcionando a orientação que o povo sem dúvida necessita.

Não podemos lançar o público, que não está habituado a assistir a concertos, numa série desencontrada de recitais. Creio que tiraria mais proveito da sua organização se preparasse uma série metódica e, em vez de limitar os esclarecimentos a notas de programa, pedisse aos críticos musicais e aos professores de Musicologia conferências orientando e sistematizando, enfim, que tornasse os concertos uma verdadeira “Introdução à Música Erudita”.

Ninguém mais do que eu sabe como é fácil criticar e difícil realizar. O que Maciel Pinheiro fez é muito e, além disso, inédito entre nós. Ele despendeu, para conseguir seu objetivo, esforços que merecem os maiores elogios. As sugestões que apresento não podem nem devem passar de sugestões, porque evidentemente não estou ao par das possibilidades e das objeções que porventura se oponham à concretização de um projeto mais amplo e mais ordenado. Organizar tôdas as semanas um concerto não é tarefa para qualquer. Maciel Pinheiro tem, sem dúvida, uma orientação.

Outro projeto que se poderia sugerir ao sr. Maciel Pinheiro e que aliás, segundo ele me disse, já está sendo organizado, é a apresentação da música moderna ao público. “Música Viva” vem realizando um trabalho heróico, sem obter resultados animadores. A Prefeitura, com os recursos de que dispõe, pode fazer muito. Será mais fácil levar ao povo a música moderna do que ao público semi-culto dos concertos, cujo ouvido dificilmente se habituará à música do nosso tempo, se bem que a existência desta de forma alguma implique no desprezo da arte do passado.

Roberto Lyra Filho

Voltará este ano ao Rio o tenor Charles Kullman, elemento de destaque da companhia do Metropolitan House de Nova-York.

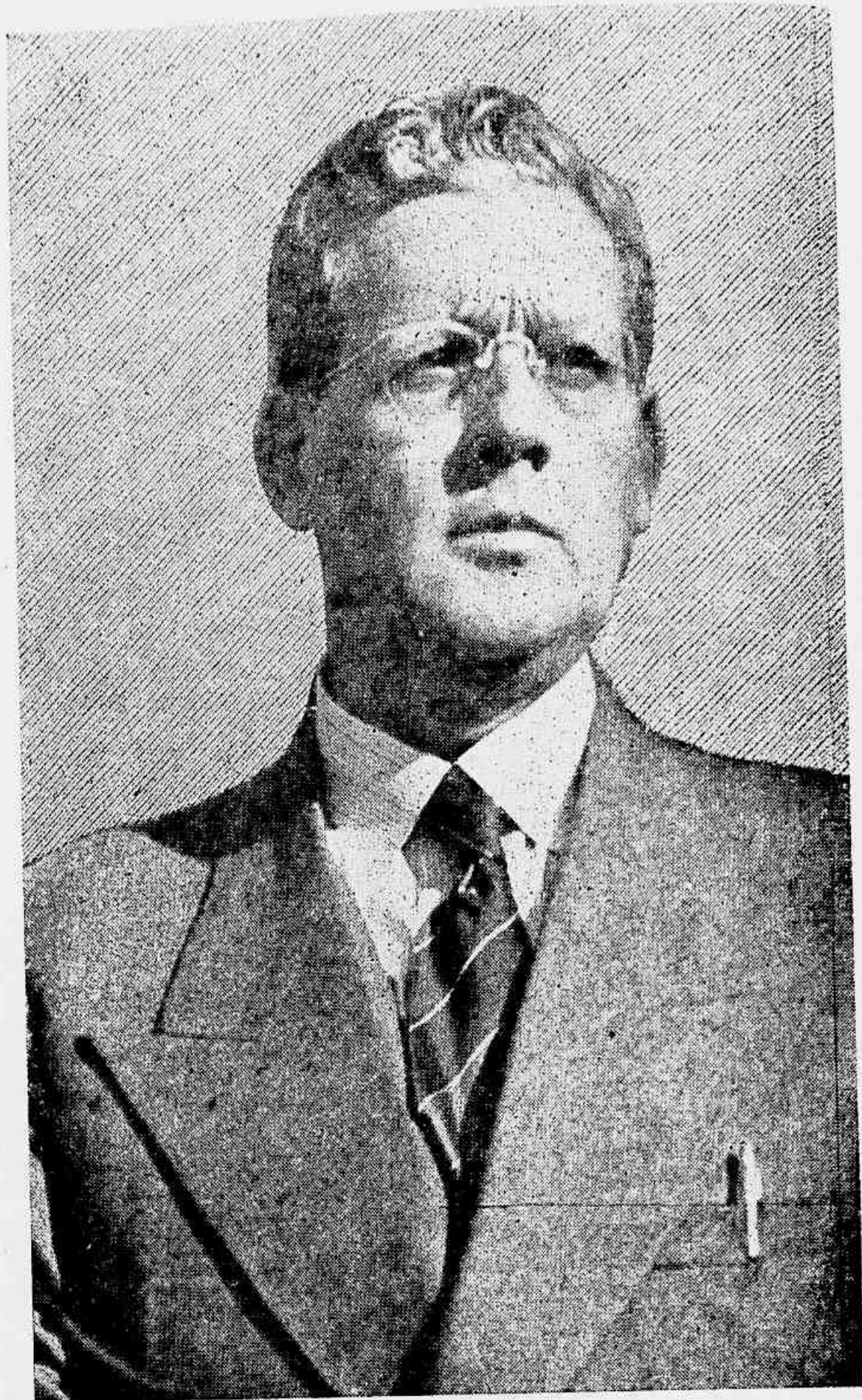




MARIA ALICE, filhinha do engenheiro Roberto Pimentel, presidente do Aero Clube do Brasil e chefe da Divisão de Operações da Diretoria de Aeronáutica Civil, e d. Alice Grillo Pimentel, no dia em que completou seu primeiro aniversário.



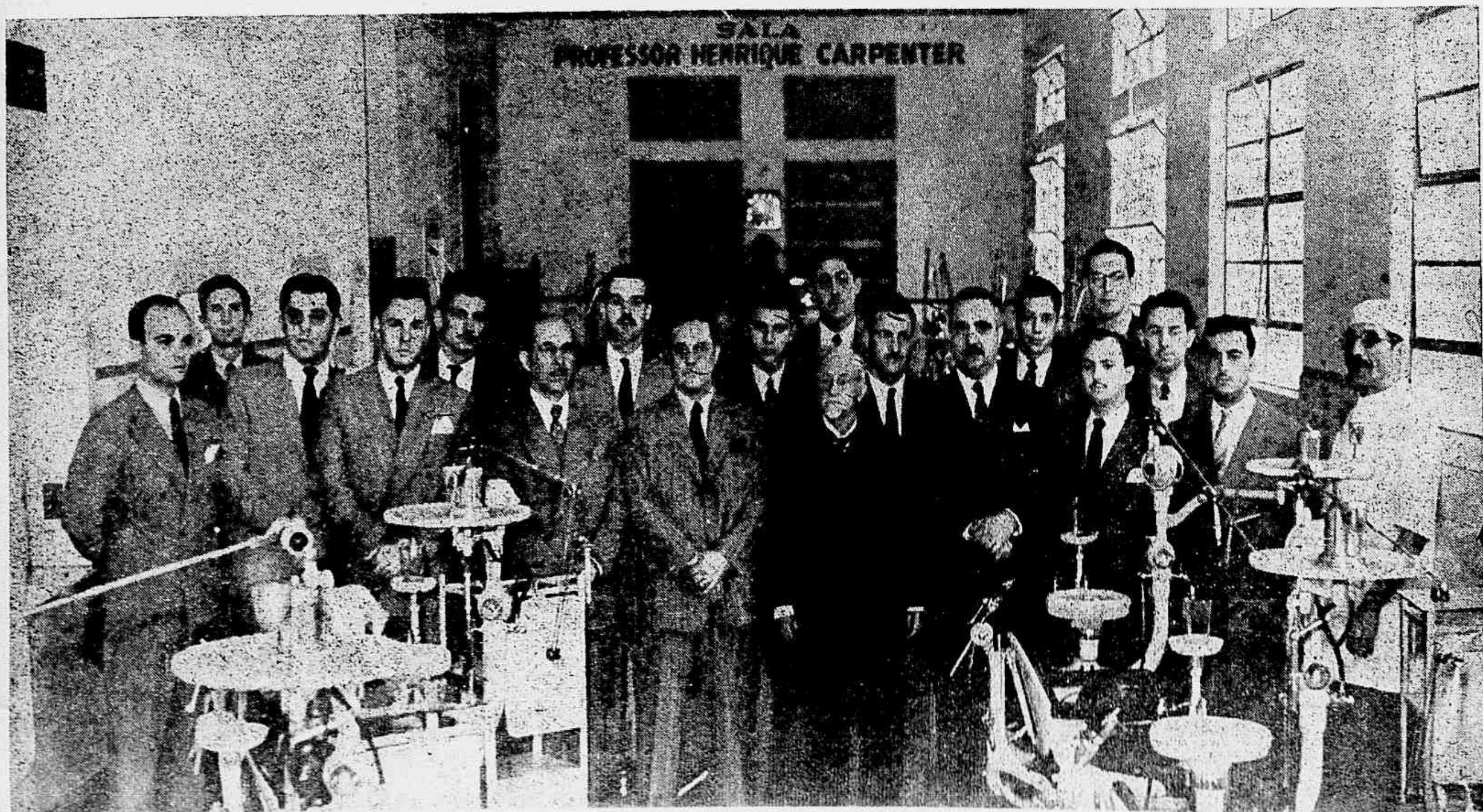
ANA AMELIA e FERNANDO, filhos do dr. Lourival de Queiroz Melo e senhora, residentes em Uberlândia.



José Ribeiro dos Reis, o grande criador mineiro, é o proprietário da notável vaca "Miltana-Dengosa", que na 9.^a Exposição Agro-Pecuária de Leopoldina, da qual publicamos ampla reportagem neste número, bateu o "record" nacional de produção de leite, com a média diária de 37 litros e 900 gramas, muito superior ao da célebre "Ita", resultado esse que repercutiu sensacionalmente em todo o País. A José Ribeiro dos Reis, incansável animador da pecuária nacional, a REVISTA DA SEMANA cumprimenta com satisfação pelo esplêndido êxito daquele magnífico exemplar dos seus rebanhos.

FIGURAS E FATOS

Aspecto da visita da delegação de estudantes de Odontologia de Universidade de Pôrto Alegre à Faculdade Nacional de Odontologia.

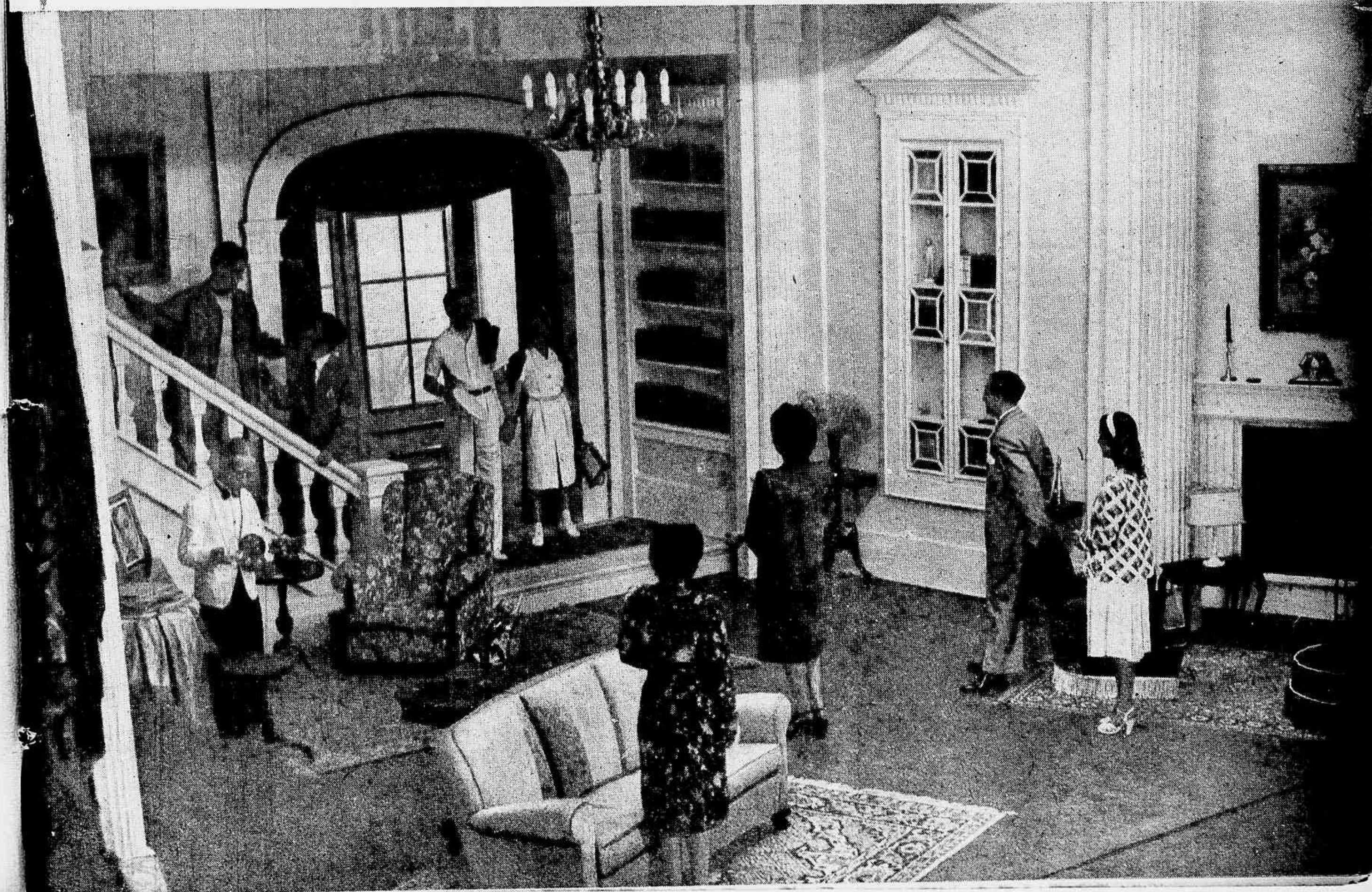


ANGELUS

Bibi Ferreira, que há menos de dois anos se revelou uma das mais vitoriosas revelações de comediantes patricias, subscreveu a peça ainda em cartaz no Teatro Phoenix. Chama-se "Angelus" e conta de um modo interessante, com a sensibilidade e a sutileza que só uma mulher poderia traduzir, o conflito entre algumas almas divididas a princípio pelos sentimentos e, finalmente, confraternizadas. O título justifica-se: Angelus, a hora do crepúsculo, também existe nas vidas humanas, assim como a alvorada representa o símbolo da mocidade... São êstes os intérpretes:

Eugenia	Bibi
Jorge	Ribeiro Martins
Maria Lucia	Suzana Negri
Roberto	Alberto Perez
Cecilia	Cirene Tostes
João	Jorge Diniz
Teixeira	Nuripê Bittencourt
Ruth	Maria Isabel
Eduardo	Danilo Ramirez

1 Moça e sonhadora, Eugenia sente-se enamorada de Jorge, rapaz de bons sentimentos, simpático mas um tanto idoso para ela. Demais, Jorge está nas cogitações sentimentais de Maria Lucia, mãe de Eugenia. E conquanto a jovem tenha passado alguns dias adoráveis em companhia do rapaz, e aparentemente estejam vivendo o seu romance bonito, é certo que tal casamento não poderá realizar-se. Naquela casa todos vivem felizes, sem maiores tormentas. E o velho criado, o Teixeira, conselheiro e paternal, acompanha com fidelidade e afeição, a todos, muito mais moços do que ele...

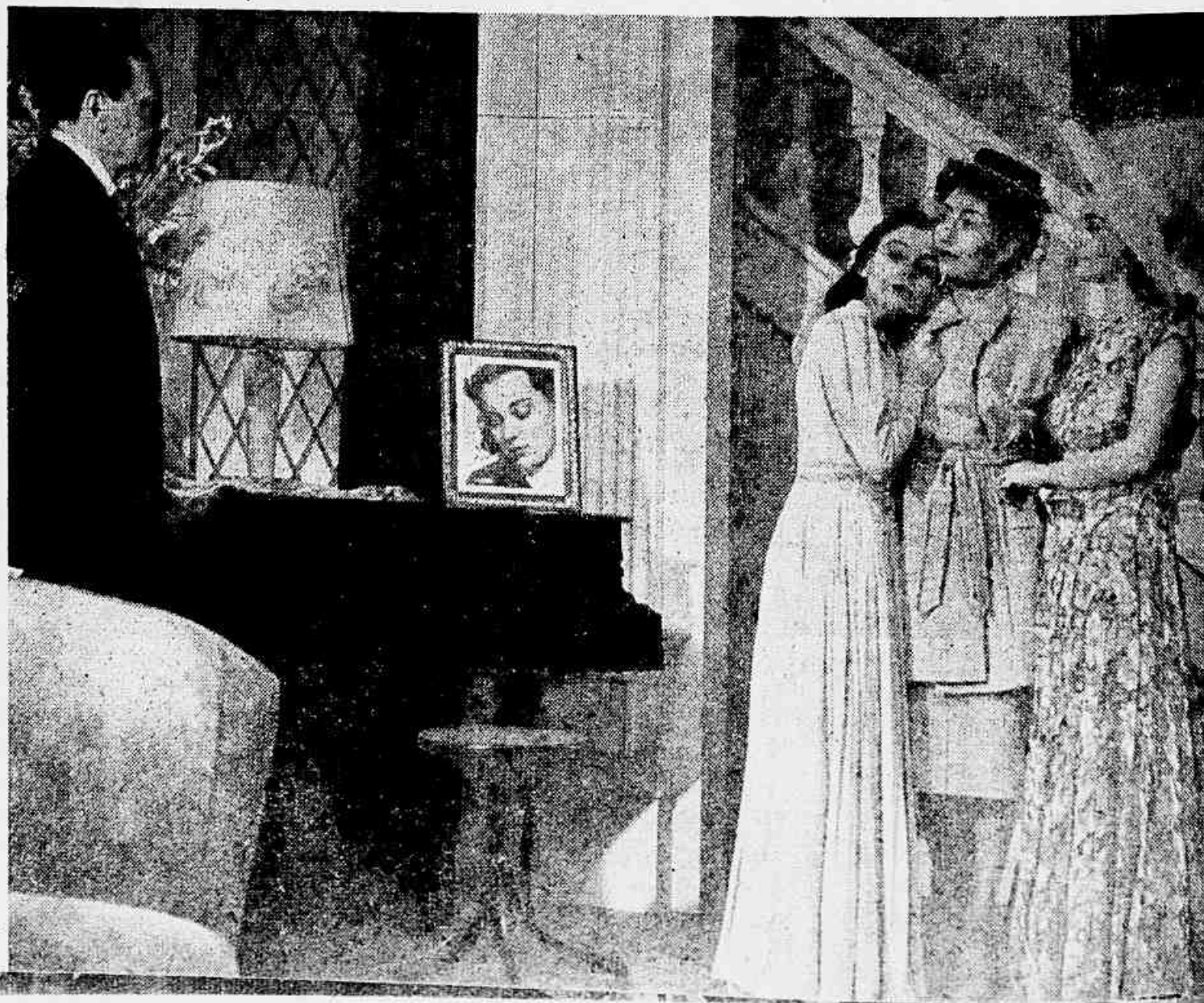
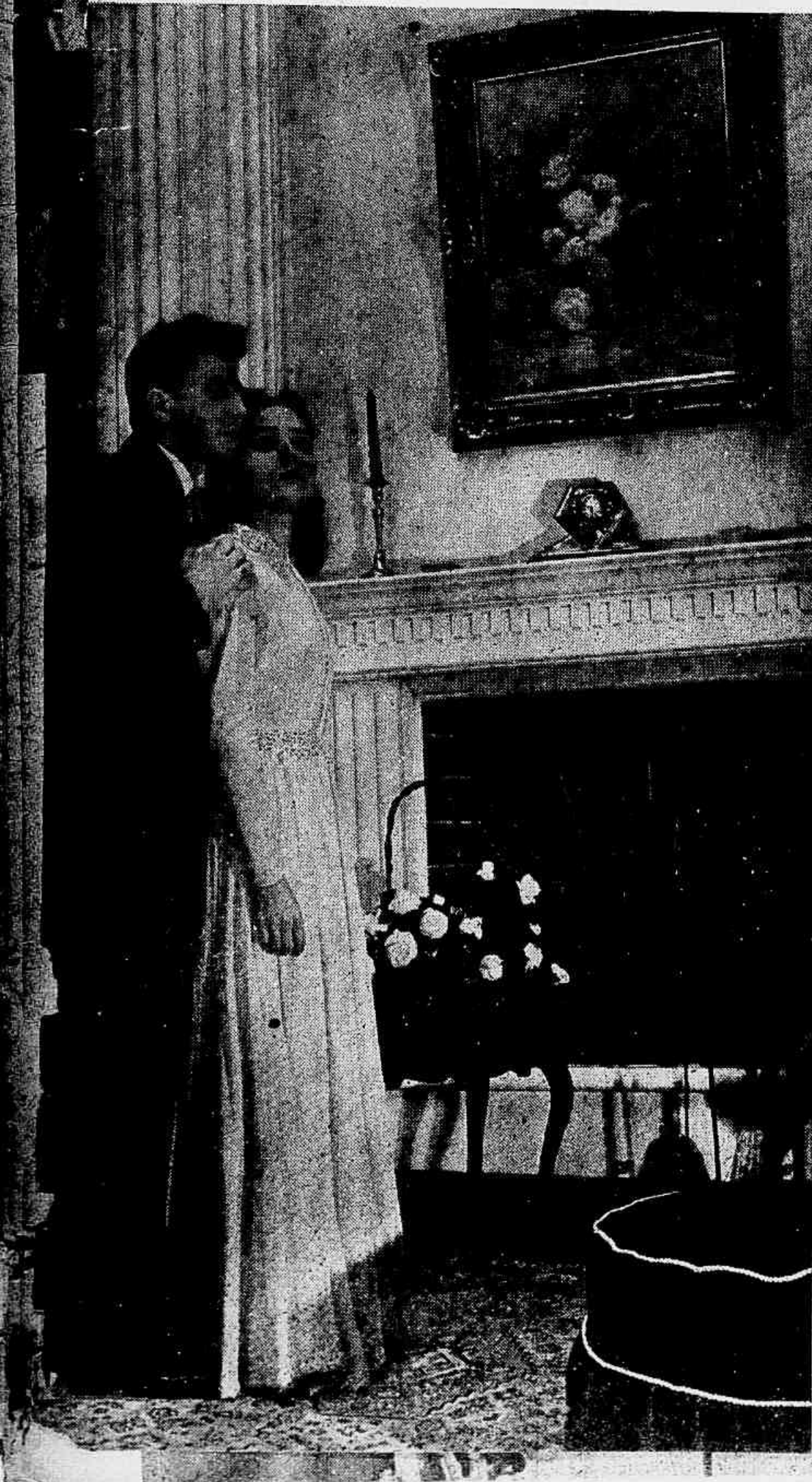




2 É grande a surpresa de Eugenia quando, certo dia, surpreende Maria Lucia em colóquio com Jorge. Suas esperanças se desvanecem. Ela terá de ocultar seus sentimentos... E quando o casamento da mãe com o amigo da casa se realiza, não compreende como poderá ser para ela um padrasto o homem que na realidade ela sonhava para marido... Maria Lucia ignora as inclinações amorosas da filha e por isso julga-se a mais feliz das mulheres.

3 No entanto o jovem Roberto, outro amigo da casa, é quem se julga no legítimo direito de conquistar a mão de Eugenia. Suas investidas são, todavia, sempre repelidas. Ele não sabe como traduzir em palavras o que seu coração está sentindo... E continua perseverante em seu afeto, mesmo compreendendo que será muito difícil, senão impossível, fazer que Eugenia o compreenda como um homem na verdadeira expressão da palavra, ele tão moço..

4 Aproxima-se o dia do embarque de Jorge e Maria Lucia. Pela primeira vez Eugenia compreende que não poderá resistir à separação. De lado, João, outro velho amigo e confidente da família, assiste à cena da despedida e compreende o estado interior de Eugenia. Também Cecilia, sua irmã, está comovida com a cena. E Maria Lucia vai partir só porque assumiu compromisso com Jorge nesse sentido, quando, de coração, desejava ficar...



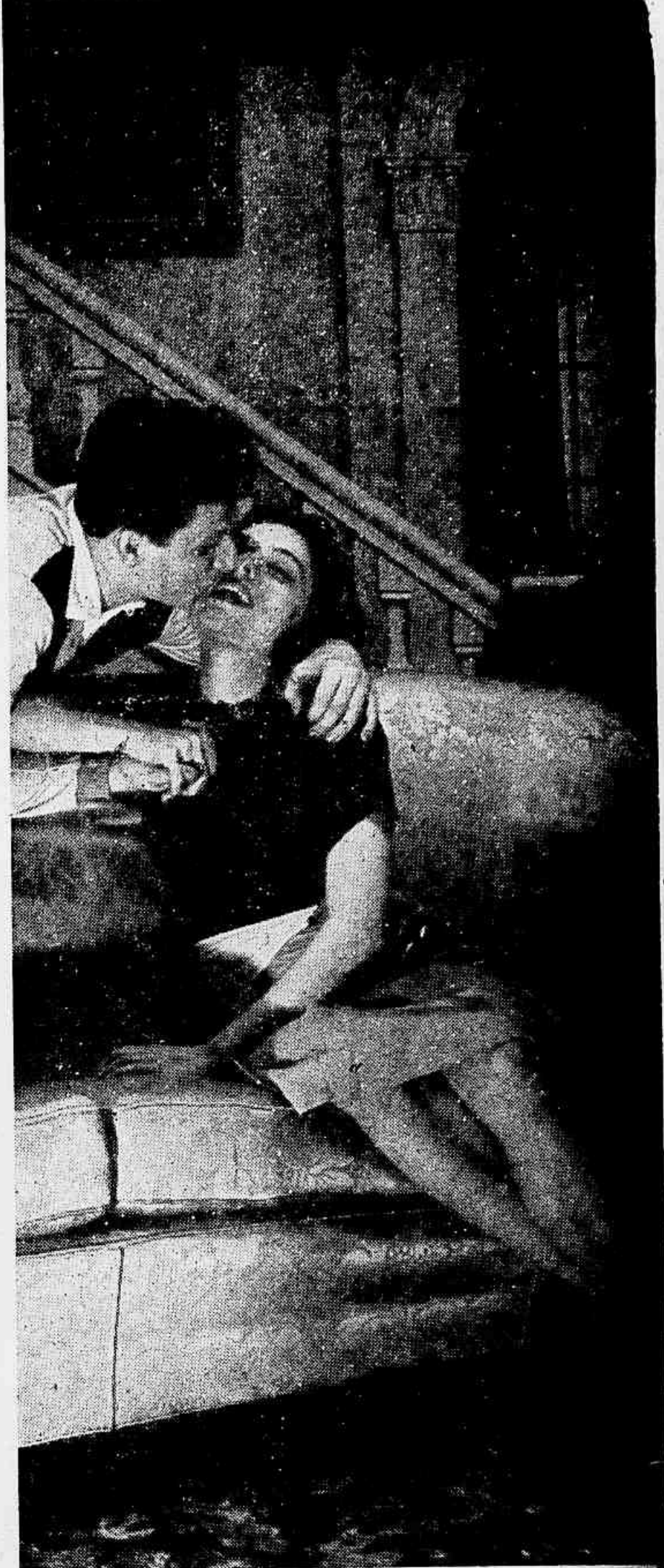


5 Passam-se os meses. Maria Lucia e Jorge voltaram da viagem de núpcias. E um dia... Um dia, quando Eugenia ia descendo a escada, assistiu a alguma coisa que a fez demover de seus propósitos em relação ao padrasto. Ela o viu fazendo festinhas a um "baby" e lamentando não ter um filhinho igual, assim bonito, que o chamasse: — Papai... Também lamentava, Jorge, que Eugenia não estivesse disposta a considerá-lo pai, em lugar de o desejar para marido...

8 Pela primeira vez Eugenia, tendo de despedir-se, porque ia viajar em companhia de Ruth, dirigiu-se a Jorge e, abraçando-o, o chamou de pai. Era a realização do desejo maior de seu padrasto. Todos compreenderam que alguma coisa havia ocorrido. Roberto continua desconfiado. Voltará a perder Eugenia? João, de braços em cruz, sente-se interiormente satisfeito. Não falharam suas profecias. Tudo acabaria bem... E Maria Lucia, e Ruth, e Cecilia, todos ali reunidos observam que a hora do "Angelus" tocou bem de perto o coração da moça... Ela era o alvorecer de um dia de sol e de calor. Roberto a acompanharia nesse surto para a felicidade... Enquanto Jorge e Maria Lucia, que podiam ser senão o toque melancólico, embora feliz do "Angelus", preconizando o crepúsculo?



6 E logo em seguida era Roberto quem tomava o lugar de Jorge, alvoroçado e feliz, brincando com a criança, mas de outro modo. Jorge lamentava não ser pai, enquanto Roberto afirmava que o seria algum dia, e que seu filhinho por força ia ser um encanto... Eram a maturidade e a mocidade que se apresentavam, um após outro, aos olhos deslumbrados de Eugenia. Foi quando ela sentiu que na realidade Jorge seria sempre o padrasto... E quanto a Roberto...



7 Roberto era a mocidade, era um coração igual ao dela, estuante de amor, de carinho, de ternura... E pronto! Operou-se o milagre. Quando o rapaz a procurou, daí a instantes, para renovar-lhe suas propostas de noivado, foi ele quem se espantou... Eugenia o recebia com o melhor de seus sorrisos, aceitando a afeição de Roberto e disposta a compreender, agora, a verdadeira intenção de suas palavras. Enfim, era a mocidade que vencia. E Roberto exultava, não cabia em si de contente...

9 E tudo acabou bem... Roberto não permite que Eugenia embarque nessa viagem inútil. Atendendo aos conselhos de Maria Lucia, vai demovê-la desse intento, já quando ela estava no automóvel, e traz de volta, para prepararem outra viagem. Será também a viagem de núpcias. Maria Lucia continua não sabendo que algum dia sua filha se enamorou do homem que é hoje seu segundo esposo... João silenciou o grande segredo... E' a hora do "Angelus", enfim!



Frei Vicente de Salvador

—ESCRAGNOLLE DORIA—

Nas obras de escritores, portugueses e brasileiros, do tempo colonial, nos encontramos páginas de interesse, sobre subídio para quem se propõe a conhecer o Brasil desde o seu alvorecer.

Um daqueles escritores, natural da Bahia, foi frei Vicente do Salvador, nome este de relevância na denominação da cidade cabeça da terra natal do frade registrador de passado.

Dos estudos de direito civil e canonico nas aulas maiores da Universidade de Coimbra, cheia da alacridade de moços academicos se prepondo a licenciados, bachareis ou doutores, uma vez graduado em Portugal, veio à Bahia, Vicente Rodrigues Palha. Desejou e alcançou depois ele ordens sacras, desejando e alcançando admissão na ordem franciscana com o nome de frei Vicente do Salvador.

As comunidades religiosas regulares são exemplos do fruto do esforço e desapego individual para benefícios coletivo, mormente de quantos nos claustros se entregam a tentar saber ou produzir sem cura pecuniária do dia seguinte.

Tal o caso de frei Vicente do Salvador dado a ler e a escrever. Nem tudo que escreveu ficou guardado para posteror, por tempos e tempos inédita a obra capital de frei Vicente hoje a consagrar-lhe o nome recomendando-lhe a memoria de laborioso.

Muito tarde surgiu a estampa a *História do Brasil* de frei Vicente do Salvador relatando seculo XVI para que só no seculo XIX se viesse a conhecer a obra do coligidor.

Não apenas escrevendo frei Vicente preencheu vida, dedicando-a também ao progresso da sua ordem associada a outras ordens empenhadas no trazer a Cruz sempre levantada no Brasil.

Na epoca de frei Vicente do Salvador nossa faixa litoranea era mais navegada costeira entre a Bahia e o Rio de Janeiro. Na apontada faixa as velas iam e vinham estabelecendo comunicações tardias, ainda assim preciosas e sempre bem acolhidas pelos que começavam a provar um paiz imenso pela primeira vista do Descobrimento tido apenas por simples ilha.

Numa das referidas navegações aportou ao Rio de Janeiro frei Vicente do Salvador. Reunia-se a companheiros de habito quando tratavam eles de levantar convento. Queriam erguel-o na colina dominante da lagôa Carioca, ainda com a flôra Carioca, senão com a fauna propria das lagôas.

Os franciscanos da provincia da Conceição do Rio de Janeiro deitavam pedra angular ao seu mosteiro a 4 de Junho de 1608 presentes ao ato clero, nobreza e povo assistidos pelas mais altas autoridades da capitania.

A 8 de Fevereiro de 1615 estavam os franciscanos com seu mosteiro ainda por acabar. Nele celebraram primeira missa que por ser tal se sobrelevaria na serie secular dos Santos Sacrifícios oferecidos a Deus até hoje no mais que solido edificio do morro que ficou sendo de Santo Antonio.

Participe dos esforços de edificação do mosteiro de sua ordem, frei Vicente do Salvador votou-se a escritos que lhe salvariam a memoria desse ir a olvido de tanto peso sobre milhões de seres humanos em transito pela vida sem deixar traço.

ENTRADA DA IGREJA E DO CONVENTO DE SANTO ANTONIO NO RIO DE JANEIRO



Na sua *História do Brasil* deixou frei Vicente memoria da fundação do Rio de Janeiro. Nas paginas em que deu certidão de nascimento à cidade começou frei Vicente, mostrou Mem de Sá na Bahia, com o pensamento voltado para o Rio de Janeiro onde sabia querer enraizar-se França Antartica, por obra daquele Villegaignon que de Calvino ia à Cruz, da Cruz voltando a Calvino.

Para repelir invasor, Mem de Sá aprestou armada, nela embarcando com o bispo D. Pedro Leitão, este de visita pastoral às terras do Sul que reunidas às do norte estavam sujeitas a poder episcopal unico.

A missão do bispo era de paz, a do governador de guerra. Mal no Rio de Janeiro, conta frei Vicente do Salvador, Mem de Sá, em o dia de São Sebastião do Janeiro de 1557, "acabou de lançar os inimigos de toda a enseada e os seguiu dentro de suas terras, sujeitando-os ao seu poder e arrasando dous logares em que se haviam fortificado os Franceses."

Do ferimento mortal de Estacio de Sá desalojador de franceses antarticos, deu noticia frei Vicente do Salvador. Apontou a luta no sitio de Iburugassúmirim, antiga aldeia de um indio principal de encompridado nome, que segundo frei Vicente significa pau grande pequeno.

"Socegadas as cousas da guerra, que a tantos dão descanso definitivo, tratou Mem de Sá de fundar cidade, segunda sob o mesmo orago, o de São Sebastião.

Cidade do santo chamára Estacio de Sá a méro campo entrincheirado à boca da barra, onde o capitão mór e os seus soldados tinham padecido "fomes bravas" cuja queixa a historia registrou como martirio dos reduzidos habitantes da Praia Vermelha, de alerta a franceses e tamoios singularmente aliados.

Mem de Sá entendeu recolher nova e verdadeira cidade barra a dentro. A primeira cidade de São Sebastião, de mais nome que presença, fôra posta por Estacio de Sá praianamente. Mem de Sá, ao envez alcançou cidade "em cume de monte", donde facilmente poderiam defender dos inimigos", conforme frei Vicente do Salvador.

Quatro castelos fortaleceram a incipiente povoação para que corrido tempo até ha pouco o monte militarmente defendido se chamasse do Castelo e em certa epoca morro do Sossego.

O primeiro assento da povoação era limitado. Por isto, disse frei Vicente do Salvador, "estando a terra em paz, a cidade se estendeu pelo valle ao longo do mar, de sorte que a praia lhe servia de rua principal." Assim tudo quanto ora se considera praça Quinze e rua 1.º de Março bem se podia chamar rua da Praia. A torre da igreja da Cruz dos Militares voltada para o mar mostra que as aguas oceanicas por alguns anos bateram areias no sitio do templo.

Do afirmado dá prova frei Vicente do Salvador ao informar que sendo governador da cidade o capitão-mór Afonso de Albuquerque, "se achou uma manhã defronte da porta do convento do Carmo uma baleia morta que de noite havia dado à costa."

O lugar onde o cetaceo viéra morrer deve ter sido o espaço mais ou menos compreendido entre as atuais ruas Sete de Setembro e São José. O mosteiro do Carmo acabaria dependência de palacio real, unido este á casa dos frades por um passadiço sobre pequeno trecho da rua da Misericórdia, isto ao tempo da transmigração bragantina de 1808.

Não o diz frei Vicente do Salvador, mas sem duvida, por improvisada armação, o povo do Rio de Janeiro teria aproveitado quanto poudo da baleia que a calada da noite trouxera à praia, não sendo pouco o proveito a tirar do cetaceo, do oleo às barbatanas.

Informa frei Vicente do Salvador que o local onde fôra encontrada a massa negrejante da baleia dava porto às canoas vindas "das roças ou granjas dos moradores", curiosa a palavra granja, hoje tão de emprego moderno, na pena de frei Vicente do Salvador.

Conforme o franciscano no porto do Carmo as canças de aprovisionamento à cidade ali ficavam desembarcando, "cada um á sua porta ou perto della com o que traziam, sem lhe custar trabalhos de carreto, como custa pela ladeira acima", isto é, pela subida do Castelo e seu morro de atalaia à cidade atraidora de invasões.

A razão de ainda conhecer o morro moradores e frequentadores no-la dá frei Vicente do Salvador.

"Nem elles proprios (os habitantes da varzea do Carmo) lá subiram em todo o anno, e menos as mulheres, se não fôra estar lá a egreja matriz e a dos padres da Companhia, pelo qual causa mora ainda lá alguma gente."

No outeiro do Castelo principiára toda a vida da cidade, vida religiosa, civil, militar e comercial, todo afinal por assim dizer escorregando de monte a planura e praia.

Apenas fundada cidade em miniatura nos topos do Castello, logo Mem de Sá adotou de milicia, justiça e fazenda com seu respectivos officiais.

No galeões da armada de vitoriosa refulsa a franceses apoiados por tamoios havia conduzido Mem de Sá alguns mercadores, trazendo estes umas tantas pipas de vinho.

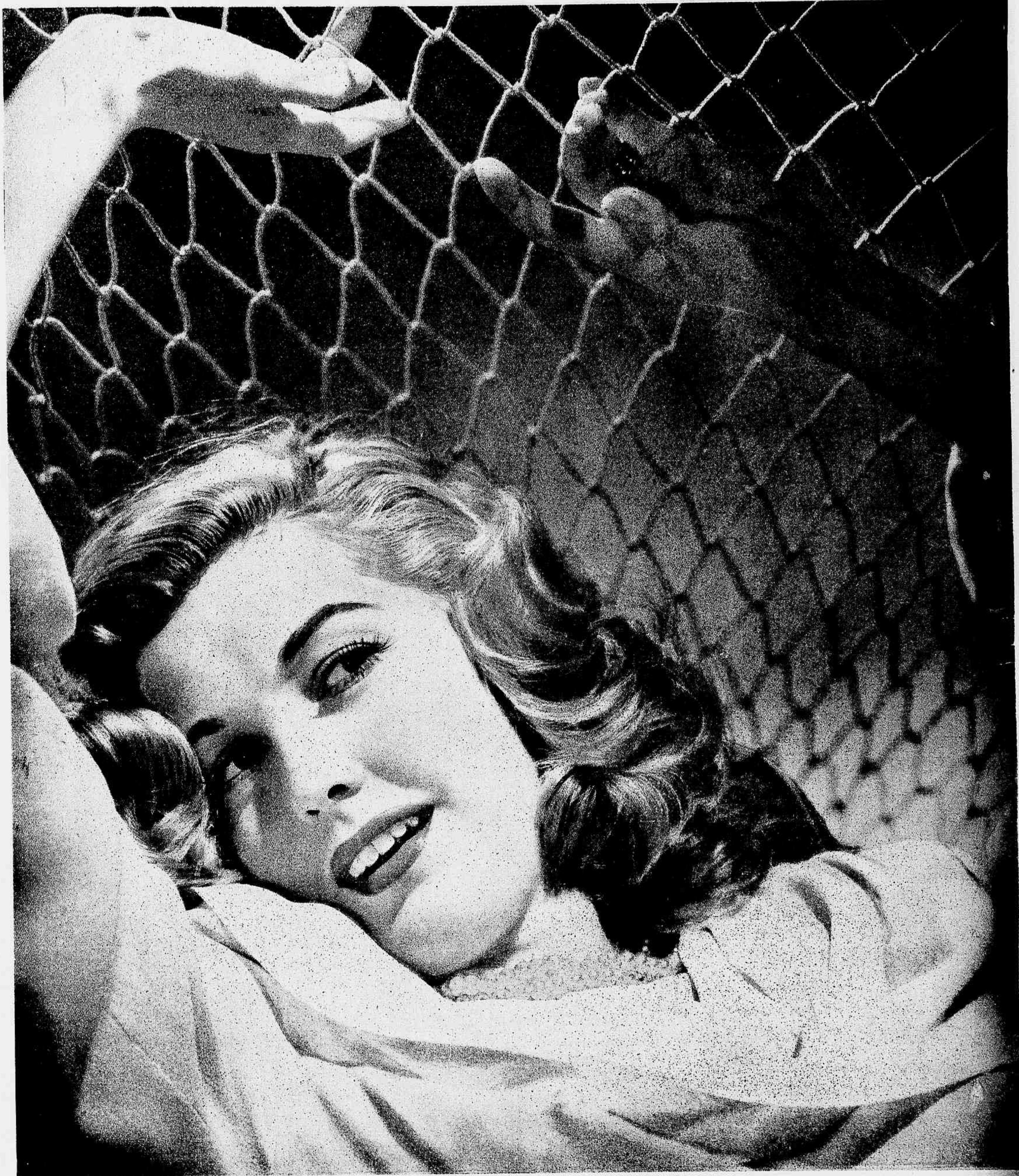
Aos mercadores ordenou o governador que vendessem o vinho atavernado. Negocio se é labor também é ambição de lucro, os tais mercadores do seculo XVI, com o os das demais centurias, ousaram pedir a Mem de Sá "que lhes pusesse a canada de vinho por preço excessivo".

Deu-lhes Mem de Sá resposta que ficaria na memoria dos aproveitadores, e por meio de frei Vicente do Salvador está na memoria de quem o lêr.

Mem de Sá "tirou o capacete da cabeça com colera, e disse que sim, mas que aquele devia de ser o quartilho, e assim foi e é ainda hoje por onde se afilam as medidas, donde vem serem tão grandes que a maior peroleira não leva mais de cinco quartilhos."

Nas antigas medidas portuguesas a canada de quatro quartilhos equivalia a um litro e pouco o chamado peroleira o vaso afunilado onde se guardavam azeitonas e não perolas como o nome pode fazer crêr.

E, mercê da noticia de frei Vicente, registre-se a pronta decisão de Mem de Sá a bem da economia popular e mal de lucros extraordinarios.



Você está sempre pegando nos objetos que guarnecem a mesa durante as refeições? Ri constantemente, sem motivo justificado, a propósito de tudo? Volteia os anéis, tira as pulseiras do braço para as sacudir entre os dedos? Tamborila a cada momento sobre os móveis, sobre as janelas? Está sempre a bater com os pés, a sacudir as pernas? Gesticula com exagero? Se tem esses hábitos, se tem esses cacoetes será difícil para você conseguir os encantos de uma mulher essencialmente sedutora. O atrativo da beleza feminina não está apenas apoiado em seus atributos físicos mas depende de muitos outros detalhes. E a sere-

ANITA LOUISE (Columbia)

nidade é uma das qualidades primordiais no conjunto de atrações que tornam completa a formosura de uma jovem. E' uma coisa intangível, quase misteriosa, mas de um valor enorme: esta habilidade de estar quieta, de estar sentada com quietude, pondo, porém, nessa quietude um mundo de expressão! A serenidade é um complemento indispensável a uma mulher. E' difícil consegui-la. Parece muito simples mas é um engano. Contudo é preciso adquiri-la, dominando a impaciência, os gestos bruscos, os hábitos de

nervosismo. Se tem o costume de brincar com os anéis, de sacudir as pulseiras, de enrolar nos dedos o colar, deixe de usá-los até se corrigir desse mau hábito. Se ri constantemente, a propósito de tudo, ponha-se indiferente. Se brinca com os objetos na mesa conserve suas mãos ao colo, prisioneiras da sua força de vontade, no intervalo das refeições. A serenidade é indispensável ao encanto feminino. Procure, pois, dominar o seu nervosismo, os seus cacoetes para que venha a ser uma mulher absolutamente encantadora.

Jesy Barbosa

Voz Bastidores Femininos



José Antonio

ATMOSFERA de cauda de procissão. Bodum. Os homens formam duas filas diante do altar de S. Gonçalo. S. Gonçalo está enfaixado como um recém-nascido. Azul. Branco. Entre palmas de S. José. Estrêlas no céu de papel de seda.

Os violeiros, encabeçando as filas, puxando a reza, fazem reverências. Viram-se para os outros. E os outros dançam com eles. Bate-pé no chão de terra socada. Pan-pan-pan-pan! Pan-pan! Pan! Pan-pan-pan! Pan! Param. De repente. Inesperadamente.

Para bater palmas. Pla-pla-pla-plá! Pla-plá! Plá! Pla-plá-plá-plá! Pla-plá! Param.

Para os violeiros cantarem, viola no queixo:

**E' este o primeiro velso
qu'eu canto pra S. Gonçalo...**

— Senta aí mesmo no chão, Benedito!

**E' este o primeiro velso
qu'eu canto pra S. Gonçalo...**

E o côro começa grosso, grosso. Rola, subindo. Desce, fino, fino. Mistura-se. Prolonga-se. Oôôôh! Aaaa! Óaaôh! Óaiiii! Um guincho.

O violeiro de olhos apertados saúda o companheiro. E marcha, seguido pela fila. Dá uma volta. Reverências para cá. Reverências para lá. Tudo sério. Volta para o seu lugar.

— Entra, seu Casimiro!

O japonês Kashamira entra com a mulher e o filhinho brasileiro de roupa de brim. Inclina a cabeça diante de S. Gonçalo. Acocora-se.

O acompanhamento das violas, feito de três compassos, não cansa. Os assistentes enchem os cantos sombreados. No centro da sala de vinte metros quadrados, a lâmpada de azeite se agita.

Minha boca está cantando,
meu coração lhe adorando!

Cabeças mulatas espiam pelas janelas. A porta é um monte de gente. A dona da casa, desdentada, recebe os convidados.

— Não vê que meu defunto seu Vieira tá enterrado já há dois ano... Fazia mesmo dois ano agora no Natar...

Pan-pan-pan! Pan-pan! Pan!

— A alma dêle tá penando aí por esse mundo de Deus, sem podê entrá no céu...

Pla-pla-plá! Pla-plá!

— Eu antão quis fazê esta oração para S. Gonçalo deixá ele entrá...

**Vou mandá fazê um barquinho
da raiz do alecrim...**

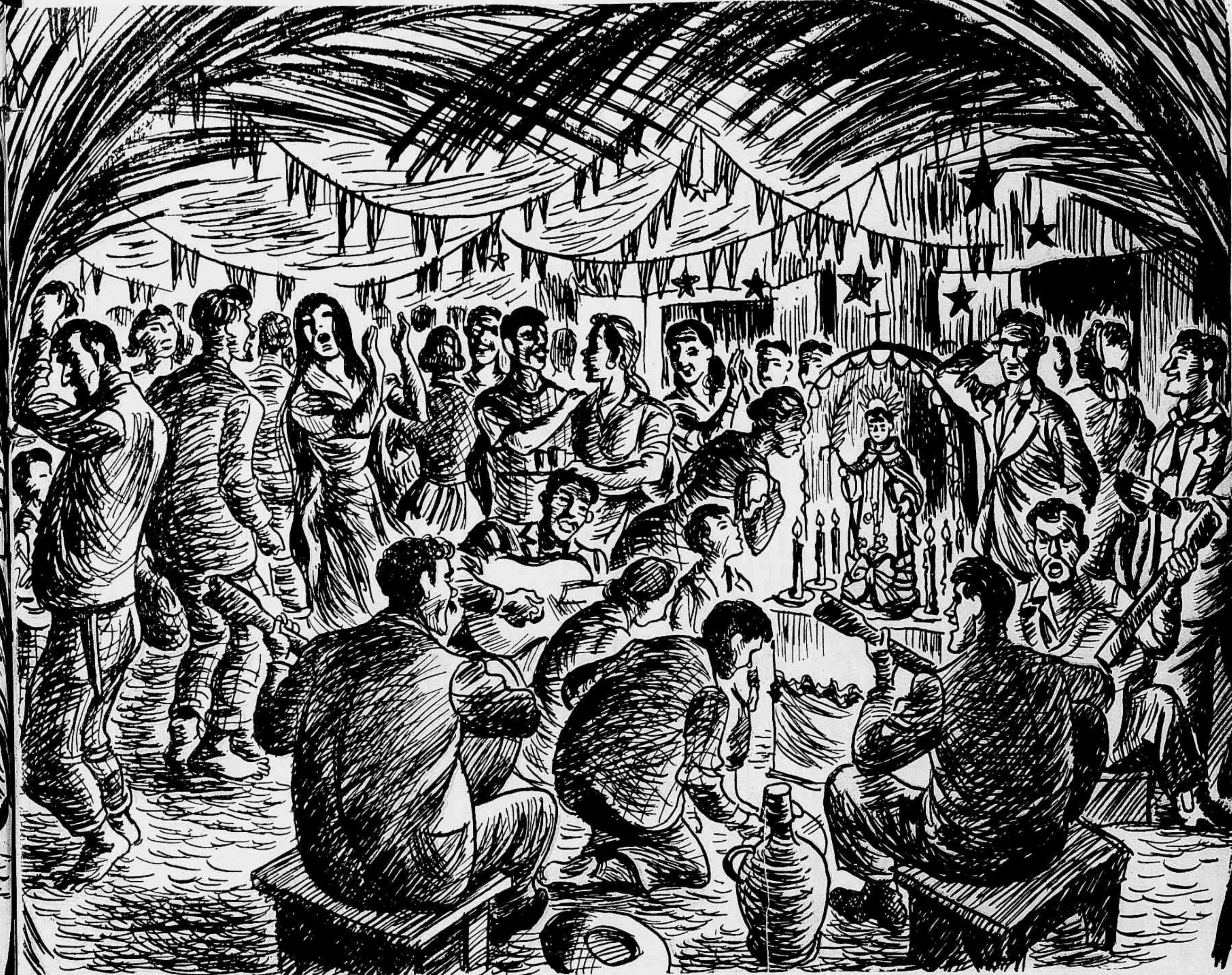
O menino de oito anos aumenta a fila da direita. A folhinha da parede é do Empório Itália-Brasil. Garibaldi tem uma bandeirinha auri-verde no peito e ergue bem alto a espada.

**Pra embarcá meu S. Gonçalo
do promá pra seu jardim.**

Desafinação sublime do côro. Os rezadores movimentam-se. Trocam de posição. Enfrentam-se. Dois a dois avançam, cumprimentam à esquerda, cumprimentam à direita, tocam-se ombro contra ombro, voltam para seu lugar. O negro de pala é o melhor dançarino da quadrilha religiosa.

S. Gonçalo é um bom santo
por livrá seu pai da força.

A noite cerca de escuridão a casinha de barro. Cigarros acesos são riscos de fogo nas mãos inquietas.



A dona da casa é viuva de um português. E amiga de um negro.

— Não vê que o Crispim também pegou uma doença danada... Não havia jeito de sará... O coitado quis até se enforcá num pé de bananeira!

**Artá de S. Gonçalo,
artá de nossa oração!**

— Nois, antão, fizêmo uma promessa. Que se Crispim sarasse, nois fazia esta festa.

**Foi promessa que sarando
será seu precudadô!**

A cabocla trata de salvar a alma do morto e o corpo do vivo. A filha bonitinha sorri, enleada. As violas têm um som, um som só. Chega gente.

S. Gonçalo tava longe,
de longe já tá bem perto...

Um a um, curvam-se diante do altar. Gingham. O violeiro de olhos apertados está de sobretudo. Negros de pé no chão.

— Nois tamo mesmo emprestado neste mundo...

Cantando, andam pela salinha quente.

**Abençoada seja a mão
que enfeitô este oratório!**

O preto de pala dá um tropicão engraçado. E a mulher de azul celeste ri, amamentando o filho. Mas os violeiros esganiçam: **Da dança de S. Gonçalo ninguém deve caçoa.**

Oôôôh! Aaaaah! Iiiiiih!

**S. Gonçalo é vingativo:
êle pode castigá!**

Silêncio na assistência descalça. As bandeirinhas desenham um X de papel sobre a cabeça dos dançarinos. Atrás da casa tem cachacha do Corisco.

— Depois, é a vez das moça. Quem quisé pode pegá o S. Gonçalo e dançá com êle encostado no lugar doente.

**Onde chega os pecadô,
ajoelhai, pedi perdão!**

O estouro dos foguetes ronca no vale estreito. São fagulhas os vagalumes. De uma fogueira que não se vê. Lá dentro, o mesmo ritmo. Faz já uma hora monótona.

**S. Gonçalo está sentado
com sua fita na cintura.**

O caboclo louro puxa da faca e esgravata o dedão do pé.

— São seis reza de hora e meia, mais ou meno... Pro santo ficá satisfeito.

**Lá no céu será enfeitado
pla mão de Nossa Senhora.**

Pan-pan-pan-pan! Pan-pan! Pla-pla-pla-plá! Pla-plá! Plá! Pla-pla-pla-plá!

**Oratório tão bonito
c'uma luz a alumia!**

Do alto do montão de lenha, a gente vê, no fundo, S. Paulo estirado. Todo aceso. Do outro lado, a Serra da Cantareira não deixa a vista passar. Nosso céu tem mais estrêlas.

**S. Gonçalo foi em Roma
visitá Nosso Sinhô.**

— Só acaba amanhã, sim sinhô! Vai até o meio-dia, sim sinhô! E acaba tudo ajoelado. Oôôôôh! Aaaaah! Óaôôaaaôh! Oôôiiih! Parece um órgão, no princípio. Canto-chão. No fim, é um carro de boi.

**Senhora de Deus convelso,
Padre, Filho, Espírito Santo!**

Quem guincha é o caipira de bigodes exagerados.

A DANÇA DE S. GONÇALO

Por
ANTONIO ALCANTARA MACHADO
ilustração de
JOSÉ ANTONIO

AS ESTRELAS VESTEM-SE ASSIM

Da esquerda para a direita:

Para as suas manhãs friorentas, copie este modelo que Lauren Bacall, da Warner, veste com uma graça de tutora. O preto e o branco aqui estão esplendidamente conjugados nesta harmoniosa "toilette" de Laraine Day, a encantadora figurinha da Metro.

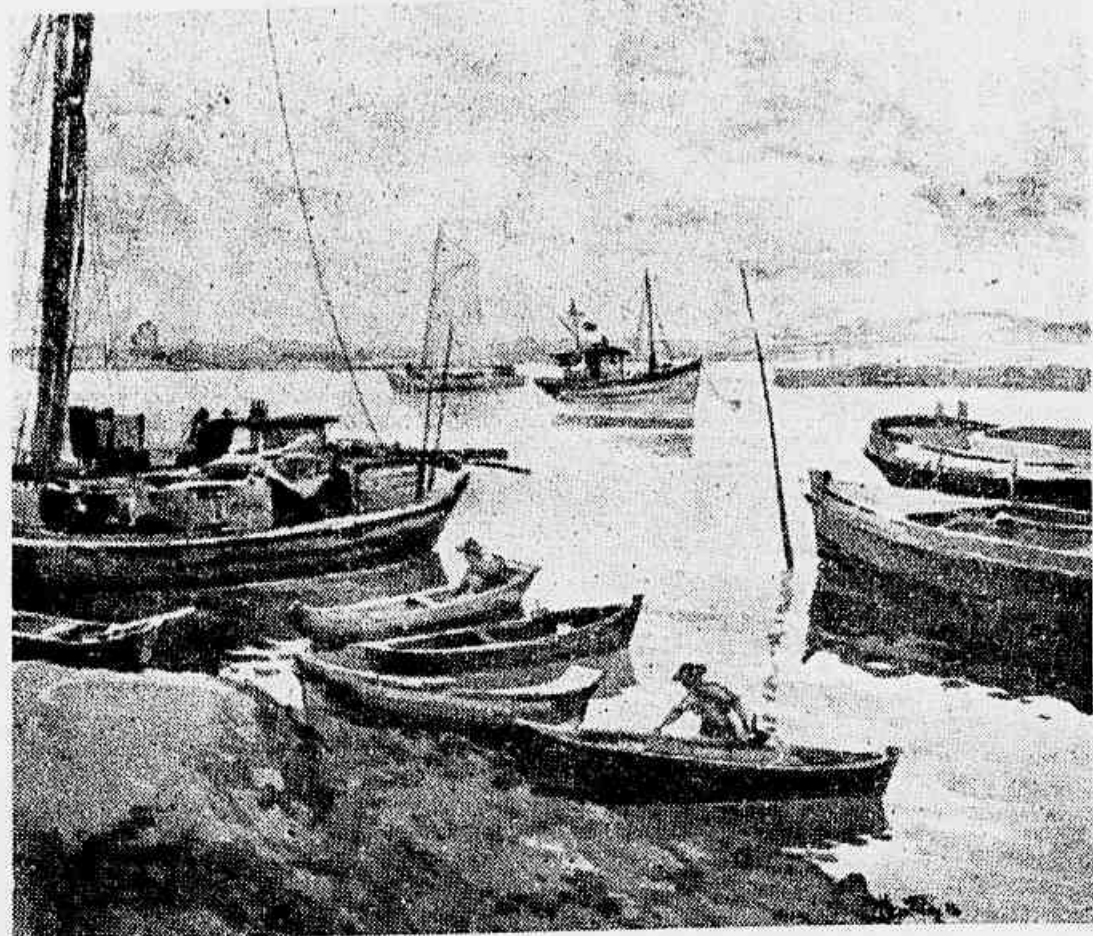
Geraldine Fitzgerald, da Warner, no seu belíssimo vestido de "faille" preto, cujo corte é bastante original, usa na cabeça um originalíssimo turbante em duas cores.

Lina Romay, da Metro, apresenta-nos uma graciosa "toilette" em crepe rayon. Sobre o fundo em suavíssimo azul, ramagens

vermelhas e amarelas. Luvas em azul, chapéu em palha creme, sapatos azul marinho. Este conjunto é o que se pode desejar em elegância para as tardes cheias de sol do inverno gostoso do Rio de Janeiro.

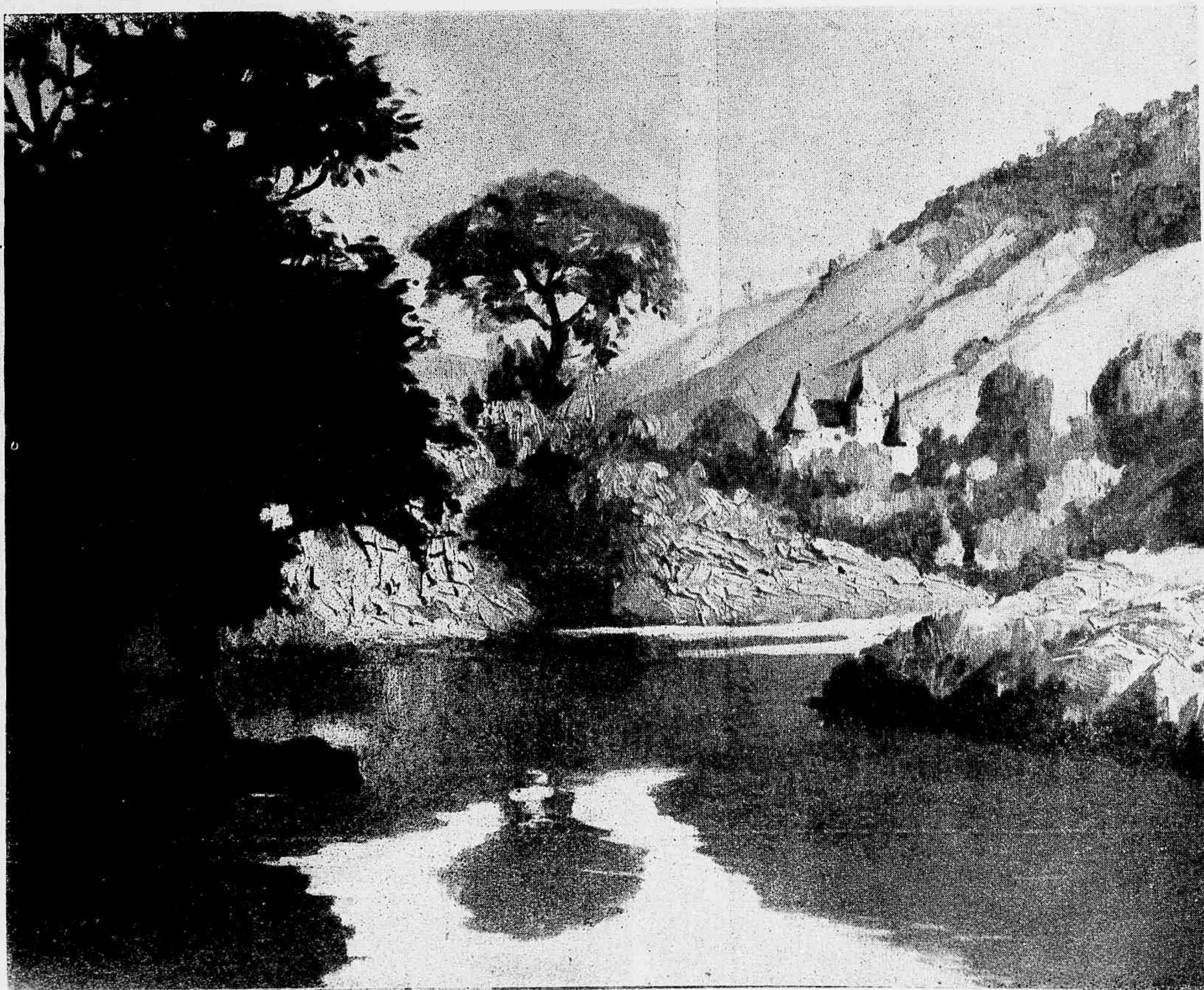
Simone Simon, da RKO, com o seu narizinho "retroussé", aqui está e nos apresenta uma jaqueta em lã grossa e adornada de galões de veludo. Jabot de renda grossa. Observem o chapéu-sinho em feltro negro, também encimado por dois laços de veludo. O chapéusinho tem as abas longas começando de trás e graciosamente reviradas.





ARTES PLASTICAS

Quando se fala em Portinari, os mais precipitados no juízo que formulam em relação ao grande pintor brasileiro, julgam-no um modernista no mais avançado e esdrúxulo sentido da palavra. E surpreendem-se, sempre que lhe mostram um trabalho de Portinari fugindo a essas regras, efetivamente predominantes na maioria dos atuais trabalhos do artista cujo renome atravessou fronteiras. Aqui está, à esquerda, um desses trabalhos decepcionantes para os comentadores em aprêço, no óleo de Portinari que reproduz um retrato de Mme. Maria Amelia Rebecchi. — As outras gravuras reproduzem duas telas de Armando Vianna, que está apresentando, neste momento, outra série de seus esplêndidos trabalhos, no salão nobre do Palace Hotel. Ao alto, a aquarela "Dia Sombrio", e em baixo o óleo "Tarde Rosada em Itaipava". Armando Vianna está oferecendo aos seus admiradores, nessa mostra de pintura, um total de sessenta e oito telas, onde sobressaem ainda: "A velha Allândega", "Ipê florida", "Fazenda de Itaipava" e "Interior da Sacristia do Convento de Santo Antonio".



CHAPÉUS

Mesmo quando as senhoras começam a abandonar o uso do chapéu, imitando talvez a atitude masculina em relação ao mesmo complemento de indumentária, não deixa de ser oportuna a divulgação destes modelos, destinados de preferência à próxima estação. Três encantadores tipos, apresentados por duas lindas "estrelas" cinematográficas facilmente reconhecíveis pela leitora. Em baixo, Irene Dunne, com alguma coisa na cabeça que faz lembrar as desaparecidas cartolas dos cocheiros de "Ilarete", em Paris. E à direita, dois delicados chapéus floridos que Janet Blair oferece às nossas leitoras, cada qual mais aconselhado para passeios e saídas de teatro. A propósito: Irene Dunne faz uma atilada novelista e comentarista de rádio em seu próximo filme, "Over 21", enquanto Janet Blair apresenta um grande desfile de "toilettes" em "Tonight and Every Night".

(Fotos Columbia)





Arkadio Avertchenko, talvez o maior humorista russo, conta a triste e cômica história de

UM PERU

A mulher entreabriu a porta e disse ao marido:

— Vassili, é seu sobrinho, Stepan, que acaba de chegar...

— Que é que ele quer?

— Disse que veio desejar Boas Festas...

— Mande êle embora.

— Escute, Vassili, você não deve fazer isso. Afinal de contas, êle é seu parente. Fale com êle. Dê-lhe três rublos e...

— Por que é que você não o recebe?

— Você quer que eu faça tudo? Não

posso preparar o peru e receber seus sobrinhos ao mesmo tempo!

— Falar nisso... Como é que nós vamos solucionar o problema do peru?

— Não pergunte a mim. Você convidou amigos para comer o peru hoje e convidou outra turma de amigos para comer o peru amanhã... O peru é um só. Não posso fazer milagres...

— Mas você poderia servir a metade hoje e a outra metade amanhã...

— Que idéia! Nós seríamos o próximo caso cômico da cidade! Servir a metade de um peru! Ora essa!

— Bem... hum... é difícil, não há dúvida... Onde é que está o idiota do Stepan? Mande êle aqui!

— Não precisa falar como se fôsse meu parente por que não é: é seu. Ele está esperando na saleta. Quer que mande entrar?

— Pode mandar. Vou tratar de me ver livre dêle antes que cheguem os convidados.

Stepan entrou no gabinete. Não parecia pertencer a essa raça tão numerosa de sobrinhos pródigos e elegantes que exploram de bom grado a fraqueza de um tio rico. Stepan era um rapaz alto, de maçãs salientes, queixo grande, olhos eternamente com uma expressão de medo, que pareciam procurar alguma coisa, e peito tão côncavo que andando na chuva poderia servir de bacia. As mãos e os pés eram pelo menos dez centímetros mais compridos do que as mangas do paletó e calças, mais do que seria tolerável num sobrinho frívolo, herói de romance mundano. Os bolsos do paletó se inchavam como se Stepan os hou-

vesse enchido de melões. A calça formava dobras monstruosas nos joelhos. Não tinha sobancelhas. A cabeleira, por outro lado, descia pela testa abaixo a uma distância tal que o observador punha-se a imaginar se as sobancelhas não teriam subido um pouco para confraternizar-se com os cabelos, confundindo-se com êste. Entre a face e o nariz escondia-se uma enorme verruga, um tanto intimidada na companhia do lábio superior, fartamente embigodado, e das narinas imensas...

Era assim o pobre Stepan.

— Bom dia, Stepan, como vai?

— Vai-se indo, mais ou menos, meu tio. Boas Festas para o senhor... Desejo-lhe... bem... hum... é...

— E' isso mesmo. Para você também. Escute Stepan, você não poderia me arranjar um peru por aí?

— Hoje? Onde, meu tio? E' dia de Natal e tôdas as lojas estão fechadas...

— Sim, tudo está fechado. Mas sabe de uma coisa? Estou numa situação embaraçosa... Imagine você que nós só temos um peru aqui em casa. Entretanto convidei amigos para jantar hoje e amanhã, e justamente eu tinha prometido aos dois grupos um peru... Idéia infeliz, não é verdade?

— Sim, sua situação é terrível — concordou docilmente Stepan. — Mande dizer que está doente hoje...

— Ninguém me acreditará... Fui à missa.

— Diga que a cozinheira queimou o peru.

— E como me arrango se alguém tem a idéia de ir bisbilhotar na cozinha? Não é preciso que êles vejam o peru sem o comer... Assim, amanhã o peru estaria a calhar e...

— Então faça com que os convidados digam-se satisfeitos e que sugiram que não vale a pena mandar vir o peru.

O tio, que estivera a morder nervosamente o lábio superior, mostrou-se radiante:

— Stepan, meu velho, fique para jantar. Você é um parente, não tem que fazer ceri-

MUSSOLINI foi o primeiro. Apareceu berrando, ameaçando a todo o mundo, pedindo um novo Império Romano por onde pudessem passear mais folgadoamente os seus oito milhões de baionetas, cansadas já da estreiteza das ruas de Milão e de Turim. A princípio, a sua demagogia levava à frente do balcão da Piazza Venezia milhares e milhares de fanáticos, que se debatiam em histerismos bélicos aos gritos de "a noi l'Abissinia", legenda fanfarrônica que, evoluindo através dos anos de covardia universal, foi se transformando até atingir o ponto máximo da arrogância: "A noi tuto il mondo". E todo o mundo era então pequeno para as fauces gluttonas de "il Duce". Começou a gritar mais alto, pedindo outros pratos para o seu apetite insaciável: "Em verdade os problemas da Itália, retiradas as máscaras e dados às coisas os seus nomes verdadeiros, podem ser chamados hoje problema Tunísia, problema Córsega e problema Nice. Somos um povo forte e havemos de nos expandir pela África e pela Riviera, queiram ou não os povos fracos e as democracias decadentes". Assim era a fala de Mussolini em 1939. A Espanha havia tombado ante a fúria assassina dos tanques de alta tonelagem importados de Berlim e Roma pelos criminosos da "Falange". Sete anos depois, justificado pela própria população milanesa, os carrascos de Roma tiveram os seus corpos expostos na Piazza Loreto, onde o povo, revoltado por 21 anos de cativeiro, cuspiu nas faces mortas dos tiranos. Nesta página reproduzimos alguns aspectos fotográficos da exposição dos cadáveres dos "leaders" fascistas em Milão, tomadas pelo fotógrafo Horavio Coelho, da F. E. B. Vêem-se nas gravuras os corpos de Mussolini, Teruzzi, Gelormini, Clara Petacci, Pavolini e Tarici. A seguir, os nomes dos carrascos postos na marquize do posto de gasolina, onde foram os mesmos pendurados.



O FIM DOS CARRASCOS DE ROMA





A pequena Victoria Elizabeth James celebrou seu primeiro aniversário. Aqui a vemos, em companhia de seus queridos papai e mãe, Betty Grable e o chefe de orquestra Harry James, na hora de apagar a vela clássica de "birthday". Em baixo, novamente o casal James palestrando com o diretor Irving Cummings, num intervalo da filmagem de "The Dolly Sisters", que tem Betty Grable como protagonista. Nesse momento Harry James trabalhava na parte musical de "Kitten on the keys", ambos da 20th. Century-Fox.



Hollywood, julho. (Por avião — de Luiz Serrano, nosso correspondente em Hollywood) — O casal Betty Grable-Harry James continua sendo um dos mais felizes da colônia cinematográfica em Los Angeles. Agora mesmo a festejada "estrêla" e seu marido, o renomado chefe de orquestra, vêm de comemorar o primeiro natalício de sua filhinha Victoria Elizabeth James, e esse acontecimento serviu de pretexto para que se reunissem na linda vivenda de Beverly Hills, onde residem, um grupo selecionado de amigos e colegas de estúdio.

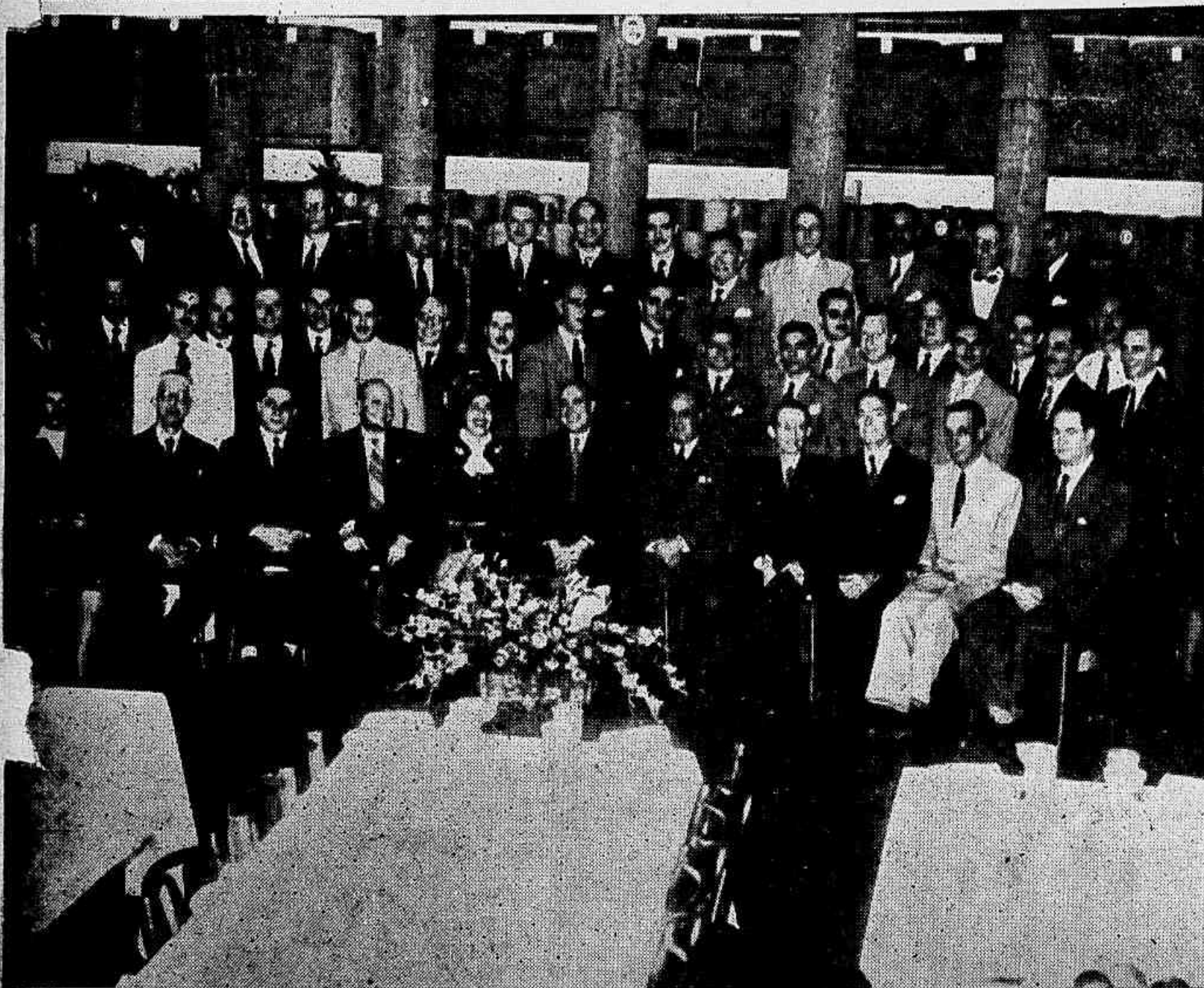
— "Minha filhinha é a mais linda criança do mundo", disse Betty Grable com toda a vaidade própria de mãe. Quando lhe perguntamos se Victoria Elizabeth virá a ser também artista da tela, Harry James torceu o nariz, admitindo a hipótese, muito mais agradável para ele, de formar-se em filosofia. — "Quero ter uma filha vivendo uma existência diferente daquela que é a nossa, sem contudo diminuir a carreira de minha esposa", declarou Harry James. Todavia, posso dizer-lhes que Victoria Elizabeth é uma criança precoce e, por isso, talvez destinada a seguir a carreira cinematográfica. Ela apagou a velinha do seu aniversário, de um único sopro... Não será um indício?

A REVISTA EM HOLLYWOOD



Ao alto, à esquerda, John Payne e sua esposa Glória de Haven, em sua casa de campo, ainda em plena lua-de-mel. A direita, outro flagrante daquele simpático casal de "astros". Em baixo, à esquerda, Irene Dunne na sua mais recente pôse, e, à direita, Shirley Temple vivendo um momento culminante de "Kiss and Tell", com Katherine Alexander. Como se vê, Shirley está agora disposta a fazer papéis de maior responsabilidade, vivendo tipos de menina-e-moça, no estilo daquele em que a vimos em "Desde que partiste". (Fotos da Columbia e da 20th. Century-Fox, enviadas por Luiz Serrano, correspondentes da REVISTA em Hollywood.





O 33.º ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO DA CASA NUNES

Realizou-se no dia 1.º do corrente, na sede da Casa Nunes, à rua da Carioca 65, o almoço anual de confraternização que congrega os dirigentes e auxiliares do estabelecimento, ao ensejo do encerramento do balanço.

Há 33 anos que a Casa Nunes vem mantendo a liderança no seio da indústria e comércio do gênero que ela abraçou, não só pela sua constante preocupação de "bem-servir" a todos que lhe dão a preferência, como também pelos esforços dedicados ao estudo e execução de mobiliários e decorações.

O comendador Alfredo Rebelo Nunes, fundador e dirigente desta grande organização, referiu-se no seu discurso aos seus auxiliares, cujo trabalho eficiente muito tem contribuído para o êxito cada vez maior dos negócios e para a sustentação do conceito e prestígio da Casa Nunes.

Usaram também da palavra, em brindes que muito enalteceram a obra realizada pela Casa Nunes, a senhora Jenny Pimentel de Berba, diretora de "Walkyrias"; professores Victorino Moreira e Herculanio Rebordão; comendador Arthur de Castro; sr. Antonio Guimarães; dr. Julio Renaux; e os representantes de "Caretta", "Voz de Portugal" e "Voz da Classe". Não foi esquecido, num brinde de votos pelo seu restabelecimento, o sr. Nelson Ribeiro Nunes, jovem inteligente e destacado colaborador do comendador Alfredo Nunes, que se acha em tratamento na Beneficência Portuguesa.

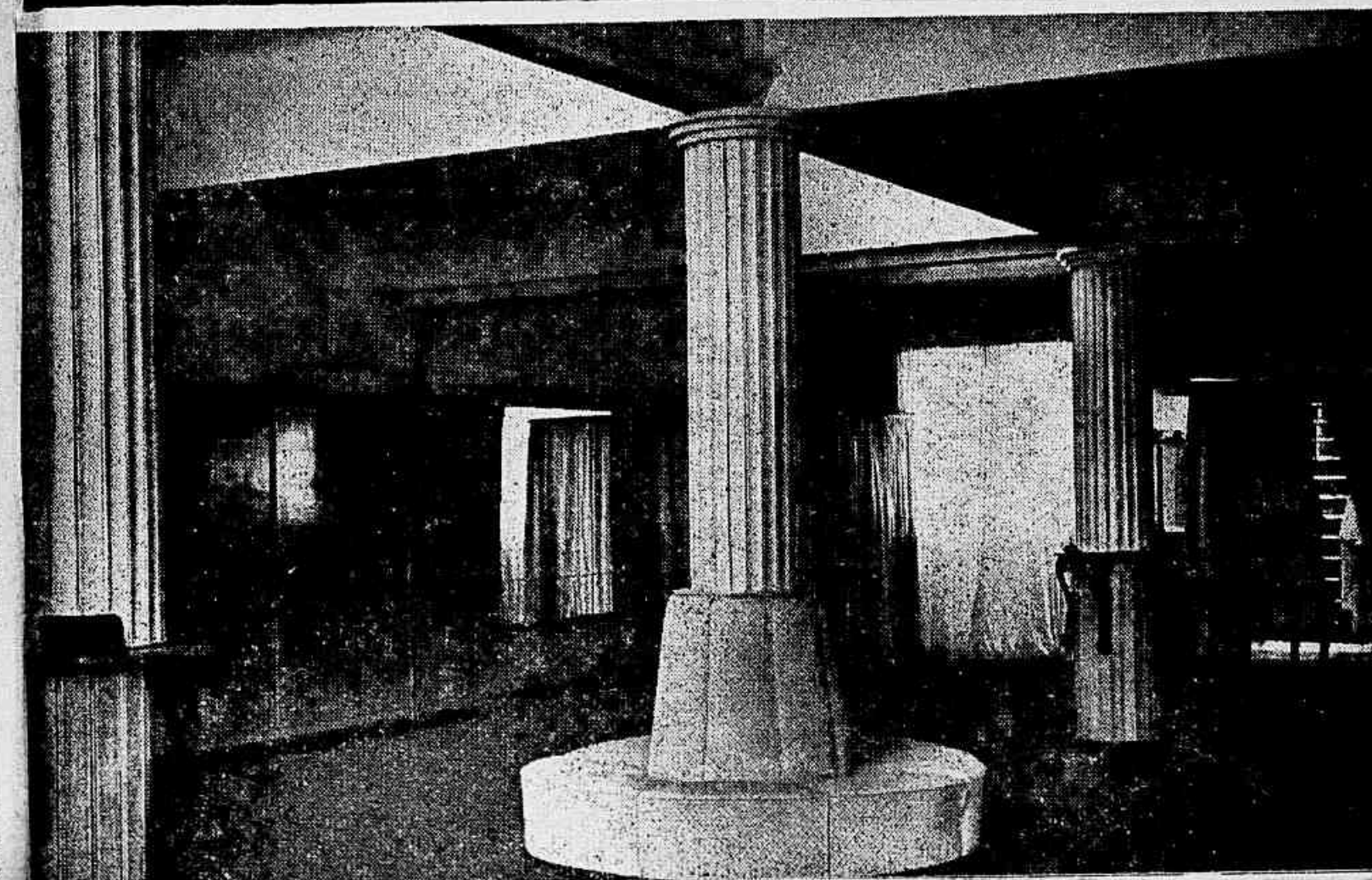
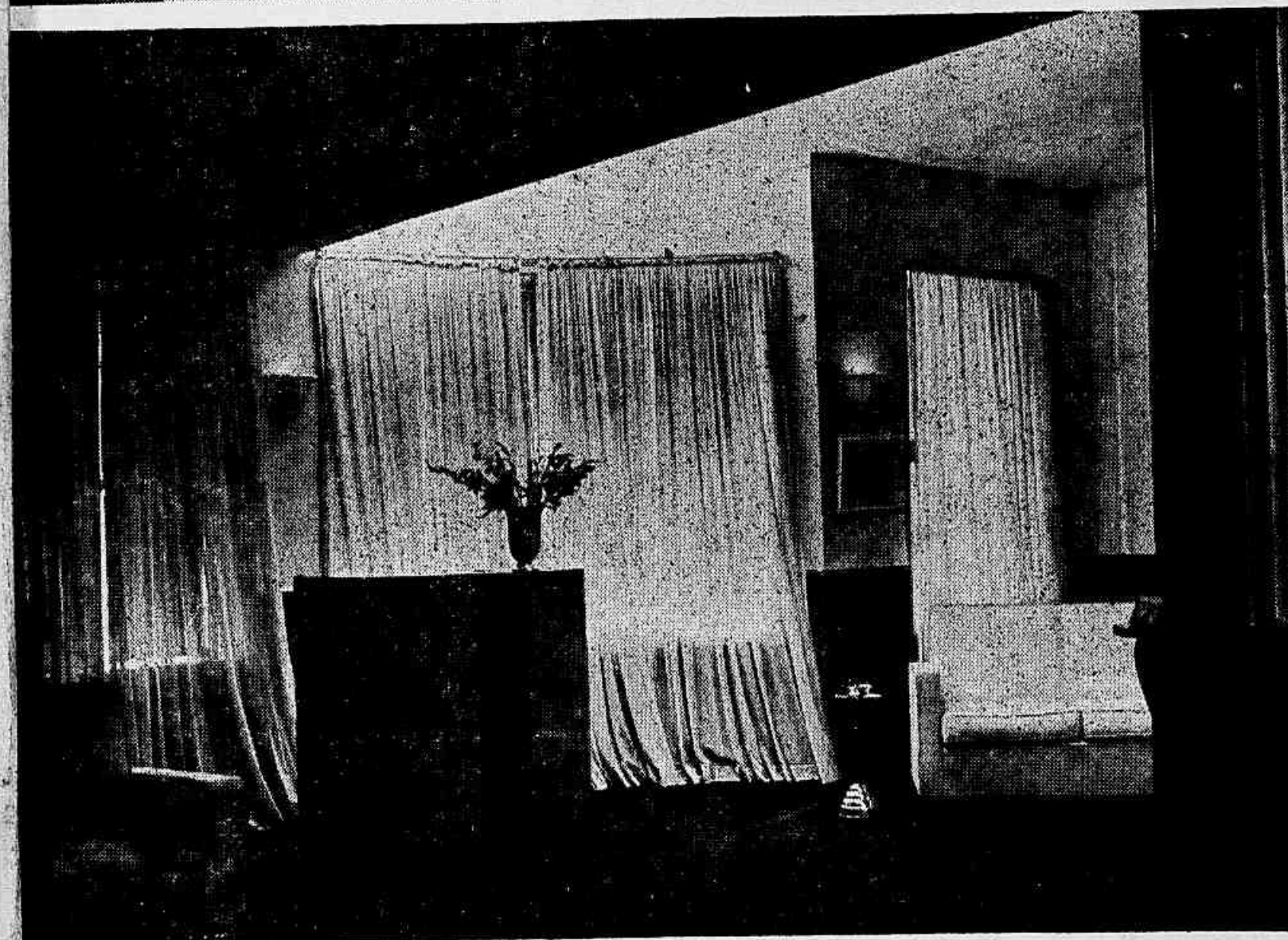
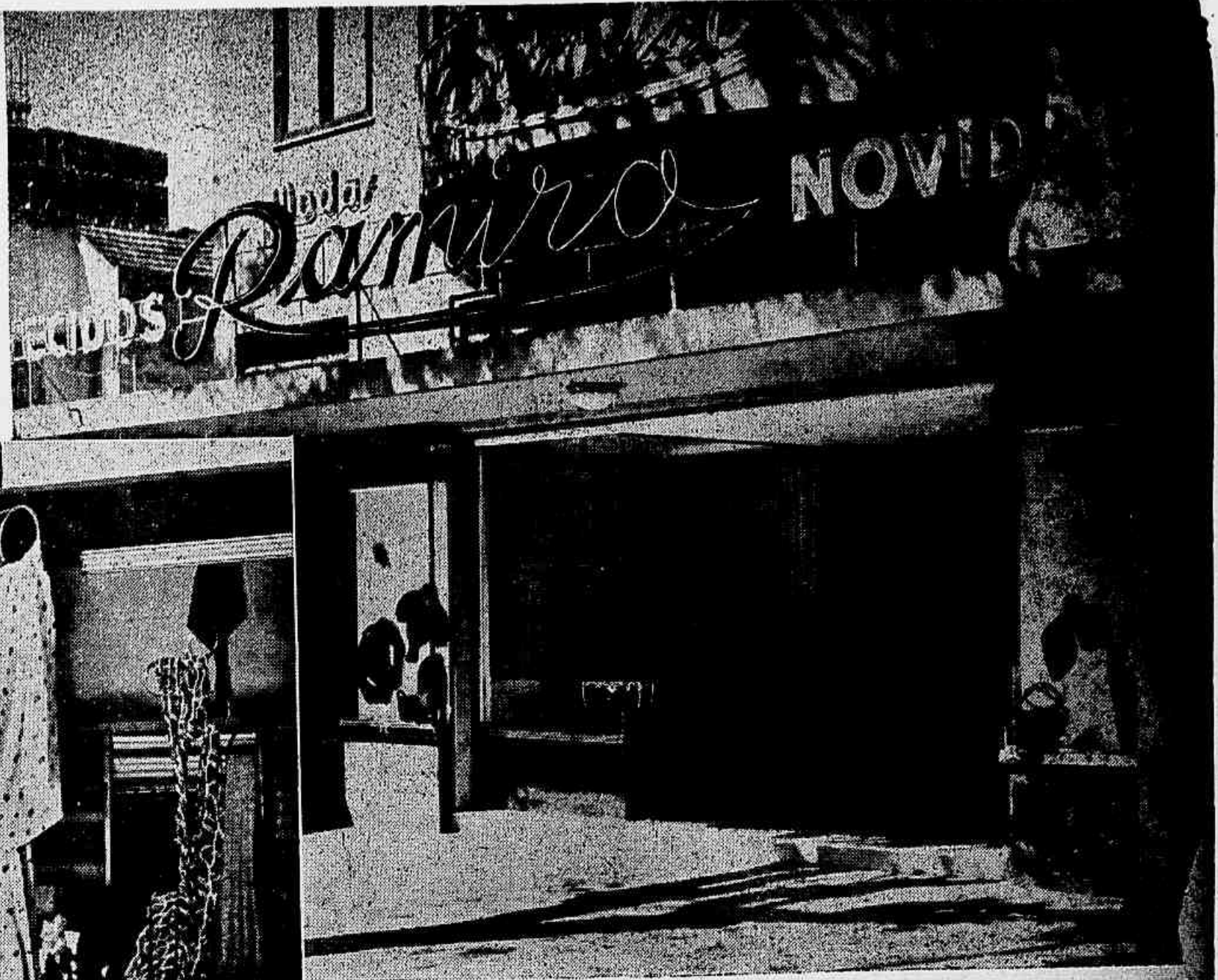
Como nos anos anteriores, esta festa tradicional se revestiu de grande brilhantismo, a ela comparecendo, além dos sócios e inúmeros auxiliares, pessoas de destaque da nossa sociedade, entre as quais notamos: o comendador Arthur de Castro, dr. Julio Renaux, Herbert Renaux, Lidio Hamann, Luiz Galia, Carlos Young, Alfredo Tolmasquim, Jacques Lorthiois, Adolfo Wegwnast, Helio Cortez, dr. Luiz Magalhães, Nelson Ribeiro, prof. Herculanio Rebordão, com. Crisostomo Cruz, Candido de Oliveira, Serafim Barbosa, João Braga, José Félix, José Silva Santos, Diamantino Soares, Damião Nogueira, Sá Reis, José Alves Teixeira Bastos, Austo de Oliveira e Silva, Manoel Bastos, prof. Victorino Moreira, J. A. Correia Varela, além de representantes e diretores de Rádio Nacional, Rádio Guanabara, Rádio Mayrink Veiga, Rádio Cruzeiro do Sul, Rádio Globo, Rádio Tupi, Rádio Tamoio, Rádio Clube do Brasil, "A Noite", "O Globo", "Correio da Noite", "A Notícia", "Diário da Noite", "O Jornal", "O Cruzeiro", "A Cigarra", "Correio da Manhã", "Jornal do Comércio", "Jornal do Brasil", "Diário Carioca", "Diário de Notícias", "Brasil-Portugal", REVISTA DA SEMANA, "Voz Portuguesa", "Caretta", "Voz de Portugal", "Fon-Fon", "Vida Doméstica", "Walkyrias", "Revista da C. P. Comércio", "Revista Cultural" e "O Malho".

Após o almoço, que decorreu num ambiente de franca cordialidade, houve um magnífico baile que se prolongou até o anoitecer.

Os flagrantes que ilustram esta página foram colhidos pela nossa reportagem, destacando-se entre eles o aspecto em que aparece o comendador Alfredo Nunes pronunciando, visivelmente emocionado, o discurso tradicional de congratulações com seus sócios, auxiliares e amigos.



Lojas Ramiro



A aristocrática Copacabana conta, desde duas semanas, com mais um elegante estabelecimento de modas primorosamente instalado à Avenida Nossa Senhora de Copacabana 673, emprestando ao lindo bairro mais um motivo de beleza e atração, destinado a constituir-se em ponto de reunião da nossa "haute-gomme". Realmente, o magnífico conjunto das LOJAS RAMIRO, muito bem pôsto com sóbrio luxo e bom gosto inconfundíveis, está aparelhado a atender a mais fina e exigente clientela, a cuja sensibilidade oferecerá sempre as últimas criações da moda, desde os tecidos à bijouterie, das autênticas rendas francesas às mais requintadas confecções femininas.

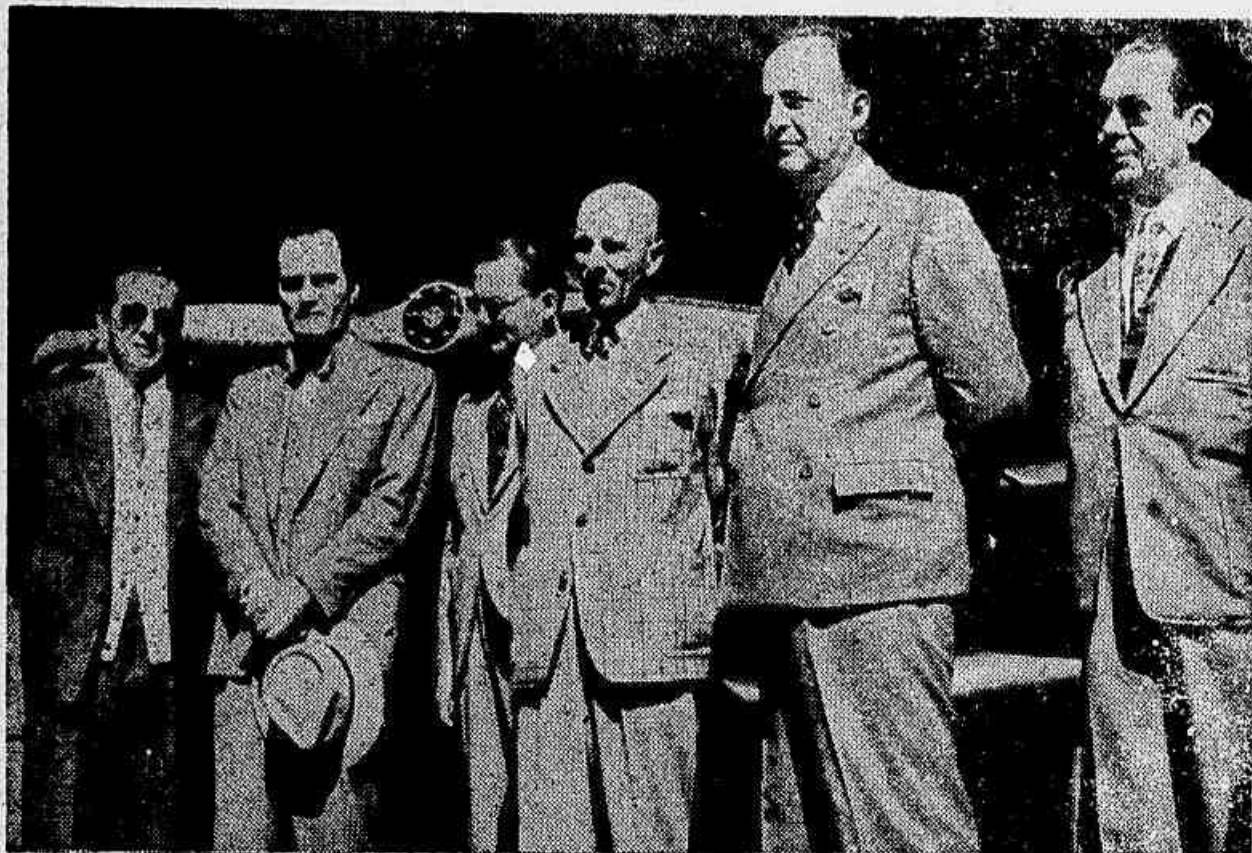
O esplêndido salão do segundo pavimento será teatro dos mais deslumbrantes desfiles de modelos que se realizarão no Rio, isto num ambiente de rara beleza e distinção, próprio às grandes reuniões mundanas.

Tudo nas LOJAS RAMIRO foi previsto com o objetivo de proporcionar o máximo de conforto à sua clientela, não se sabendo o que mais admirar: se o objeto exposto à venda, ou a magnificência das suas instalações.

A inauguração das LOJAS RAMIRO foi um acontecimento de grande expressão. E as famílias cariocas, notadamente a alta sociedade de Copacabana, terão no esplêndido magasin a great-attraction do comércio elegante do Rio.



De cima para baixo, pela ordem — A fachada do novo magasin; o interior do pavimento térreo, e dois ângulos do magnífico salão de modas e confecções, único, no gênero, no Rio de Janeiro.



Cinco aviões "CAURÉ" para a Campanha de Aviação

O ministro da Aeronáutica adquiriu para a CAMPANHA NACIONAL DE AVIAÇÃO cinco aviões tipo CAURÉ (HL-6), de fabricação da Organização Henrique Lage. Os aviões em apreço, por suas características, perfeito acabamento e fácil manejo, já estão sendo empregados no treinamento avançado pelas Escolas de Pilotagem de vários Aero-Clubes. Ao alto, um aspecto da solenidade de batismo dos primeiros aviões, vendo-se o sr. ministro da Aeronáutica ladeado pelos engenheiros Cesar Grilo e Roberto Pimentel e o sr. Pedro Brando, superintendente da Organização Henrique Lage, ladeado pelo engenheiro Valencio Barros e sr. Darcy Mendonça. Ao lado uma vista da magnífica frota da Companhia Nacional de Aviação.

A Debilidade SEXUAL e o seu Tratamento moderno

Brown Sequard, já em 1891, agitou o mundo médico entusiasmado com o seu exemplo pessoal, afirmando sentir nova mocidade, resultante da ingestão de substâncias hormonais masculinas. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma fórmula de grande alcance médico social, cujo nome é PANSEXOL.

Um tônico estimulante, indicado em todos os casos onde se faz sentir a diminuição parcial ou geral das reservas do organismo, ao qual realimenta dando-lhe nova vida e vigor. PANSEXOL existe uma fórmula para cada sexo Masculino e Feminino. Encontra-se à venda em todas as Drogeries e Farmácias.

Formula do Prof. AUSTREGESILIO

Remetemos, pelo reembolso postal — Cr\$ 25,00 o Vidro
Produtos Panvital — Rua da Estrela n. 6 — RIO DE JANEIRO

MENTHOLATUM
Acalma
QUEIMADURAS
Contusões e
Ferimentos

"DEPRESSA, MARY!
TRAGA-ME
MENTHOLATUM"

MÁ DIGESTÃO, DISPEPSIA, DORES NO ESTÔMAGO
BIOGASTRINA
O DIGESTIVO IDEAL QUE GARANTE UMA DIGESTÃO NORMAL

Livros

OS HOMENS QUE CONSTROEM O FUTURO, alta reportagem de Bruce Bliven, tradução de Paulo Moreira da Silva — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1945.



"Este livro é obra de jornalista, não de cientista"... Assim começa o prefácio de *Os homens que constroem o futuro*. Mesmo, porém, sem essa declaração qualificaríamos de reportagem, no sentido a que o jornalismo moderno elevou esse termo, o amplo, complexo e tão elucidativo trabalho de Bruce Bliven.

A sua tarefa, além de nobremente orientada e como bem poucas esforçada, atingiu em alto grau o caráter proveitoso. Veio numa época em que os homens precisam de conhecer ou ter meios de calcular as possibilidades de amanhã no sentido da sua segurança e do seu bem-estar. Que garantias serão dadas ao seu trabalho e que esperanças, razoavelmente lhe assistirão de o ver compreendido e recompensado? Ainda diante dos horrores e misérias da guerra na Europa e sob as ameaças que ela continua a dirigir ao mundo, toda a gente anseia por saber como, depostas definitivamente as armas, se estabelecerá a nova era nos destinos da humanidade. O autor do presente livro pretendeu organizar esse panorama, tornando-o bem convincente em favor da nossa energia lutadora e da nossa coragem de esperar. Para isso, cons. Lou homens de cujo pensamento e cuja ação poderão resultar benefícios positivos e realmente valiosos. Dirija-se sobretudo aos cientistas que, longe de ambições e agitações vulgares, cuidam de defender a vida humana, não apenas a rebuscando como lhe dando também condições, tantas quantas possível, de felicidade. Ouviu mestres da física e da química, psicólogos, psiquiatras, astrônomos, engenheiros, arquitetos, educadores, publicistas, toda sorte de notoriedades em matérias que com o problema capital se pudessem relacionar. E o resultado de todas essas indagações, como Bruce Bliven o apresenta no seu livro, desde as primeiras páginas impressiona e convence da melhor maneira.

"A sugestão de que os cientistas em conjunto — conclui o autor — devam tomar a iniciativa de ajudar-nos a encarar nossos assuntos públicos dentro de um espírito mais científico bem pode parecer descabida em vista da triste situação atual do mundo; mas não creio que tal seja a verdade. Cumpra dar os primeiros passos, algures e em qualquer momento, na aplicação da ciência aos assuntos do mundo, muito embora em pequena escala. E preferível ensaiar um passo titubeante à ficar onde estamos ou recuar. Creio haver demonstrado que os cientistas já são, em boa medida, os homens que constroem o futuro. Ninguém como eles está em condições de estender seus poderes e salvar a civilização. Basta-lhes o querer".



A COMÉDIA HUMANA, romance de William Saroyan, tradução de Alex Viany — Editora Científica — Rio de Janeiro, 1945.



O título é balzaqueano, mas o romance não tem nada disso. Em todos os sentidos se filia à nova escola norte-americana: literatura desde logo destinada ao cinema e, antes e depois do cinema, ao êxito comercial. Com esse fim, numerosos autores, nos Estados Unidos e já também em outros países, adotam o sistema, por assim dizer, igual em todos os casos, de agradar ao grande público. Lisongear-lhe o gosto, ir-lhe direito ao sentimento e assim o deixar esperando, como tantas outras homenagens ou afetuosas dádivas, as novas obras do gênero... E o romance não apenas escrito mas "feito à máquina". E o Brasil o aprecia a ponto de continuamente lhe dar traduções mais mais ou menos dignas do original.

Nesta *Comédia humana*, que o público do Rio viu no cinema e agora lhe é oferecida trazendo na capa o intérprete do protagonista Homero, há uma história de patriotismo e de guerra, composta ora para angustiar ora para encher o júbilo as almas de certa sensibilidade — ou daí para além. O primogênito vai se bater na Europa e a família, sem aqueles braços que, acima de tudo, a amparavam e traziam contente, poderia passar por toda sorte de tribulações... Lá está, porém, Homero, garoto ainda, que operará prodígios de ternura e dalgum modo se tornará a providência doméstica. Depois vem a notícia de que o mais velho morreu no campo da honra. Antes, porém, de incumbir o herdeiro a tarefa de garantir o seu regresso ao lar... na pessoa dum camarada de campanha, seu irmão do coração. E o sobrevivente saberá substituir o desaparecido na casa hoje de luto, mas onde a paz e a esperança não tardarão a voltar também.

Tais as linhas gerais daquele entrecio relativamente singelo e que o autor — conforme a sua própria declaração numa nota liminar — tratou com toda a possível simplicidade. Manda a verdade dizer que, no texto em português, a primeira palavra representa um erro de gramática, e que, infelizmente, não é esse o único da tradução.



A ESTRELA E O PANTANO, fantasia para crianças, de Elos Sand — Editora Anchieta S. A. — São Paulo, 1945.



"No começo do mundo, os animais, as plantas, a lua, as estrelas e o sol, tudo falava". E por que deixei de falar? Não erro sem dúvida algumas crianças. Estantes teus e conhecido que fatalmente fariam tal pergunta... Nesse caso, a pessoa grande, pai, mãe, governante, professor, que estiver ali perto, passará um momento de terrível incômodo. Para a resposta não ser delicada, provocando resistências ou objeções, tem que se alçar, carrega e obscura, até o guri sentir o entendimento cansado e, vendo que não lhe serviu a curiosidade, renunciar a novas explicações. Fica-lhe, porém, no espírito aquela lacuna, aquele seio inatisfeito de saber. E boa parte, talvez a maior, interesse da história está irremediavelmente perdida. Nem todos os ouvintes, porém, ou leitores de terra e de mar errarão a narrativa, fugidos pelo impulso da inteligência de tudo averiguar e compreender. Serão empolados exclusivamente pelo interesse do que vai acontecer nos personagens da ficção. E aquele público especialmente se destinam os contos e o de *A estrela e o pantano*, passado no tempo em que os astros e o universo iam e vinham e os outros, de ira feita a nós os ouvintes, e Deus, assim que anotece, os mandava passear pela abóbada celeste.

Nova

Daquela vez, resolveram as estrelas descer à Terra, onde folgaram horas esquecidas. De repente, surpeen-leu-o aviso de já vir nascendo o sol. Ergueram vôo, assustadas, ouvindo já o rir do Nosso Senhor, se chegasse tarde lá em cima. E uma delas, ao passar por uma árvore, sobre um pântano etc. etc. Não faltam pedagogos, pedólogos, pediatras a condenar periclitado este gênero de literatura; e em alguns países é ele rigorosamente proibido. Não parece, porém, que de tais histórias resultem para a inteligência e o sentimento das crianças prejuízos por aí além. Será conforme os povos, as raças. E acreditamos que o presente livrinho não surtirá outro efeito se não o de divertir as crianças, ensinando-lhes ao mesmo tempo os nomes das algumas estrelas e das algumas constelações.

CHUVA SOBRE A TUA SEMENTE, "poemas" de Jorge Medamar — Livraria José Olympio, editora — Rio de Janeiro, 1945.



O Sr. Jorge Medamar é um moço de talento que escreve poemas ou poemetos em prosa e lhes dá gráficamente a forma fragmentada em linhas irregulares, sem método ou regra de espécie alguma. Acompanha assim um grupo de jovens — alguns bem além de quarentões — que, levados pela ância da originalidade, fazem todos a mesma coisa. Dir-se-ia intuitivo que, em vez de os novos candidatos a poeta seguirem uma corrente onde as individualidades se misturam e confundem, e ou dela saem ou se perdem, melhor lhes seria obedecer às normas e preceitos dentro dos quais tantos cultores da poesia se assinalaram individualmente e se immortalizaram. Não entendem assim os mancebos em questão. Não entende o Sr. Jorge Medamar, por enquanto; mas as qualidades de espírito e de sentimento que revela, mais cedo ou mais tarde, o obrigarão a escrever prosa como verdadeira prosa ou a compor versos de verdade. Coisas que, em verdade, não são incompatíveis. E ao contrário, o que frequentemente se verifica na mesma individualidade, é a circunstância de não poderem passar uma sem a outra.

Para exemplo da inteligência e da emotividade do autor da *Chuva sobre a tua semente*, tomaremos a primeira página do volume, intitulada *Paz sobre a gleba*:

No campo tu serás também a companheira,
quando sobre a gleba descer a paz
como a chuva da manhã.

Juntos estaremos na charrua,
abrindo estradas para a sementeira.
E a terra será mãe,
e amorosa tu serás,
pois dos canteiros biotarão as esperanças,
como as dores do teu ventre.

Teus olhos serão orvalho sobre o verde
e na colheita beijarei tuas mãos.

Depois virão poetas, companheira.
E quando virem tuas cabras,
teu potrilho relinchando na campina,
e sentirem o cheiro forte dos currais,
farão versos, companheira.

Nos cantarão, farão poemas aos teus cabelos,
tua voz será motivo,
e pensarão no crescente,
quando virem a foice em minha mão.

Sobre as glebas a paz há de descer.

Vem perto a madrugada,
companheira.

J. L.

A CAIXA ECONOMICA DO RIO JANEIRO EM 1943. — Carlos Coimbra da Luz. — Rio. — 1944.

O nosso ilustre patricio, Sr. Carlos Coimbra da Luz, Presidente da Caixa Economica do Rio de Janeiro, reuniu, em volume de quase 400 paginas, o relato de sua fecunda administração durante o ano de 1943.

O trabalho em causa é documento da maior significação e por isso mesmo está merecendo a máxima atenção dos nossos meios economicos, bancarios e financeiros. Graficos e quadros ilustram o texto do livro.



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agrada.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos grãtis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 48 - 5.º. Andar

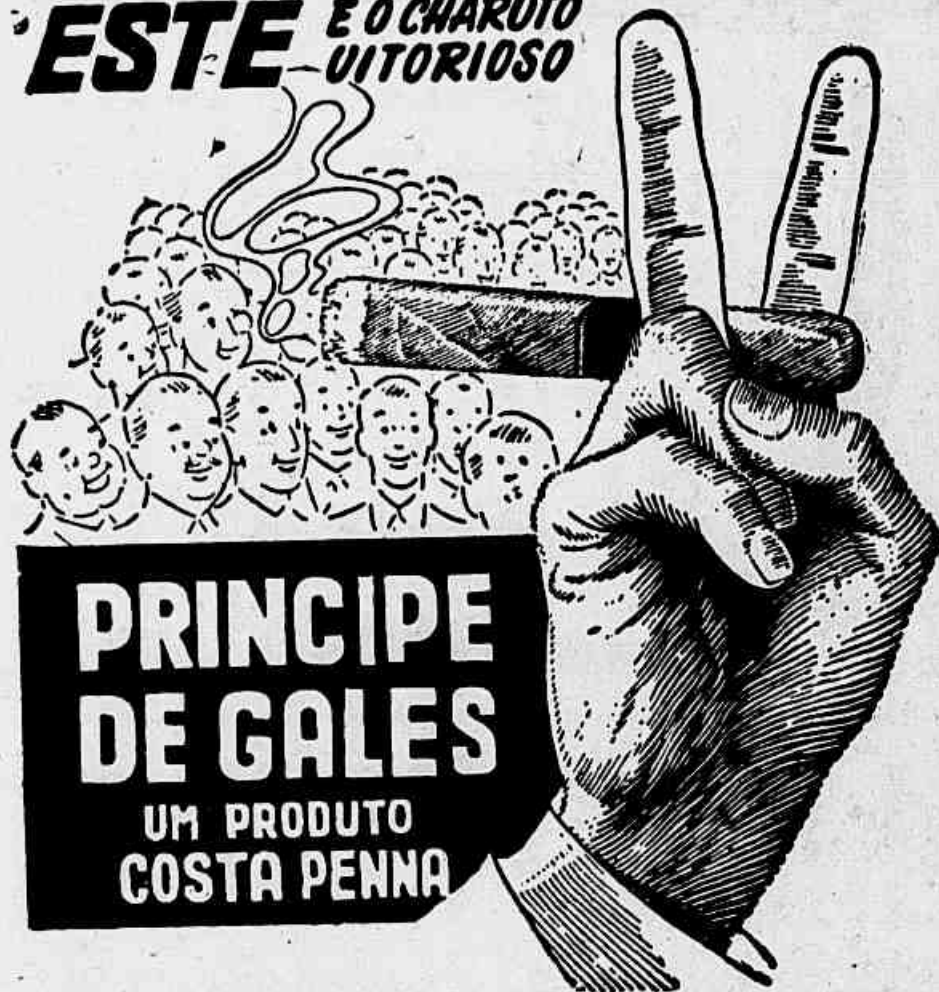
Nome

Rua

Cidade

R.S.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Brilho duradouro em poucos minutos!



Brasso - DÁ BRILHO AOS METAIS!



HEMORRHOIDAS? tome

LIC. 3518-14-3 925 D.L.S.P.

ENCONTRA-SE EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS

Pílulas de Herva de Richo

Garantias! Óptimas! Infallíveis!

REVISTA DA SEMANA

Comunicamos aos interessados que não está mais em vigor a autorização conferida ao Sr. Olimpio de Lucena Montenegro para obter matéria destinada a esta revista.

A Administração.

Rua Maranguape, 15 — Rio.

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



CALOS

Dedos Doloridos Pelos Sapatos Apertados

Remédio Científico que Age Instantaneamente.

Remove os Calos com Rapidez.



Use Zino-pads do Dr. Scholl e obterá pronto alívio para os sofrimentos causados pelos seus calos ou feridas entre os dedos. É maravilhosa a rapidez com que os Zino-pads neutralizam a pressão dolorosa exercida sobre o ponto sensível. Leves, macios, delgados, protetores, esses "pads" evitam a formação de calos, pontos sensíveis, bolhas e calcanhares ardidos. Os Zino-pads do Dr. Scholl facilitam o uso de sapatos novos ou apertados. Com o remédio, você obterá também os Discos Medicados para a rápida remoção dos calos. Os Zino-pads Dr. Scholl custam uma ninharia. À venda em toda as farmácias e drogarias ou nas Lojas Dr. Scholl. Procure-os hoje mesmo!

Exames e conselhos grátis sobre todos os males dos pés. Pedicuros científicos sempre à disposição.

Lojas Dr. Scholl

PARA O CONFORTO DOS PÉS
RUA S. JOSÉ, 114 - RIO
RUA DO AROUCHE, 71 - S. PAULO



Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL

REGULA!

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA A PARTE

CABELOS BRANCOS?

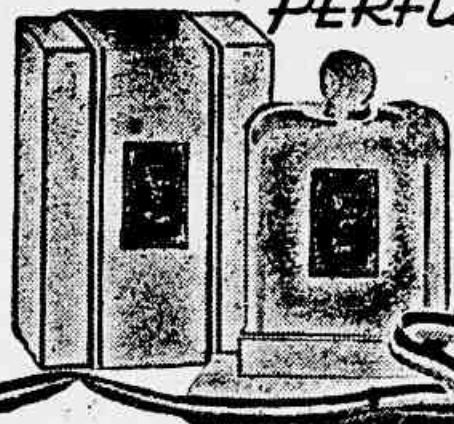
LOCÃO

Brilhante



Aqui estão três esplêndidos modelos para as nossas tardes de inverno. O primeiro é um casaco elegantíssimo de lã branca, em corte reto. Gola de veludo preto e pespontos em "cordannel", também preto. O segundo é um "robe manteau" em lã verde. Um belo jogo de pregas sobre os ombros, laço no decote e nas mangas; este agasalho é bastante original. E o último, que é confeccionado em pêlo de camelo bege, está esplendidamente adornado com fileiras de pespontos em marrom e três botões dourados.

UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO



PERFUMES



PERFUMES

BELLES FLEURES
MUSGO CHINE

05

À BUSCA DA FELICIDADE

Que é todo o esforço da vida humana senão uma permanente busca da felicidade? Por que se agitam homens e mulheres, em todas as idades, senão para conseguir os elementos que os fazem felizes? Mas a primeira condição da ventura individual é o bem estar físico, resultante da boa saúde. Não há felicidade possível quando o sistema nervoso não funciona normalmente e ninguém ignora que é pelos nervos que o homem goza ou sofre. A alegria e a tristeza estão intimamente vinculadas aos nervos. Mantê-los sólidos, preservando-os dos choques e abalos da agitação moderna, é, pois, o esforço lógico para alcançar a felicidade. A ciência possui um grande recurso para isso. O Benal, fórmula do prof. Austregésilo, assegura o funcionamento normal do sistema nervoso, garante o sono reparador, dá o domínio do indivíduo sobre si mesmo. É uma barreira às inquietações que perturbam a vida e tiram ao homem o mais precioso dos bens, que é o sossego do espírito. Benal encontra-se em todas Drogarias e farmácias.

CREME DE TOILETTE RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE



**A LUZ FLUORESCENTE
SYLVANIA**
atrai a freguesia
e... gasta menos
Peçam informações
MESBLA
Rua do Passeio 48/56
RIO - S. PAULO - B. HORIZONTE - RECIFE
NITERÓI - PTO. ALEGRE - PELOTAS

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Para as crianças

Confortável "manteau" em lã grossa. Mangas raglan; adornado com costura inglesa em forma de dentes. Manteau e chapéu em lã mostarda, com aplicações do mesmo tecido formando os bolsos e o enfeite da cintura. E um pequeno "ensemble" em lãzinha azul com um engraçadíssimo bordado figurando paraquedas.



Lábios QUE ATRAEM...
Faces QUE ENCANTAM...

Para a beleza da sua cutis e realce dos seus encantos femininos, use os produtos de Mme. GRAÇA, criados para as mulheres de fino trato. Para manchas e sardas, use o ÓLEO DE VIOLETAS que torna a sua cutis mais assestada e limpa. Evite também a flacidez e as rugas com o CREME ANTI-RUGAS, que alisa e enrijece a cutis. Aos seus lábios, o BATON SEMARAP dá um encanto duradouro, realçando e aprimorando os seus encantos pessoais. Mantenha sempre os cuidados com a sua beleza, usando os produtos de Mme. Graça.



PRODUTOS DE *Mme. Graça*
Enviamos catálogos grátis pelo Correio
Rua da Alfândega, 181 • RIO

Distribuidores Gerais: ESPANHA PARAMES & IRMÃO



incarelli

ALMIRANTE
BARROSA, 5

UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO • RIO

ESCOVAS



PRODUTOS
LOANDA

LEITE DE ALFAZEMA
PRODUTOS
MUTAMBA DO NORTE

PERFUMARIAS
NACIONAIS e ESTRANGEIRAS

DISTRIBUIDORES PARA TODO O BRASIL



VENDAS SOMENTE PARA OS SRS.
ATACADISTAS E VAREJISTAS

Srs. comerciantes, industriais e banqueiros,
utilizai um dos mais eficientes veículos de publi-
cidade da Capital da República, anunciando nos:

— Altofalantes localizados na Estação D.
Pedro II, por onde passam, diariamente, 360.000
pessoas, e na Estação do Meier, e Restaurantes dos
Servidores da Estrada de Ferro Central do Brasil
(7.º andar da Estação D. Pedro II, Francisco Bica-
lho e Oficinas do Engenho de Dentro em irradiação
feita simultaneamente.

Informações: — Serviço de Turismo e Publi-
cidade da Estrada de Ferro Central do Brasil —
7.º andar do Edifício da Estação D. Pedro II, salas
700 a 710 — Fones 43-9331 e 43-9562.

GRIPES
RESFRIADOS
NEURALGIAS



DÔRES
de CABEÇA

TRANSPIROL

VARIZES
EM SENHORAS
E HEMORRÓIDAS EM GERAL

NOVO TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO

Após longos estudos foi descoberto um medicamento vegetal para tratamento, com ótimos resultados, de varizes, que prejudicam a circulação venosa. Esta medicação na dose de três colheres das de chá ao dia, em água açucarada, restitui às pernas o seu estado normal e a beleza estética. Em idêntica dose debela os males causados pelos mamilos hemorroidários internos e externos, inclusive os que sangram. Use a pomada no local e beba juntamente o líquido, para debelar tanto varizes como hemorróidas! Não encontrando nas farmácias e drogarias, peça diretamente ao depositário: Caixa Postal, 1874 — São Paulo.



EVITE ISTO!

Hemo-Virtus



PETTINATI

Os apuros de um autor

(Continuação da página 19)

também quase fui enganado; mas depois da quarta decepção, na verdade...

O major abanou a cabeça gravemente:

— Não é que eu tenha qual-quer coisa contra o rapaz...

— Compreendo, compreendo, mas seu procedimento é deveras incompreensível.

— Eu não diria incompreensível...

— Estranho, com certeza...

— Quanto a isso não há dúvida.

— Bem, major, eu vou indo.

— Tão cedo?

— Tenho um encontro marcado. Vê-lo-ei hoje à noite, ao jantar.

— E' verdade. Hoje oferecemos um jantar. Veja como está minha memória! Com as preocupações tinha esquecido...

Com uma brincadeira a respeito dos convidados que compareceriam aquela noite, talvez sem ser esperados, Freight partiu. Não o acompanharemos ainda. Mais tarde ficará explicado por que qualificamos seu procedimento de estranho, as mesmas palavras, aliás, que ele usou para classificar as ações de Harold. Que faremos então até a hora do anunciado jantar, onde a história chegará a seu ponto mais intenso? Investigaremos qual a razão das censuras ao jovem Harold.

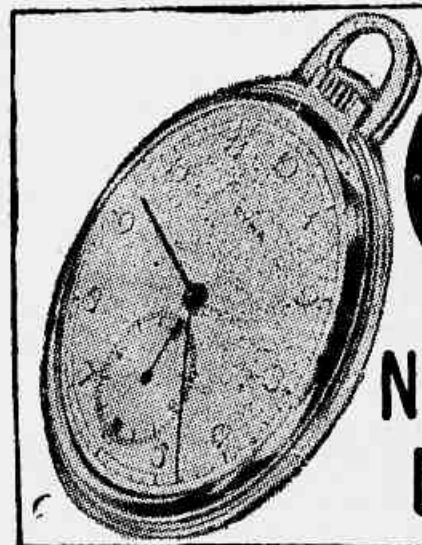
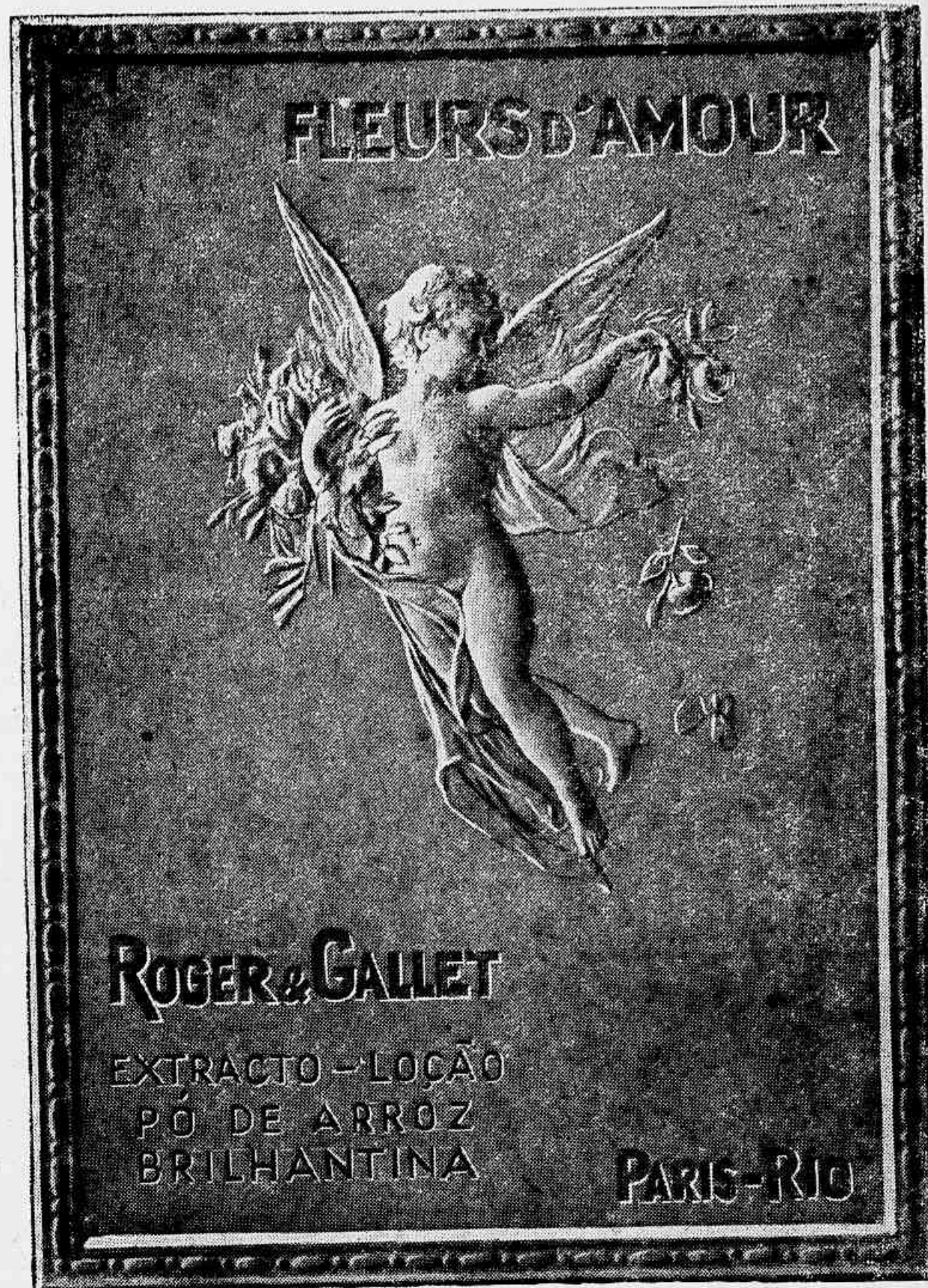
Sabemos, pelo major, que ele mentia. Mas isso, confesso, é muito vago para que possamos basear uma acusação. Então

por que? Mentia a respeito de cavalos somente, era o que Anne dissera ao pai e este concordara. Mentia a respeito de cavalos? Eis uma singular predileção. E' melhor começarmos do início, senão os leitores ficarão para sempre no emaranhado das contradições que apresentava do caráter de Harold.

O tipo físico do rapaz dispensa descrições, simplesmente porque, jovens leitoras, é indescritível. Era o herói século vinte, o "mocinho" que estão habituados a ver na tela: generoso, atlético e belo... belo como... (estou em crise de comparações; enfim, vá lá) belo como Apolo de Belvedere. (A comparação tem o mérito de fazer com que o leitor que não conhece a estátua famosa corra à enciclopédia — se é que a possui — e aprenda quem é. Isso traz dois benefícios: em primeiro lugar aumenta sua cultura, em segundo lugar satisfaz seu senso estético, pois há, sem dúvida, uma reprodução desse tipo de beleza masculina. Diante de tantas vantagens, passagem livre para a comparação rebarbativa.)

Entretanto, apesar de todas as perfeições, o herói é mentiroso. Mentiroso como Munchhausen, o famoso barão. Mente a respeito de cavalos, dizendo-se magnífico cavaleiro. Ora, a todas as caçadas, a todas as cavalgadas, a todas as corridas ele comparece vestido para montar, e à última hora arranja um pretêxo para se esquivar. Um dedo destroncado e outros motivos fúteis passaram da primeira vez, foram aceitos com esforço da segunda, chocaram de encontro à incredulidade da terceira.

(Continuação na página 47)



CYMA

NENHUM OUTRO RELOGIO LHE
DARÁ TANTA SATISFAÇÃO

CASA BRAVARD

FUNDADA EM 1890

ANGELO VILLA

Fábrica de Placas de Metal
e de Carimbos de Borracha

Datadores, Numeradores
de Metal e de Borracha

SECÇÃO METALÚRGICA

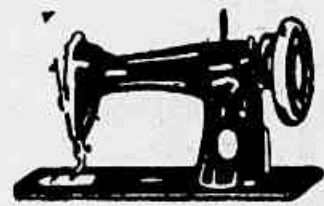
Quadros Indicadores, Letras, Numerações de Metal e de Bronze Cromadas, Niqueladas e Oxidadas, etc., para Edifícios e Apartamentos. Completo sortimento de PORTAS-CARIMBOS "UNIVERSAL", Aparelhos de Impressão Digital, Máquinas para Alto-Relêvo de Alavanca e Sôco, Carimbos para Tecidos, Chapas abertas para Caixas e Fardos, etc.

Rua do Rosário, 92 — Rio — Telefone 23-0752

FÁBRICA:

Rua Machado Coelho, 70 — Telefone 42-3048

Conserve suas máquinas



com
ÓLEO DOMÉSTICO

SHELL



SHELL

ÓLEO DOMÉSTICO

ANGLO-MEXICAN
PETROLEUM CO. LTD.

VENDA ESPECIAL

47º ANIVERSÁRIO



A Camisaria Progresso, a Cristaleira, a Alfaiataria Guanabara e A Progresso de Copacabana, são quatro casas que andam sempre coordenadas em suas vendas. Por esse motivo todas acompanham a redução de preços da VENDA ESPECIAL DO 47º ANIVERSÁRIO DA CAMISARIA PROGRESSO.

CAMISARIA
Progresso

PRAÇA TIRADENTES — 2 e 4



UM PERU

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 34)

mônia. Você pode dizer que está satisfeito e... e votar contra o peru.

— Mas eu não posso, meu tio... O senhor não vê... Eu não sou elegante e...

— Ora, que tolice! Eu o apresentarei como um excêntrico. Eu o tratarei com todas as atenções... E quando chegar o peru você diz: Oh! Por que comê-lo? É inútil, ninguém tem mais apetite... Estamos satisfeitos... Levem-no de volta!

— Mas todo mundo vai dizer que eu sou um tolo!

— Que lhe importa? Ninguém ousará dizer isso em voz alta. E talvez digam somente que você é excêntrico. Eu pedirei, insistirei, mas você será firme, inabalável: peça que levem o peru o mais depressa possível... Não se sabe nunca. Alguém pode sucumbir à tentação. Mas essa sua idéia é um achado! Meu sobrinho, meu querido sobrinho, meu queridíssimo sobrinho! Por que está de pé? Sente-se. Esteja à vontade!

— Meu tio — disse Stepan olhando com o rabo dos olhos para os sapatos estragados que calçava. — Meu tio, não me dê dinheiro este ano. Dê-me, antes, um par de sapatos velhos. O senhor compreende...

— Mas é lógico, Stepan! Nem era preciso

pedir. Eu lhe darei sapatos magníficos! Ah! Ah! Você sabe que é um rapaz muito inteligente? Veja só como sou burro. Não tinha reparado.



Stepan foi apresentado aos convidados.

— Senhores — disse Vassili — eis um parente e um amigo. Um rapaz excêntrico mas um grande homem! Um grande homem!

Que sucesso fez Stepan! Com dois copos de vodka ele ficou mais eloquente que um orador experimentado. Nada, nada o detinha. E ele contou histórias de arrepiar os cabelos e histórias de fazer com que os ouvintes arrebitassem de rir. Um sucesso, na verdade. Mas estávamos contando a triste história de um peru. O peru, todavia, ainda não entrara em cena. Ei-lo que chega agora, suculento, apetitoso, com molho e preparado com castanhas à moda russa. Um peru com castanhas é espetáculo tentador. Stepan, todavia, indiferente, se levanta:

— Senhores! Mais iguarias? Um peru? Não. Nós já nos banqueteamos! Não estamos satisfeitos, meus senhores e minhas senhoras?

Um murmúrio constrangido fez-se ouvir. Os convidados não ousavam mostrar seu desapontamento.

— E' isso, senhores — arrematou Stepan. — Não queremos o peru.

O anfitrião, mais do que depressa, começou seu discurso convencional:

— Ora, coma um pedacinho, meu amigo... O peru está tenro e delicioso. Um peru com castanhas à moda russa...

Súbito, silêncio geral. Grande pausa dra-

mática. Depois a voz estrangulada pela emoção, de Stepan:

— C-c-com castanhas?

— Sim. Castanhas deliciosas.

— Bem. Nesse caso, um pedacinho só... Com isso os convidados se animaram.

— Bem — disse uma senhora — eu já estou satisfeita, mas para lhe fazer companhia...

— Um pedacinho só — disse outra.

E, diante da audácia das damas, os cavalheiros se aventuraram e consumiram prontamente o peru.



— Grande patife! Paspalhão! Imbecil! Idiota! Como ousou fazer uma coisa dessas? Como ousou aceitar o peru? Não tínhamos combinado tudo? Responda, miserável, patife, sem vergonha, despuadorado!

Stepan levantou os olhos lacrimosos, como sempre, para o tio e lamentou-se:

— O senhor não tinha dito que era com castanha! Eu não consigo nunca resistir às castanhas...

— Já para fora daqui, seu miserável!

E assim foi, senhores, que acabou a história do peru. Stepan saiu escoraçado mas satisfeito. Jantara bem.

Instituto Roentgen

Radioterapia Superficial e Profunda
DRS. ÁLVARO FORTES — FERNANDO AZZI
RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 139

Salas 10, 11, 12 e 14 — Fone: 4-0394 — São Paulo

SOFRE DO FÍGADO?

TOME

BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

O primeiro e sabonete do bebê

deve ser o primeiro em Pureza e Qualidade

A delicada pele da criança exige todo o cuidado na escolha de um sabonete isento de substâncias nocivas. Prefira, por isso, o Sabonete de Reuter, consagrado, há meio século, por uma sólida reputação de pureza e de qualidade. Também no seu banho, o Sabonete de Reuter vale como um verdadeiro tratamento de beleza da cutis.



I-A SR-1

Os apuros de um autor

(Continua da p. 45)

E a cada decepção aumentava a desconfiança, e em vez de diminuir aumentava também a basófia do moço. Verdadeiramente espantosa a maneira pela qual êle descrevia proezas terríveis que fizera num país longínquo. Na realidade era um cavaleiro de segunda ou mesmo da terceira categoria. Já várias vezes prometera montar o seu cavalo nas corridas, mostrando-se jockey maravilhoso. Mas sempre encontra pretêxto à última hora. Um mentiroso e um fátuo. Mau sinal, na verdade, e era precisamente o que percebera o major ao recusar, pezaro-so, a mão da filha. Afinal o rapaz tinha qualquer coisa... Todos gostavam dêle apesar de tudo... Era simpático, etc., etc. Mas mentia. E amava, como qualquer herói, a moça mais bela da cidade. Com isto deixemo-lo e vamos seguir o sr. Freight.

Já se falou no estranho procedimento de Freight sem expli-

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o crême de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este crême, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Crême de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Crême de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

cá-lo. Eis o momento. Freight saiu do clube onde mantivera a conversa, que comunicámos ao leitor, com o major. Tomara seu auto e seguira um outro carro que ia lentamente à sua frente. O carro à frente levava, é quase inútil explicar pois todos já adivinharam, Harold. Harold, que supostamente estava treinando seu cavalo para correr na próxima carreira. Na realidade, sabia Freight, êle encontraria um pretêxto à última hora. A cidade inteira, cheia de curiosidade, tentara presenciar os treinos, porém Harold fôra firme. Apareceria ao público no dia da carreira; nem um minuto antes. Acabou-se.

Assim, foi com curiosidade que Freight o seguiu.

O rapaz entregou o cavalo ao

treinador e esgueirou-se, cautelosamente, por uma rua transversal. Freight, que estava à espreita, seguiu-o. Com surpresa e satisfação viu-o entrar num grande edifício que ostentava a seguinte placa: "Escola de Equitação".

Freight seguiu o rapaz com um prudente intervalo. À portaria encontrou um moço sentado numa escrivaninha.

— Esta é a escola de equitação?

— Sim.

— Diga-me: conhece o rapaz que acaba de entrar aqui?

— Conheço, sim, senhor. Êle vem aqui todos os dias. Mas é um caso perdido.

— Como?

— Sim. Quer por força apren-

der a montar, mas nem sabe se segurar em cima de um cavalo. Uma coisa lamentável.

— Vejam só!

— Pois é. Êle diz que é por causa de uma moça... Que êle precisa mostra a ela que sabe montar...

— Ah...

Subitamente, tudo estava claro. Explicado. O rapaz contava mentiras para fazer-se interessante e para parecer mais do que era aos olhos de Anne. E agora tinha que mostrar que não mentira. Que situação! Freight sorriu... Tinha uma novidade para contar aos amigos. Mas... não contaria aos amigos. Tiraria proveito daquilo. Harold era muito rico e, como dissera Anne, escrupuloso em matéria de dinheiro. Uma aposta...

O Pó de Arroz que realça a
BELEZA!

Nas cores:

- Branco
- Rosa
- Raquel
- Ocre-claro
- Ocre-escuro
- Ocre-rosée
- Gitane
- Péche

Pó de Arroz
ORYGAM de GALLY

À VENDA EM TODO O BRASIL

J. Forat

Os apuros de um autor

Naquela noite, durante o famoso jantar, Freight falou com Harold. Subitamente, num desses silêncios inexplicáveis que ocorrem na mais animada das conversas Freight disse:

— Sr. Harold, vai montar, mesmo, seu cavalo na corrida de amanhã?

O silêncio se tornou ainda maior. Todos os olhares convergiram para Harold, esperando a mentira. Esta não se fez esperar:

— Sim. Por que não?
— Sustenta ainda que ganhará a corrida?
— Tenho o melhor cavalo.
— E o cavaleiro?
— Também é o melhor que há.

Um murmúrio constrangido coreu pela mesa. O major mexeu-se inquieto na sua cadeira. Anne corou.

CARVÃO ESPECIAL PARA GASOGÊNIO

CARVOARIA BOM JARDIM

CARVÃO E LENHA RECEBIDO DIRETAMENTE — ARTIGOS DE 1.ª QUALIDADE

Este bem montado Depósito continua a servir os seus fregueses por preços mais baratos que em outras casas.

Especialidade em carvão para ferro de engomar e cozinha.

LENHA EM TOCOS, FEIXES E EM TALHAS

Compras e vendas a dinheiro — Entregas grátis a domicílio

ANTONIO FERREIRA DE ALMEIDA

Rua Marquês de Sapucaí, 369 — Telefone 22-9566

Rio de Janeiro

— Diga-me, sr. Harold — prosseguiu Freight — quer fazer uma aposta?

— Pois não.

— Aposto um milhão de libras que seu cavalo não ganha!

Harold não se perturbou.

— Resta saber se o senhor tem

um milhão de libras para apostar.

— Não sabe que eu sou o homem mais rico da Inglaterra?

— Pensei que era eu o homem mais rico da Inglaterra.

— Enganou-se. Aceita a aposta?

A cabeça dos presentes girava com a cifra citada. Um milhão de libras!!!

— Mas há uma condição — disse Freight.

— Qual é?

— E' que a aposta só vale se o senhor mesmo montar.

Harold estacou interdito.

— Se o senhor for o jockey — repetiu placidamente Freight.

— Aceito — disse Harold, muito pálido.

— Assinaremos, nesse caso, um documento — disse Freight.

— Boa idéia — rematou o outro.

— E entregaremos o papel ao major, que o guardará.

— Ótimo.

— Um milhão de libras, cavaleiro.

— Um milhão de libras — terminou Harold — que o senhor perderá.

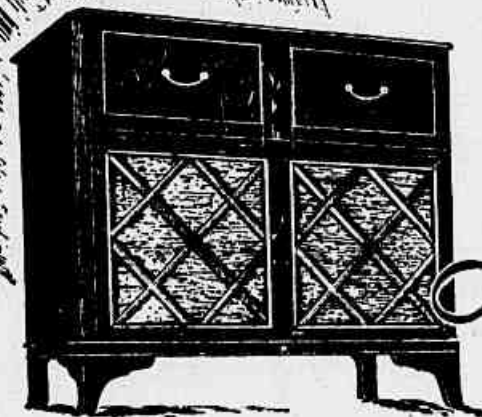
Freight sorriu.

— Veremos, veremos.

Anne quase desmaiou.



DOROTHY LAMOUR,
estrela da Paramount, a
quem breve veremos em
A FAVORITA DOS DEUSES.



A adorável
DOROTHY LAMOUR

candidata-se a um Novo Rádio G. E. *Tom Natural*

Com o advento dos novos e insuperáveis receptores de rádio G. E. *Tom Natural*, V. S. poderá ter o prazer de ouvir seus programas favoritos com tamanha fidelidade e realismo que lhe parecerá ouvi-los no estúdio ou no salão de concertos em que se realizarem.

O receptor de rádio que V. S. hoje possui, seja qual for, provavelmente inclui dois importantes aperfeiçoamentos General Electric: a válvula de alto vácuo, verdadeiro coração da radio-difusão e o altofalante eletrodinâmico. Assim como a G. E. criou inúmeros melhoramentos eletrônicos e acústicos, tão importantes como esses, é também a pioneira da nova era de radio-difusão de após-guerra, com o seu novo e maravilhoso receptor *Tom Natural*.

O novo Altofalante Coordenado, o Equilíbrio Acústico, e outros avançados detalhes sobre os quais ainda é

necessário guardar reserva, por motivos de índole militar, farão do seu novo rádio G. E. *Tom Natural* um receptor diferente e insuperável por todos os títulos.

Faça como a adorável Dorothy Lamour, candidate-se também à posse de um maravilhoso rádio G. E. *Tom Natural* — pelo qual vale a pena esperar.

Ouçá os "FESTIVAIS G. E." às 5as. feiras, na Rádio Nacional, às 22,05, em ondas médias (980 kcs.) e curtas (30,86 metros). Um programa musical com atrações para todos os gostos.



ADIANTAMENTOS COMPROVADOS NA FRENTE DE BATALHA

A General Electric ainda é uma das maiores fabricantes de aparelhos de rádio para uso bélico. Depois da Vitória final, os adiantamentos obtidos pela G. E. farão com que o seu novo rádio G-E seja o melhor que V. S. jamais teve.

RADIO
GENERAL ELECTRIC

Na vanguarda em Rádio - FM, AM - Televisão - Eletrônica



Construção à prova do
CLIMA TROPICAL

A investigação científica traz constantes melhoras ao rádio General Electric. Os receptores G-E e suas partes componentes são submetidos, na Câmara Higroscópica G-E, a uma atmosfera artificial mais rigorosa que a dos climas tropicais.

OS comprimidos DE

Piralgina
GRANADO

LIVRAM DE QUALQUER DOR

TARQUINO



Fundada em 1865

ALFAIATARIA
IMPORTAÇÃO DIRETA DAS MELHORES
CASAS INGLÊSAS

Av. Rio Branco, 277 - 7.º - apart. 710 — Edifício São Borja
 Telefone 22-3376

Os apuros de um autor

dos trapaceiros, para surpreender o leitor com o final satisfatório? Há muito os romances não inquietam mais o leitor quanto ao final. Já se sabe que o herói imaculado casará com a heroína. Ora, eu achei que seria interessante tornar o mais difícil possível esse final, em virtude das circunstâncias. De fato, se o leitor sabe que o herói se reabilitará e casará com a heroína, a pergunta que ele formula, ansioso, não é mais "como terminará isso?". O leitor, já disse, sabe o fim. Portanto ele pergunta: "Como conseguirá o herói chegar ao fim que conheço, se está nessa situação?"

O herói deve ser imaculado no caráter e na aparência. Harold, nosso herói, mentiu. Está maculado seu caráter. O herói deverá casar com a heroína. Harold está muito perto de perder as esperanças. O vilão deve ser punido. Freight vai ganhar um

— Que é isto, meu Amigo? Sente-se cansado, abatido? Não se sente bem disposto?
 O que lhe falta é um bom Tônico reconstituinte.

Tome **NUTROFOSFAN** e ficará satisfeito. **NUTROFOSFAN** nutre, revigora o organismo, enriquece o sangue, vale SAUDE.

CABELLOS
BRANCOS

CASPA
Queda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

é punição adequada. Não, distinto leitor, não desconfie do seu escritor fiel. Não darei o final pouco satisfatório. Tudo acabará da melhor maneira e vão ver por que. Porque Harold é imaculado no caráter e na pessoa, casará com Anne, com a bênção do major, e ganhará do relutante Freight a soma que apostou. Como? Siga na leitura e da próxima vez não ouse desconfiar do seu fiel

Criado atento e obruído,
 Edgar Wallace.

— Um beijo — pediu Harold romanticamente a Anne antes de montar.

Ela concedeu-lhe o ósculo suplicado. Senhores! Foi como o espinafre para o marinheiro Poppeye; como o elixir de longa vida, ou o que quer que seja que

O preço desta edição é de Cr\$ 1,50 em todo o Brasil, não podendo ser vendida por preço maior.

Mefistófeles ofereceu, para o velho Fausto. Rijo, forte, impávido, ele partiu como uma seta e

milhão de libras, o que, mesmo para os mais benevolentes, não



● Ao comprar um sabonete Vale Quanto Pesa, verifique, com atenção, se o mesmo tem gravada em seu envoltório a figura de uma balança. O verdadeiro sabonete Vale Quanto Pesa tem essa figura gravada como símbolo de sua legitimidade.

O sabonete das famílias!

VALE QUANTO PESA

GRANDE, BOM E BARATO!

★ À VENDA EM TODO O BRASIL ★

ganhou o prêmio. O prêmio da corrida e o milhão de libras de Freight.

Não proteste que isso é pouco verossímil, caro leitor, porque ainda não sabe de tudo. A hipótese do beijo é poética mas pouco lógica. Na verdade, Harold era de fato o maior cavaleiro de toda a Inglaterra e um de seus mais ricos habitantes. Mas en-

tão, dirá o leitor, por que a dissimulação?

Confesso que quando comecei a escrever essa história não tinha a menor idéia sobre o fim, não sabia como ia tirar o herói dos embaraços em que o pusera. De repente, porém, do meu estoque de recursos para os momentos críticos, eu me lembrei de uma coisa: o irmão. Sim, o ve-

lho recurso do melodrama. Eis a solução.

Harold era bom cavaleiro, o melhor da Inglaterra, como já disse. Seu irmão, todavia, jovem e inexperiente, perdera certa vez uma aposta vergonhosa com Freight, e Harold decidira vingar o rapaz, que se suicidara por não poder pagar a dívida. Viera para a cidade de Trenton,

onde fizera tudo para passar por mentiroso a respeito de sua habilidade, inclusive pagar o jovem da escola de equitação para prestar a Freight aquelas informações decisivas mas falsas... E vencera. Eis a solução, caro leitor. E antes de deixá-lo que-ro convidá-lo para o casamento, que se realizará muito breve. Até à vista.

A musica fala a Deus

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 17)

do ritual simples. Continuam todos de pé, as notas do órgão vibram ainda pela igreja am-

pla. Ressoam pelas paredes nuas as últimas frases do hino. E as Bíblias estão erguidas para o céu, como um exemplo aos homens e um aceno a Deus.

Sentou-se o pastor. Terminou o culto.

Agora vão saindo os fiéis, em longas filas. Nos bancos da frente Bíblias pertencentes à Congregação, cedidas por empréstimo aos fiéis, descansam sobre as táboas lisas.

CEM MIL FIÉIS BRASILEIROS

Afim de informamo-nos sobre o que é em verdade a Igreja Evangélica Assembléia de Deus, e o que tem ela feito no Brasil, procuramos ouvir a palavra do sr. Emilio Condés, um dos mais autorizados teóricos dessa religião que se encontra entre nós.

São dêle estas palavras:

— O nosso ideal é tão somente a difusão da palavra de Cristo, através da interpretação apostólica do Evangelho. Nossa religião ensina os homens a alcançar os reinos dos Céus, através da prática do bem e da verdade. A aproximação dos homens com Deus deve ser portanto feita segundo nos ensinam os evangelistas. E êstes, mais que ninguém, viveram humildemente, dando-nos os mais belos exemplos de simplicidade e modéstia. Portanto os nossos rituais são simples, as nossas orações são feitas na linguagem sincera e verdadeira da gente do povo. Assim poderemos nos fazer compreendidos por todos e fazer a todos compreender a palavra de Deus, tornando-a acessível aos espíritos menos lúcidos.

— E a sua seita conta hoje com muitos adeptos no Brasil?

— Apesar da fundação da Igreja Evangélica Assembléia de Deus no Brasil ser relativamente recente, contamos hoje com mais de cem mil adeptos espalhados pelo Brasil. Eles estão divididos pelas diversas congregações que existem hoje em todos os Estados.



*Apresentar-se... deslumbrar...
e triunfar!*

*Ventura só reservada
à mulher que sabe usar...*

Uma requintada gama de tonalidades da última moda, realçadas por uma base exclusiva de "creme veludo", que suaviza, protege e embeleza os lábios.

Baton para os lábios

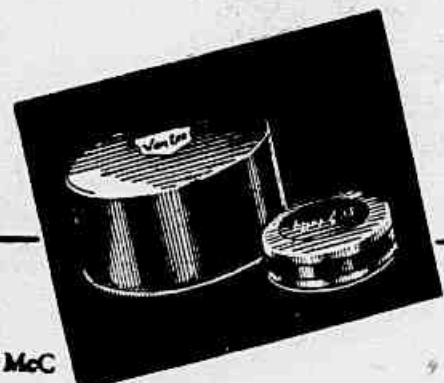
Van Ess



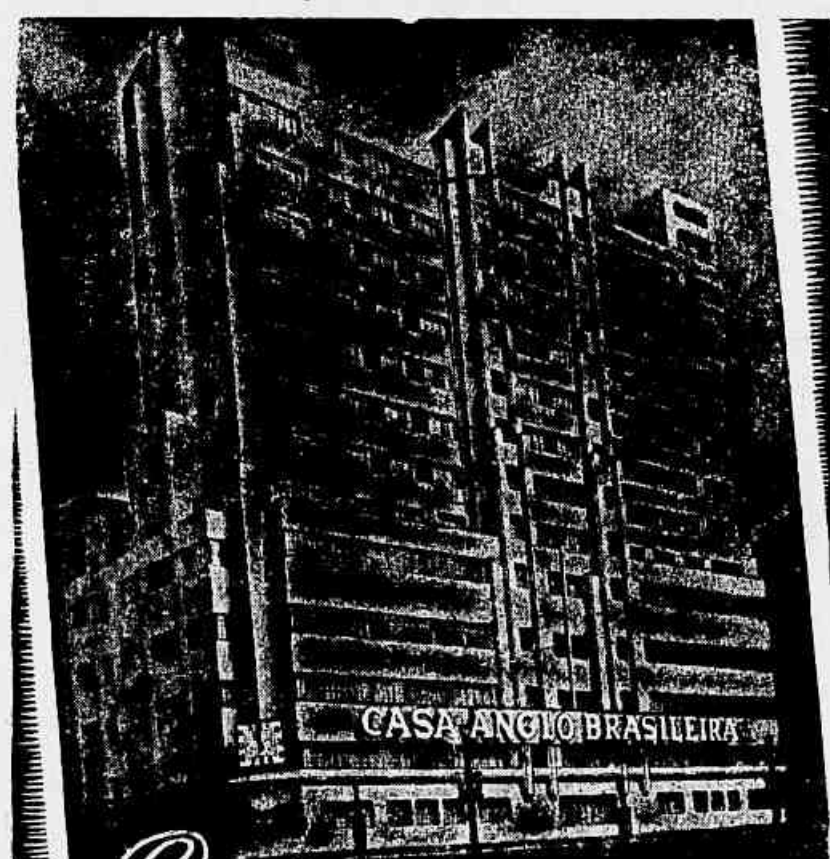
a famosa marca americana!

criação ao mesmo tempo da arte e da ciência!

★ Use também o pó e "rouge" aveludado e atomizado VAN ESS, que tornarão irresistível a sua cutis.



McC



Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

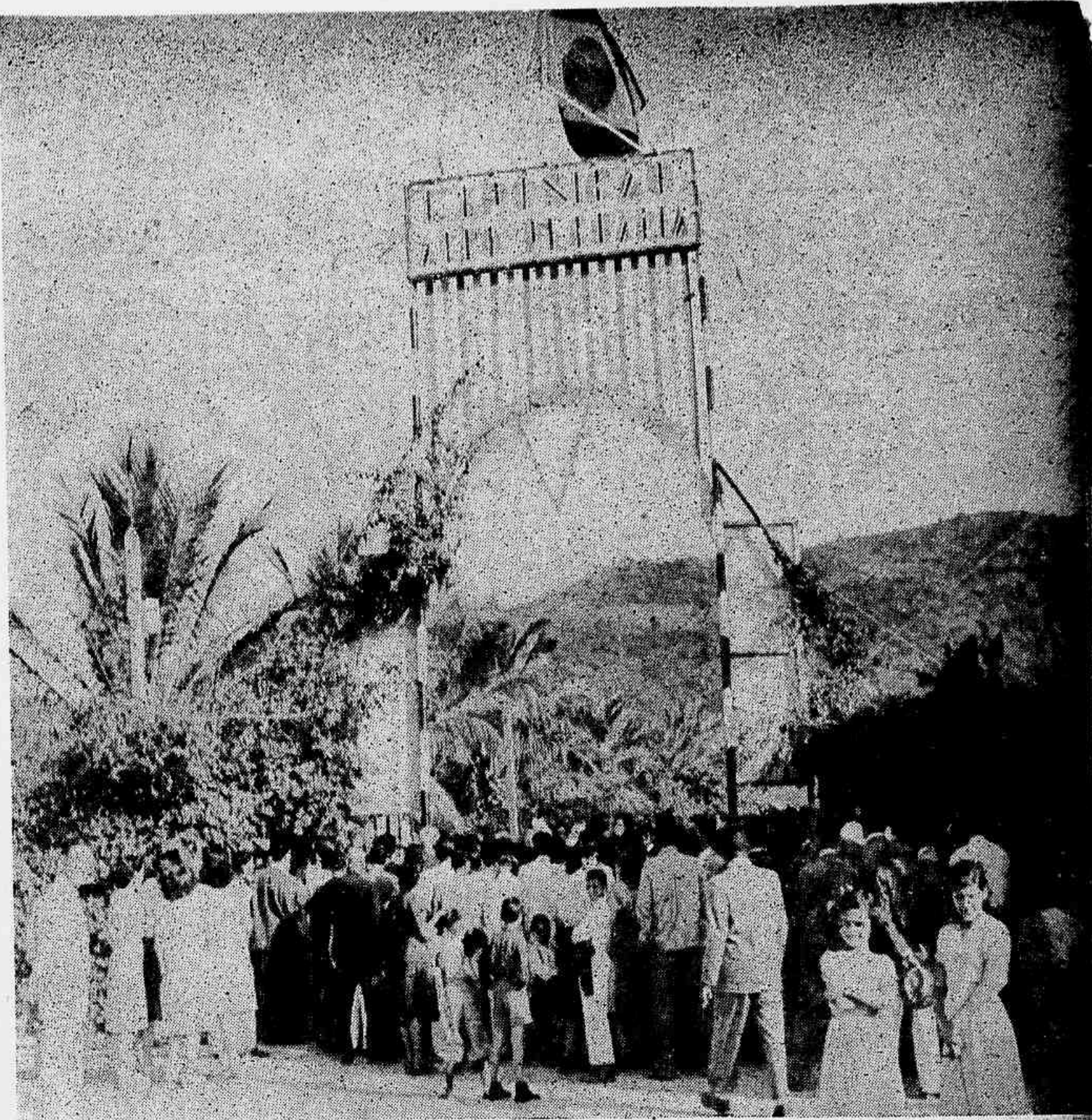
Repercutiram da maneira mais satisfatória em todo o País os resultados técnicos verificados na 9.^a Exposição Agro-Pecuária de Leopoldina, realizada no período de 16 a 24 de Junho último naquela progressista cidade mineira, certame já tradicional que reúne anualmente os criadores da Zona da Mata.

Jamais em anos anteriores foram alcançados índices tão animadores, bastando acentuar que o Concurso Leiteiro revelou duas autênticas campeãs em produção de leite e teor de gordura. A extraordinária vaca "Miltonia-Dengosa" arrancou de forma sensacional o "record" da famosa "Ita", superando-o por larga margem, produzindo 113 quilos 720 gramas em 3 dias, com três ordenhas diárias, o que deu em média, por dia, 37 quilos e 900 gramas de leite. Outro aspecto surpreendente do certame foi o que resultou do concurso da matéria gorda total, vencido pela vaca "Nova Floresta-Benfica", hoje recordista sul-americana com 4,078 quilos em 3 dias, com 9 ordenhas.

Impressionante também foi o teor de gordura das vacas da raça Holandesa, pois quatro animais alcançaram mais de 4%, sendo o máximo de 4,41 e o mínimo de 4,15, número este nunca atingido em parte nenhuma do mundo em rebanhos dessa raça.

Ao lado desse magnífico êxito, caracterizou-se a 9.^a Exposição de Leopoldina pelo número e apuro racial dos animais apresentados, verdadeiros expoentes das raças puro-sangue criadas no Brasil, atestando o desvêlo e o esforço constantes dos criadores daquela zona, empenhados vivamente na melhoria e aperfeiçoamento dos nossos rebanhos.

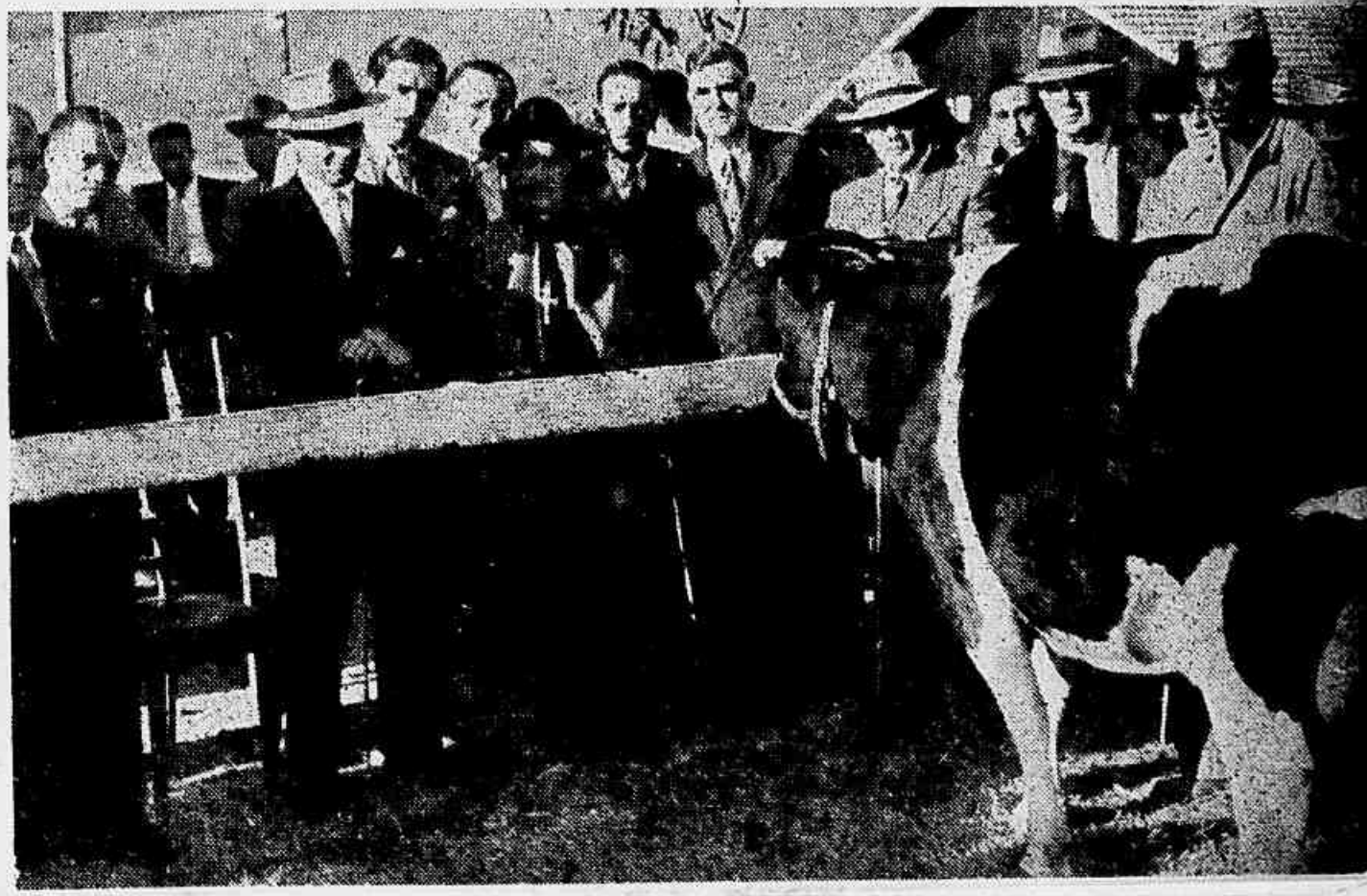
Dando ao País duas recordistas — uma nacional em produção de leite, e outra sul-americana em matéria gorda — a 9.^a Exposição Agro-Pecuária de Leopoldina marcou um sucesso espetacular e demonstrou de maneira insofismável o elevado grau de desenvolvimento da pecuária mineira, legítimo orgulho da nossa indústria pastoril.

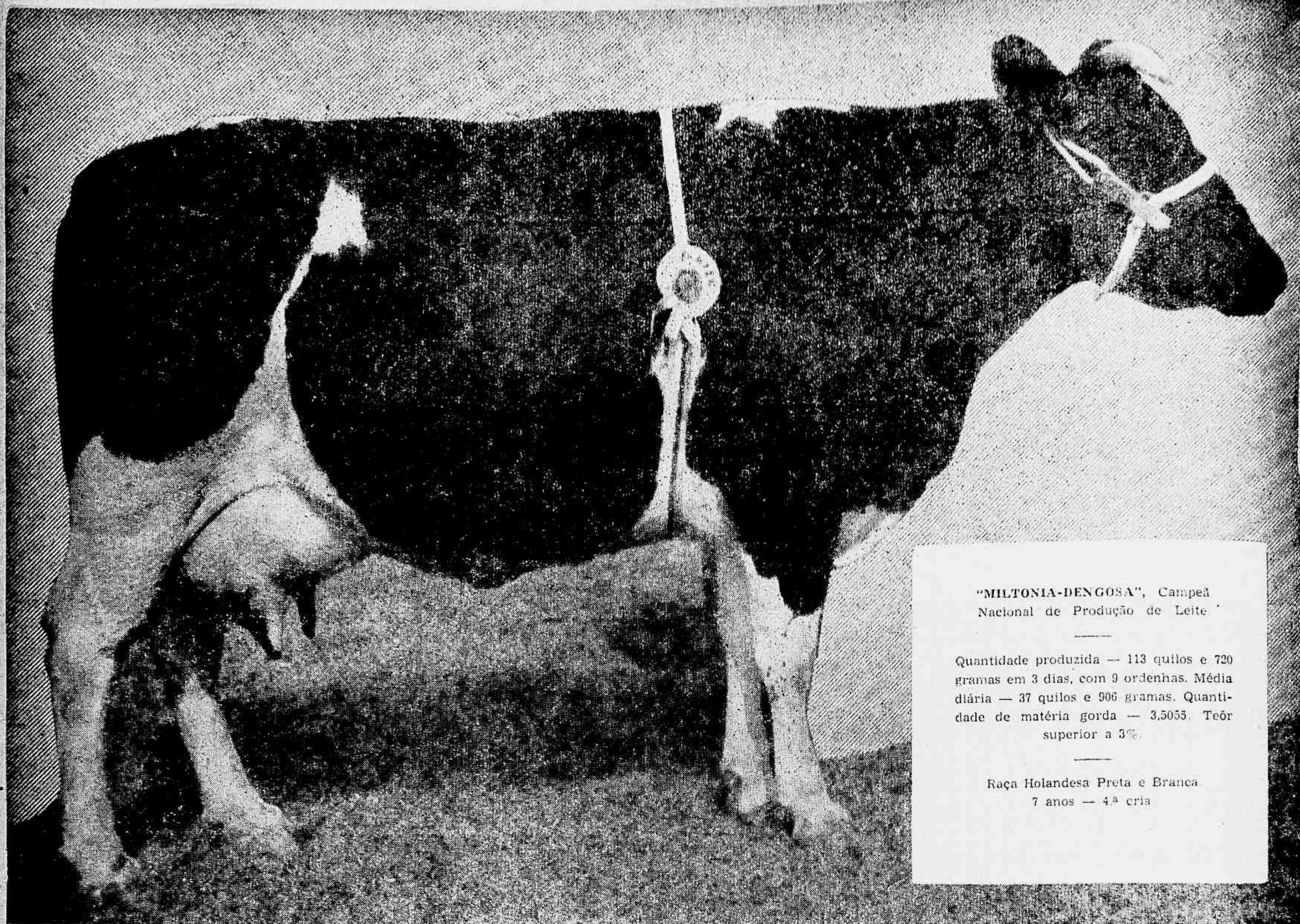


A 9.^a EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA DE LEOPOLDINA



Ao alto, da esquerda para a direita — O sr. Ormeo Junqueira Botelho falando em nome dos criadores leopoldinenses no ato inaugural. O sr. Lucas Lopes, secretário da Agricultura de Minas, discursando na mesma solenidade. O bispo diocesano D. Delfim Ribeiro Guedes corta a fita simbólica, dando por inaugurada a Exposição de Leopoldina. Em baixo, à esquerda — Altas autoridades presentes à Exposição de Leopoldina, entre as quais o bispo diocesano D. Delfim Ribeiro Guedes, o sr. Lucas Lopes, secretário da Agricultura do Estado de Minas, o sr. Romulo Joviano, chefe da Inspetoria Federal de Pedro Leopoldo, o sr. Francisco Gama, representante do prefeito municipal de Leopoldina, apreciando a destacada produtora de 10 filhos, "Abaiba-Maringá", campeã da raça Holandesa Vermelho e Branco. A direita — As mesmas autoridades admiram a grande campeã nacional de produção de leite, "Miltonia-Dengosa", feito esse assinalado na 9.^a Exposição de Leopoldina.





"MILTONIA-DENGOSA", Campeã Nacional de Produção de Leite.

Quantidade produzida — 113 quilos e 720 gramas em 3 dias, com 9 ordenhas. Média diária — 37 quilos e 906 gramas. Quantidade de matéria gorda — 3,5055. Teor superior a 3%.

Raça Holandesa Preta e Branca.
7 anos — 4.^a cria

A FAZENDA "MATO DENTRO"

ANIMAIS PUROS DE PEDIGREE, REGISTRADOS NA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE BOVINOS DA RAÇA HOLANDESA

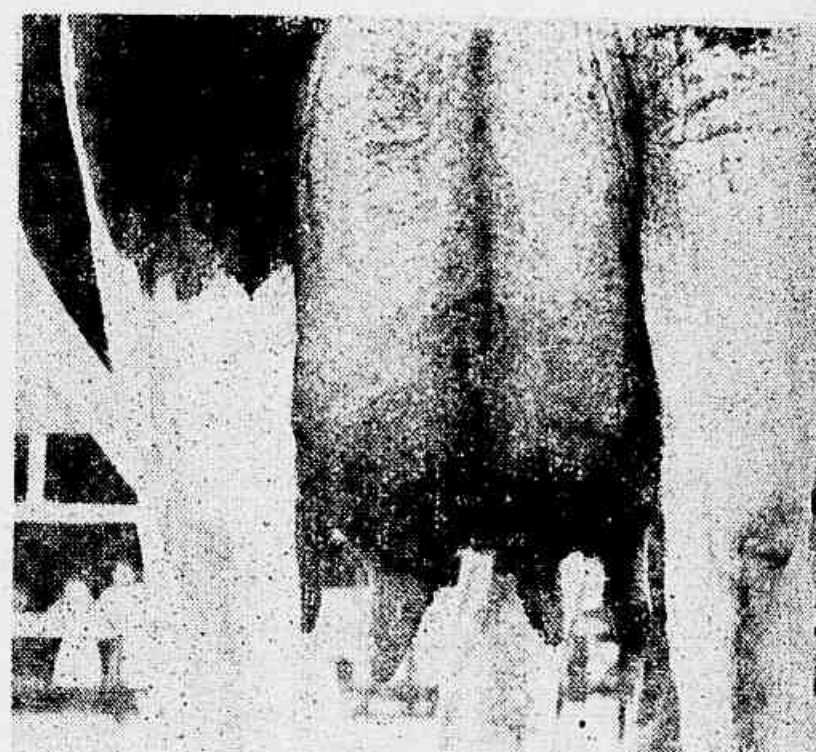
(Leopoldina — Minas)
deu ao Brasil a nova campeã de produção de leite



O notável úbere da vaca "Miltonia-Dengosa", verdadeira fábrica de leite.



A cabeça da formidável campeã nacional de produção de leite.



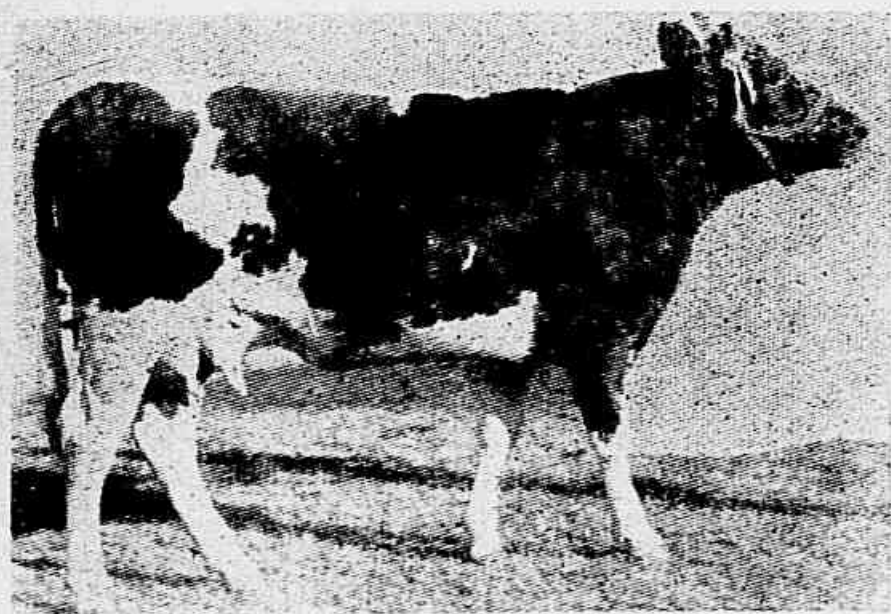
O úbere inesgotável da grande campeã, visto de outro ângulo.

O extraordinário sucesso alcançado pelo Concurso de Vacas Leiteiras, realizado na 9.^a Exposição Agro-Pecuária de Leopoldina, veio colocar em justo destaque a Fazenda "Mato-Dentro", propriedade do criador sr. José Ribetiro dos Reis.

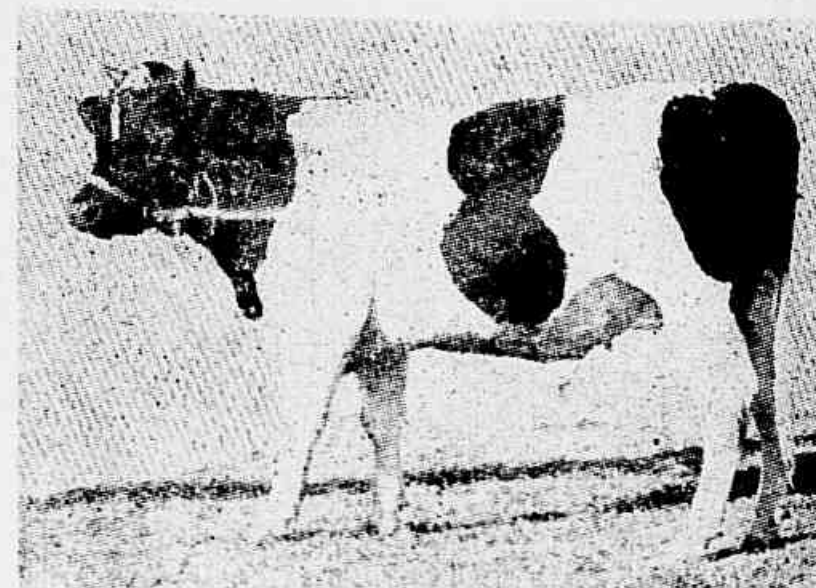
Levando ao referido concurso um esplêndido lote de animais, dentre os quais surgiu a nova campeã brasileira de produção de leite — a notável vaca "Miltonia-Dengosa" — a Fazenda "Mato Dentro" colheu os louros de uma vitória estupenda. Batendo com muitas sobras o famoso "record" da decantada vaca "Ila", "Miltonia-Dengosa" é hoje um símbolo vivo do esforço realizador que tem por palco a Fazenda "Mato-Dentro", para a melhoria dos nossos rebanhos. E hoje o País inteiro admira com entusiasmo os resultados desse trabalho fecundo, através das notícias que se espalham pelos quatro cantos, do feito sensacional.

Mas não ficou aí o êxito da Fazenda "Mato-Dentro" na mencionada Exposição. Apresentando um magnífico plantel de gado da raça Holandesa Preta e Branco e Vermelho e Branco, a cuja criação se dedica, a Fazenda "Mato

Dentro" obteve amplo sucesso, tendo diversos animais classificados com os títulos de Campeão, Reservado-Campeão e 1.^o Prêmio, avultando ainda mais o brilho da participação que esse grande núcleo de criação teve na 9.^a Exposição de Leopoldina.

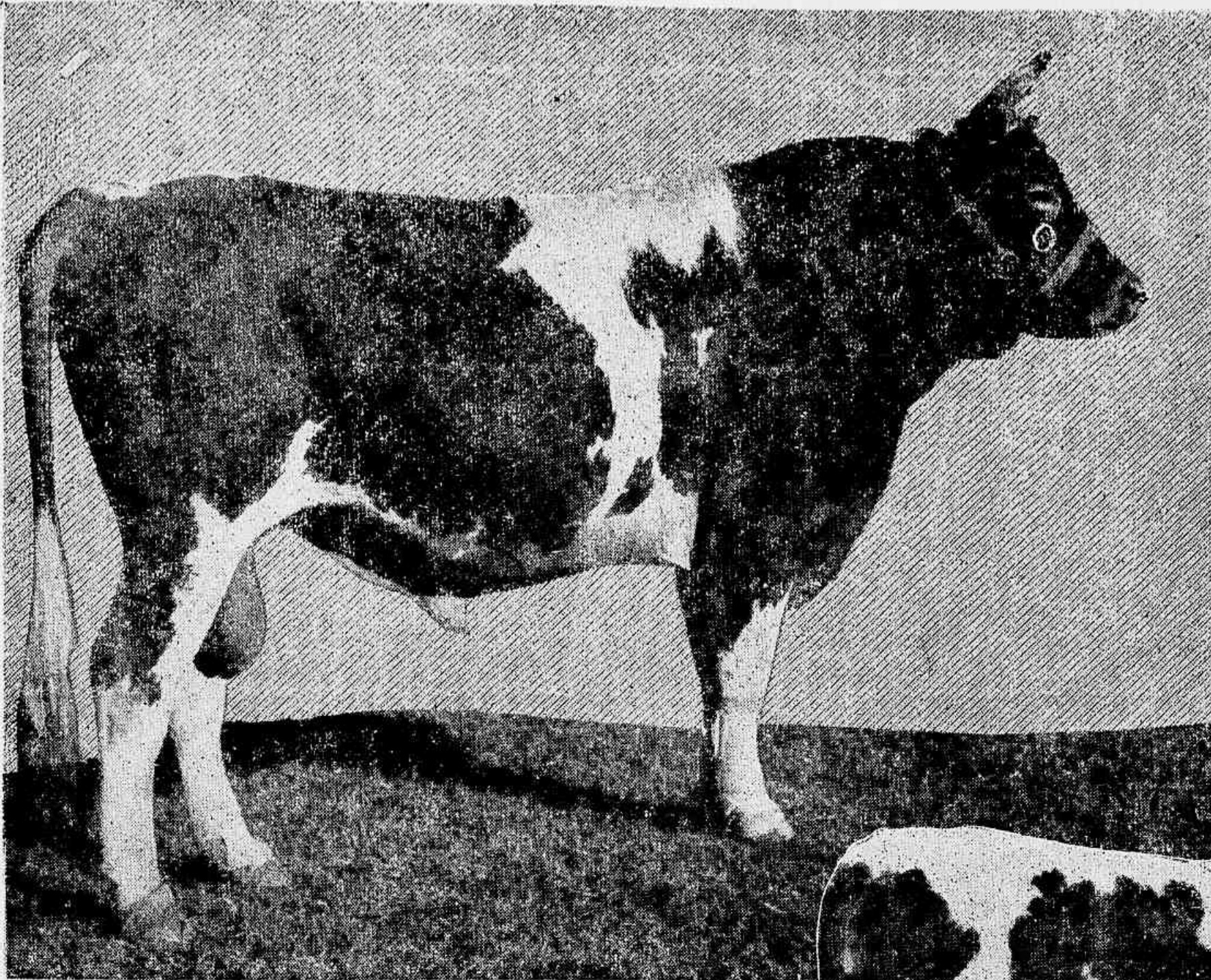


A esquerda, "Miltonia-Camponesa", raça Holandesa Vermelha e Branco, Campeã e 1.^o Prêmio da raça. A direita, "Miltonia-Marmônio", raça Holandesa Preta e Branco, 1.^o Prêmio, ambos na 9.^a Exposição de Leopoldina, produtos da Fazenda "Mato-Dentro".



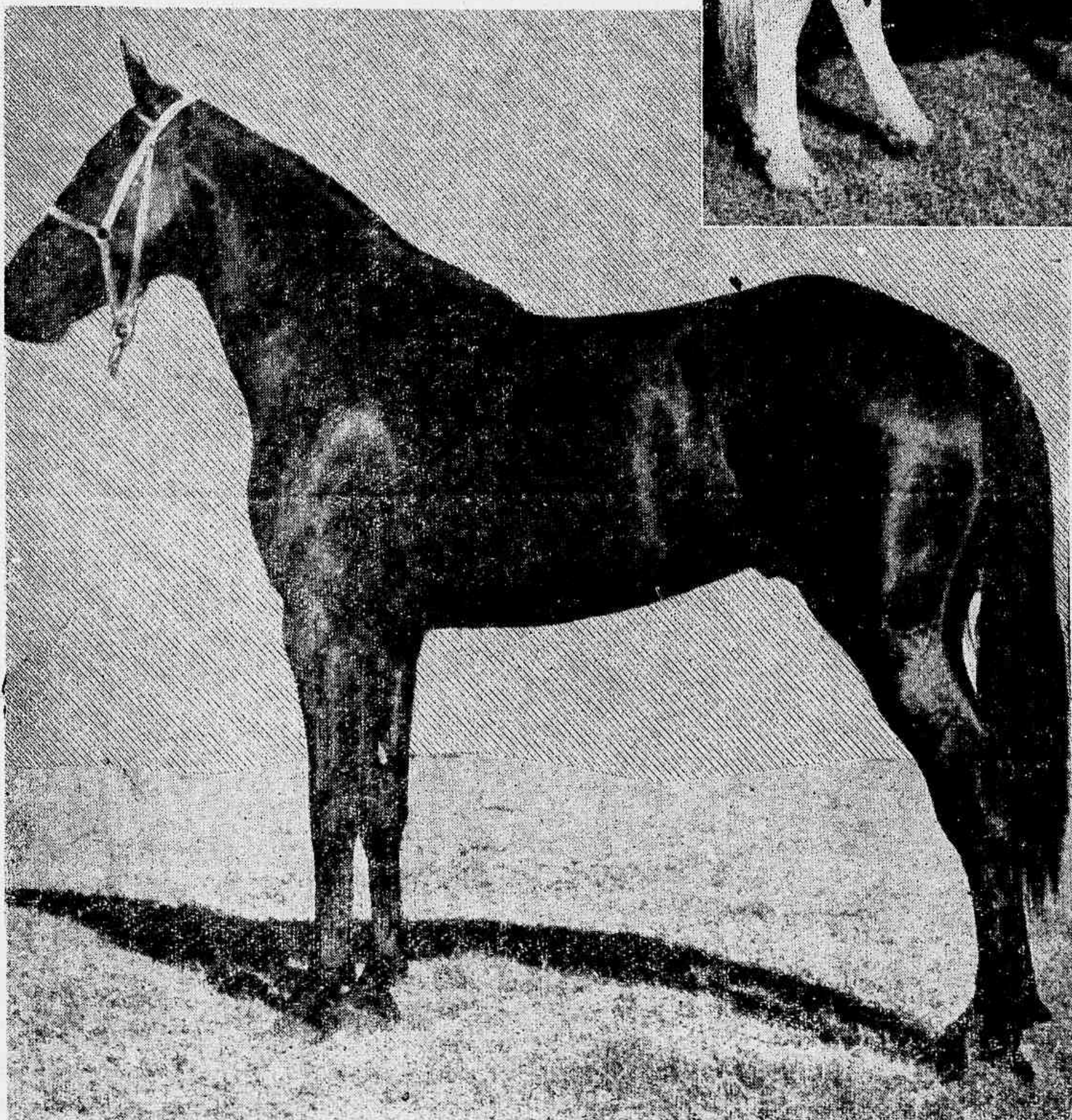
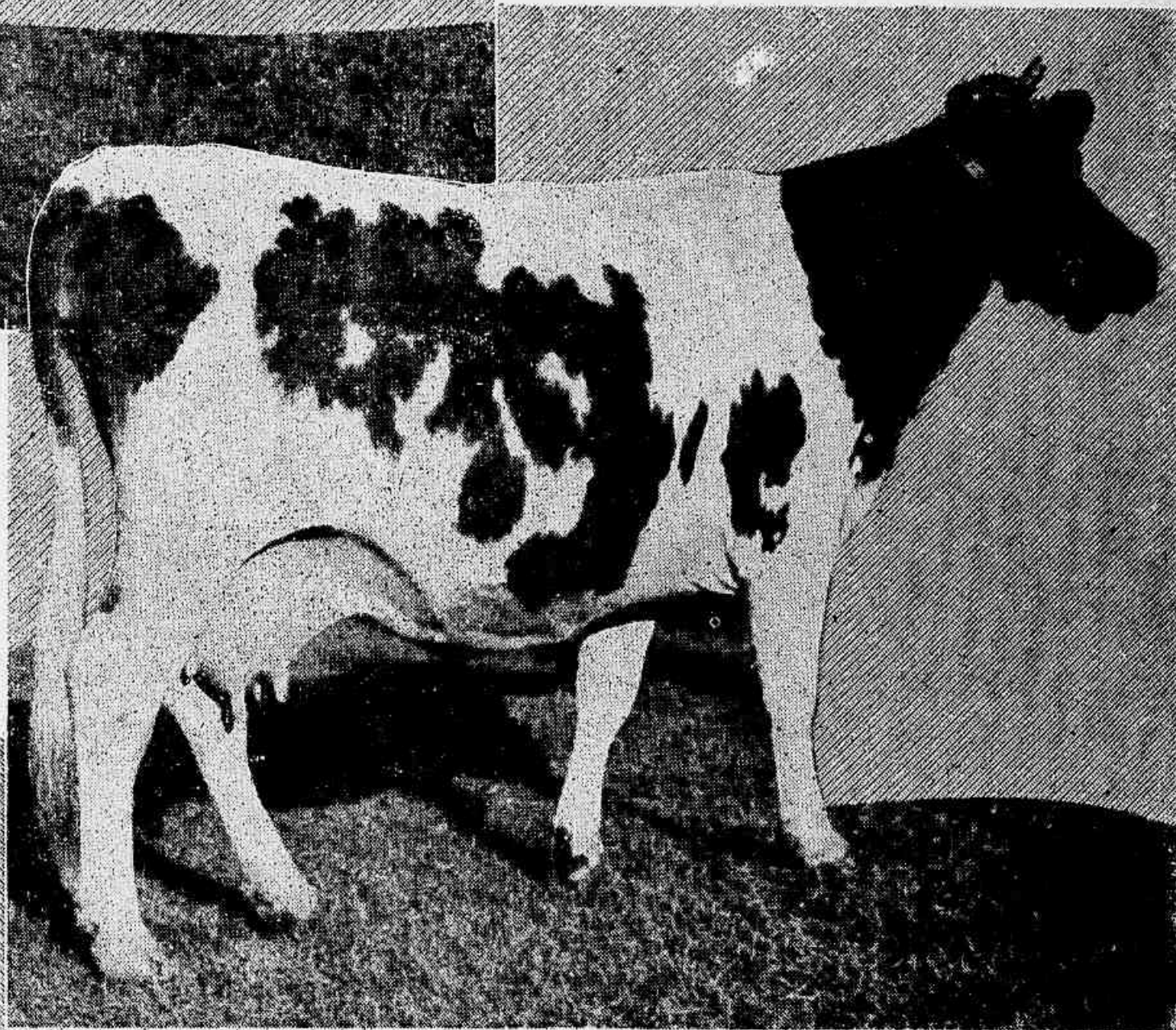
A FAZENDA ABAIBA

propriedade de Fazenda Abaiba S. A., de Vila Abaiba, Leopoldina, marcou grande sucesso na 9.^a Exposição Agro-Pecuária de Leopoldina, apresentando magníficos exemplares das raças Guernsey e Mangalarga



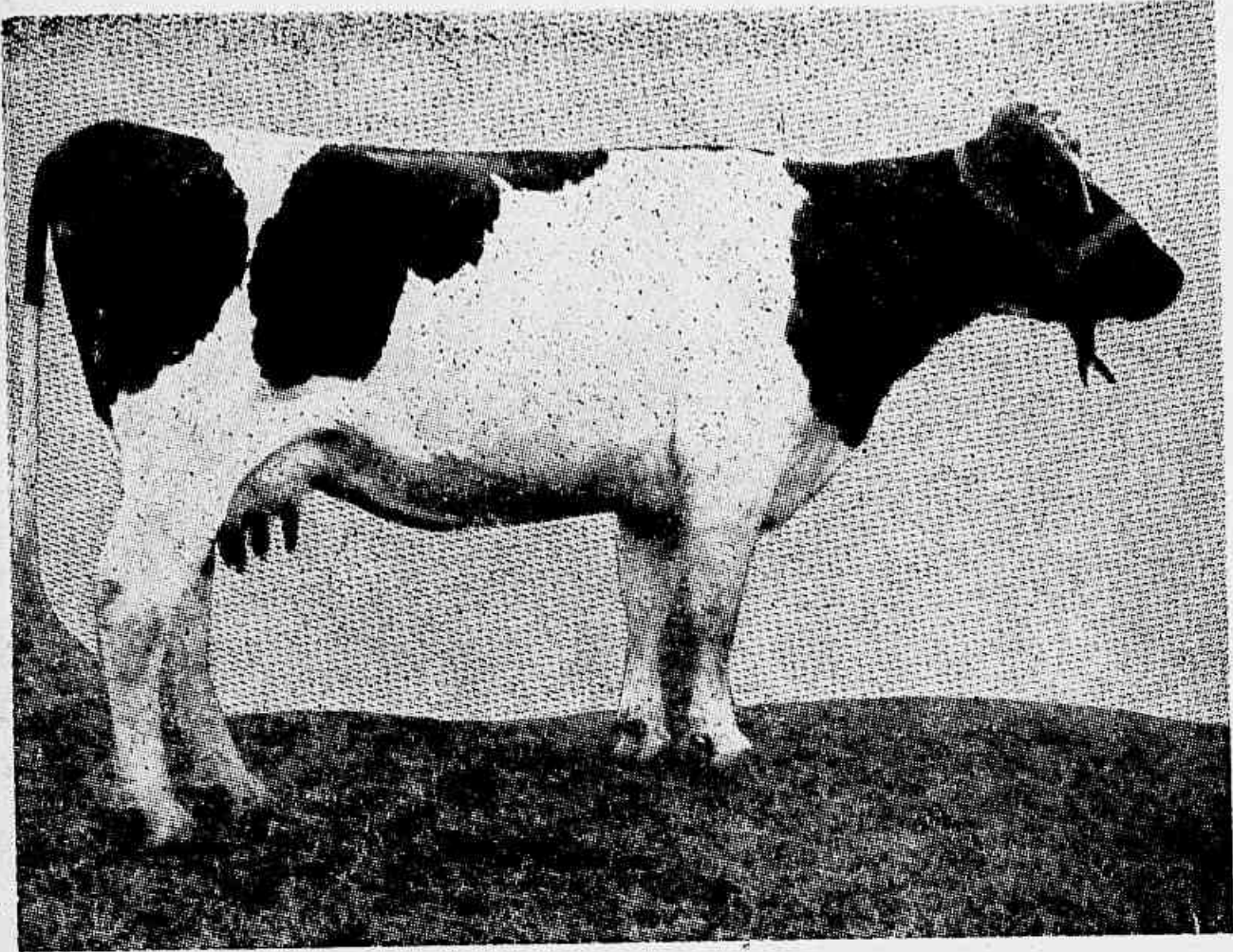
Em cima: "ABAIBA-DARDANELOS" — Raça Guernsey. Nascido em 13 de agosto de 1939. Tat. O. D. Eri 6. Registro vol. 1.^o, fôlha 2, livro B1, da Associação Brasileira dos Criadores de Gado Guernsey. Campeão da raça na 9.^a Exposição Regional Agro-Pecuária de Leopoldina. Campeão no Concurso de Fertilidade, tendo apresentado na presente exposição 12 filhos (8 fêmeas e 4 machos), sendo, um deles, Reservado Campeão.

Em baixo — "FIDALGO" — Com 3 anos e 8 meses. Obteve na 9.^a Exposição de Leopoldina o título de Reservado Campeão da raça Mangalarga. Animal de linhas magníficas, foi uma das atrações do certame.

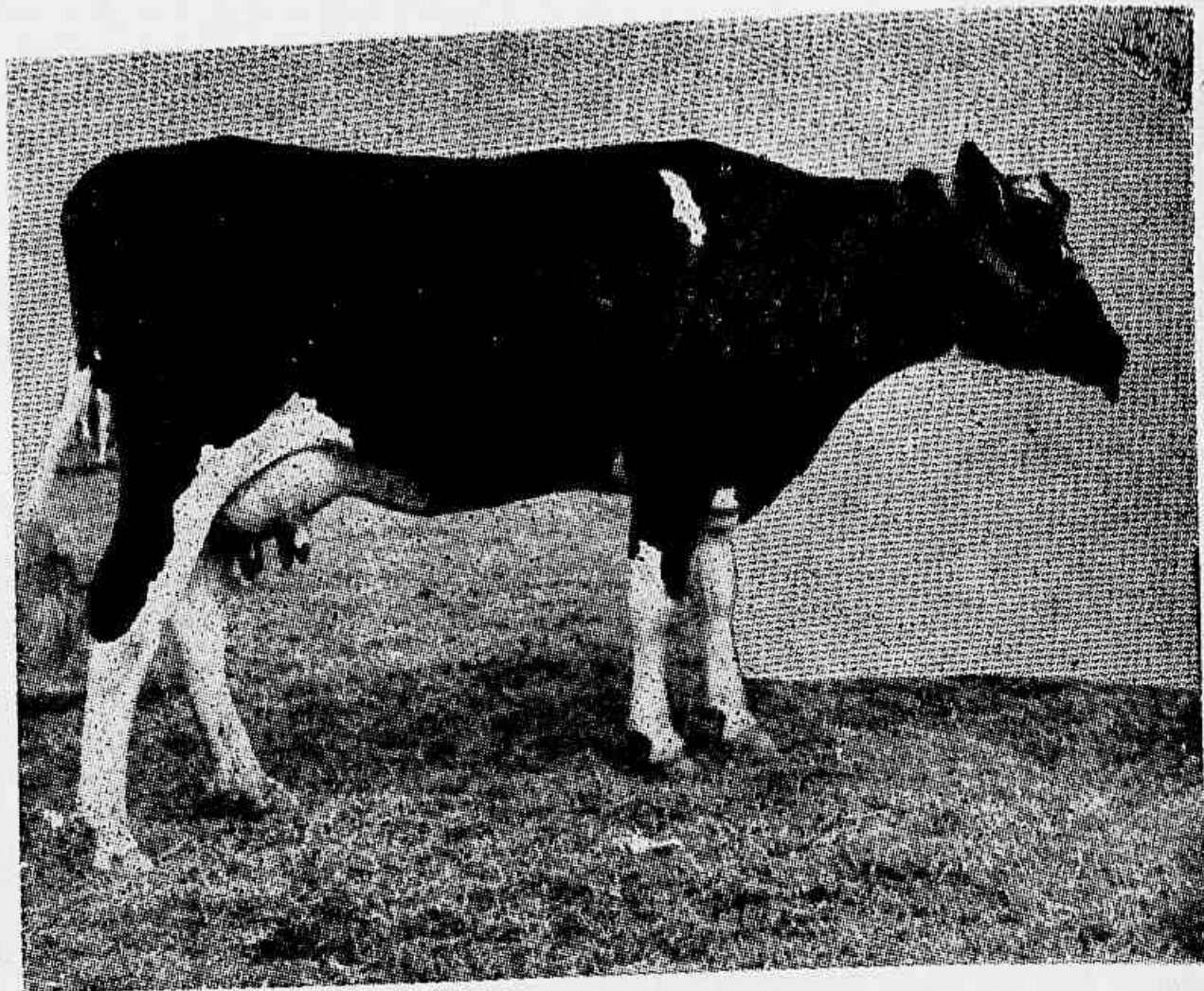


EM CIMA:

"ABAIBA-MARINGÁ" — Raça Guernsey. Nascida em 9 de março de 1930. Produtora de 10 filhos, contando o seu primeiro rebento 12 anos de idade e o mais novo 15 meses, além de 2 netos em serviço ativo no rebanho da Fazenda. "Abaiba-Maringá" foi padreada com 2 anos e 3 meses, dando cria com 3 anos e 18 dias, verificando-se a sua última padreada a 6 do mês passado, demonstrando ainda boa disposição para a procreação. Na Exposição de Leopoldina foi classificada campeã da raça, apresentando-se em excelentes condições físicas. A comissão julgadora conferiu-lhe 75 pontos pela idade, 10 pelas crias e 13 pelo estado físico e produtividade, num total de 98 pontos, elegendo-a em 1.^o lugar na raça. Obteve ainda o campeonato do concurso de longevidade. No concurso de fertilidade "Abaiba-Maringá" assinalou um índice de 0,83, com 12 anos de tempo útil de reprodução, 10 crias registradas e 15 anos de idade. Foi campeã da raça na 7.^a Exposição de Belo Horizonte, tendo seu filho "Abaiba-Príncipe", nessa ocasião, obtido o título de campeão. Apesar da sua idade avançada, o conhecido técnico dr. Romulo Joviano disse a seu respeito: "Maringá ainda está apta a aumentar a sua prole".



"ONYX-VILMA" — Raça Holandesa Preta e Branca. Pura de Pedigree. Campeã da raça na 9.^a Exposição de Leopoldina. Mãe de 5 filhos. Apresenta excepcionais características da raça pela sua morfologia, lembrando as melhores vacas do seu país de origem. 4 anos.



"ONYX-CANECA" — Raça Holandesa Preta e Branca.
Reservada campeã e 1.^o Prêmio. 4½ anos.

A FAZENDA BOM DESTINO

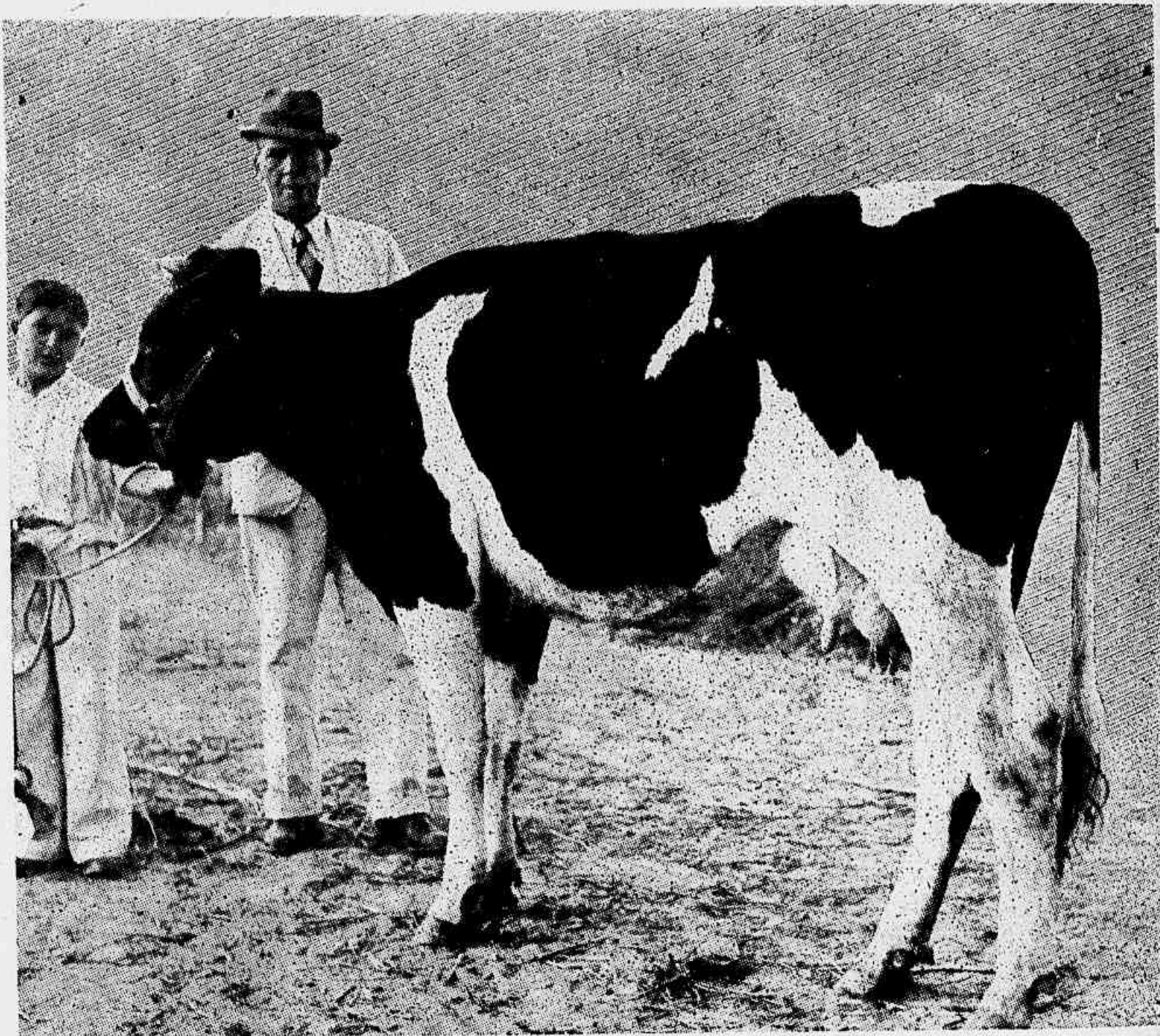
**OBTEVE NOTAVEL EXITO NA
9ª EXPOSIÇÃO DE LEOPOLDINA**

PROVIDÊNCIA — ESTRADA DE FERRO
LEOPOLDINA — ESTADO DE MINAS

Propriedade de

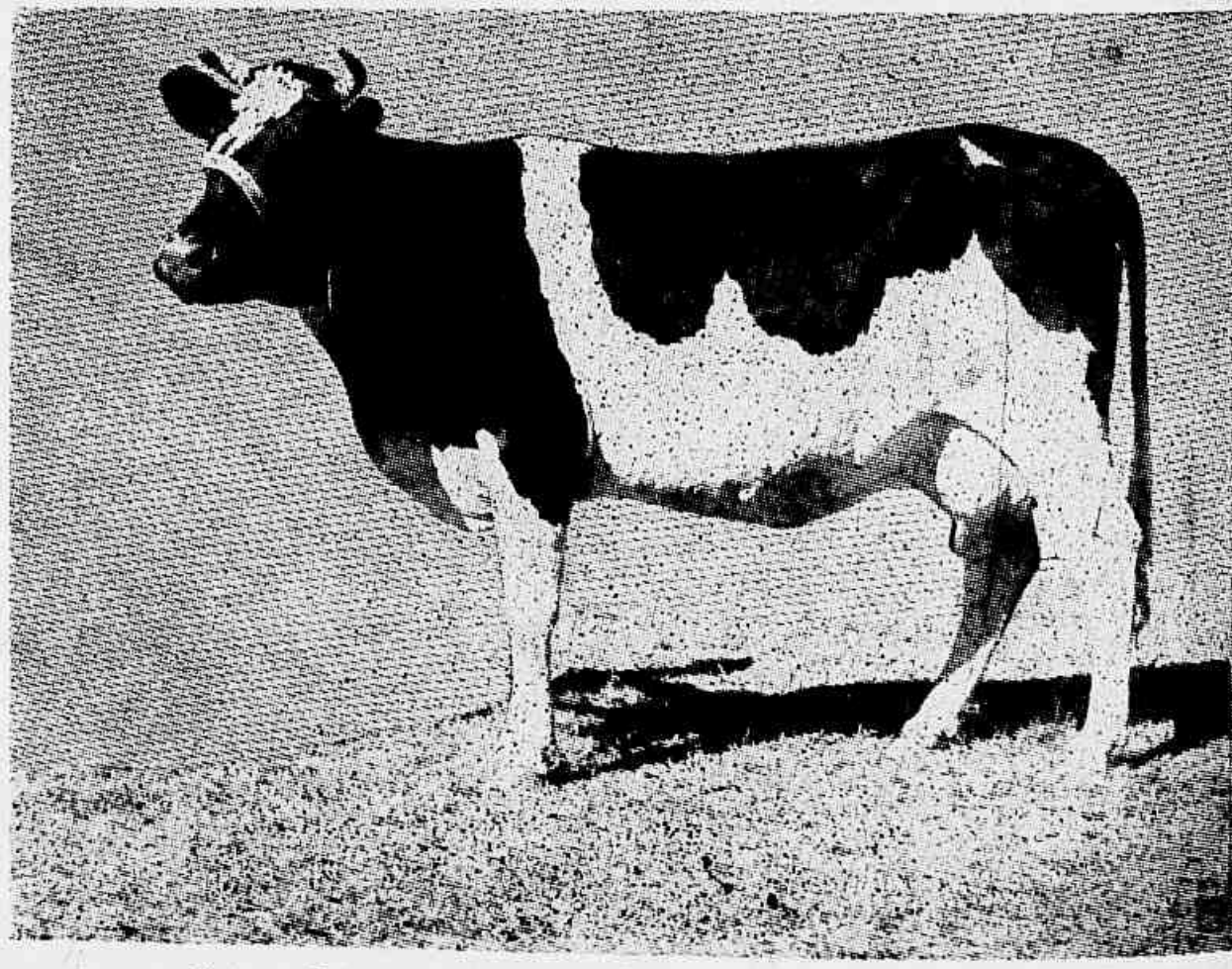
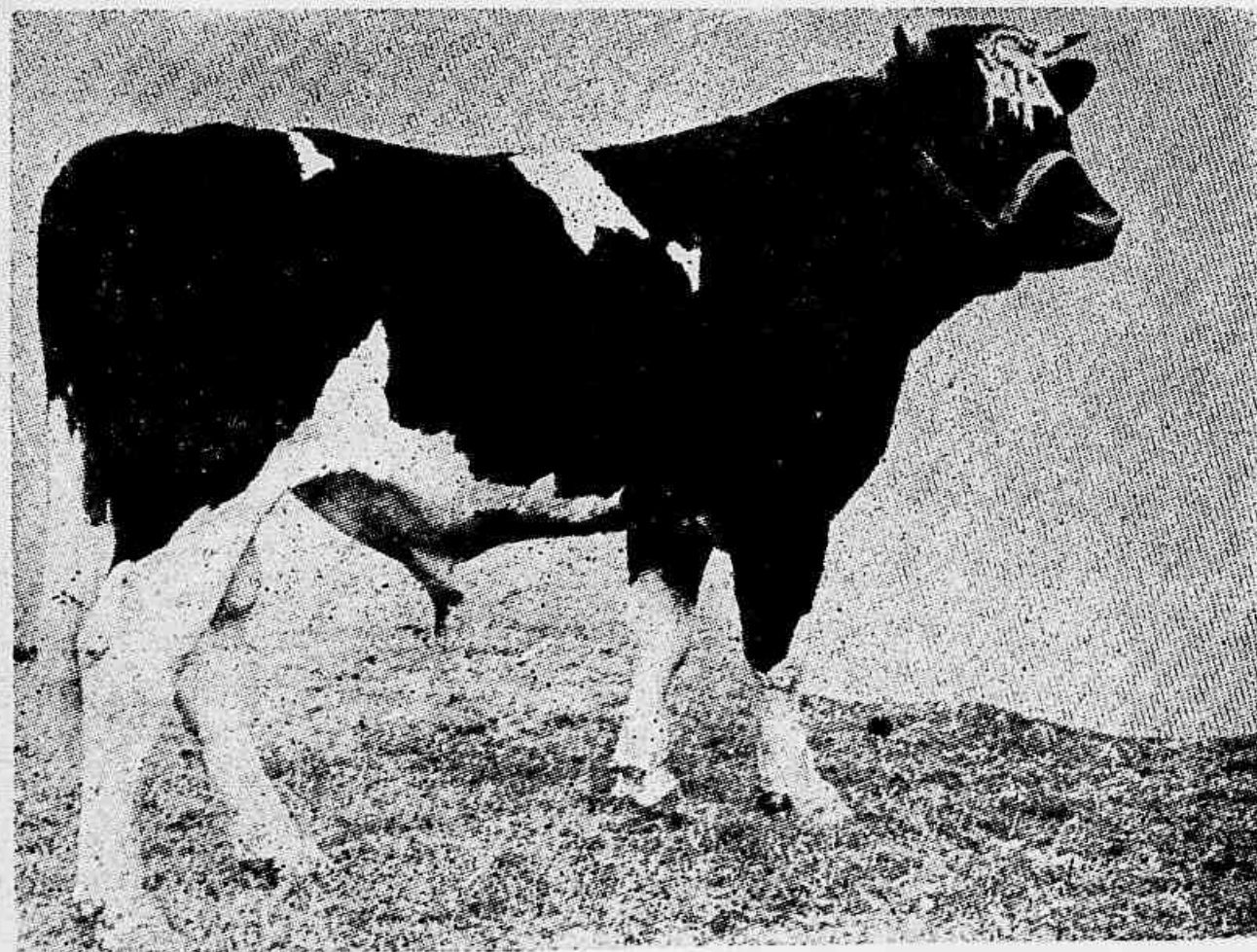
Antenor Ribeiro dos Reis

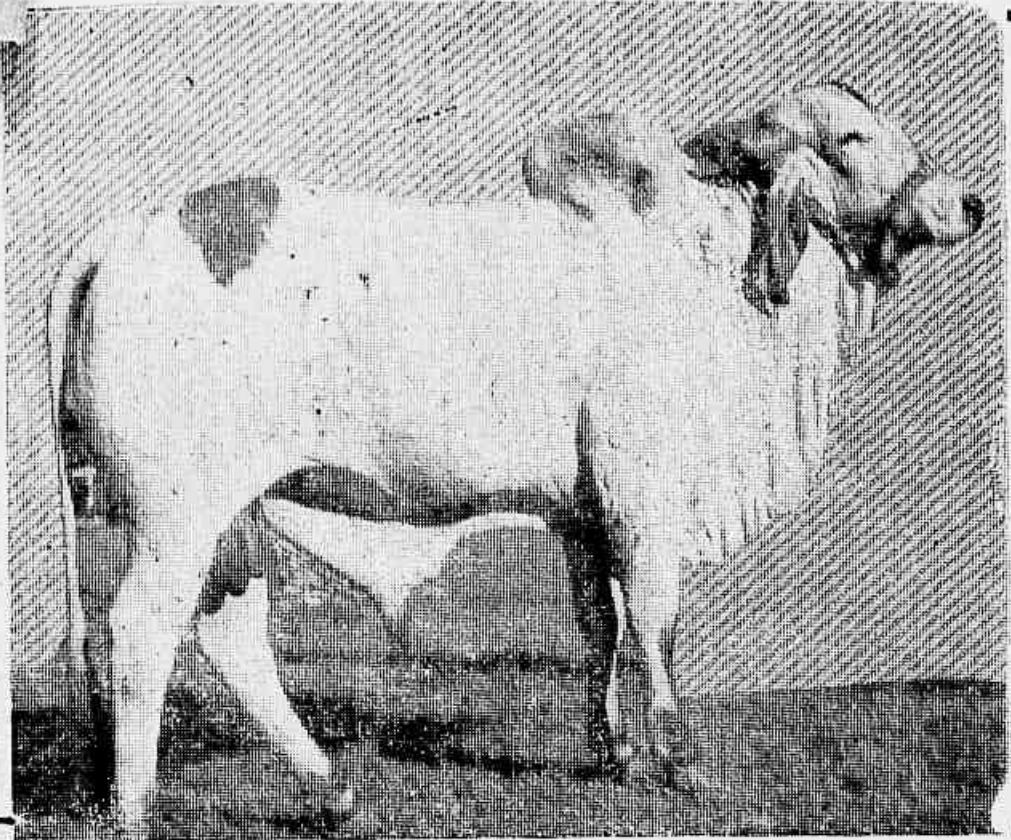
A direita: "ONYX-RIZA" — Raça Holandesa Preta e Branca. 1.^o Prêmio. Com 2 anos de idade, já tendo dado cria. Produção média diária de 15 quilos de leite. "Onyx-Riza" está segura pelo filho do seu proprietário sr. Antenor Ribeiro dos Reis, que também aparece na gravura.



"ONYX-CHURCHILL" — Raça Holandesa Preta e Branca. Campeão e 1.^o Prêmio da raça. 45 meses. Belo espécime, vem prestando valiosos serviços à Fazenda. Uma das maiores atrações do certame.

"ONYX-NARCEJA" — Raça Holandesa Preta e Branca. 1.^o Prêmio.





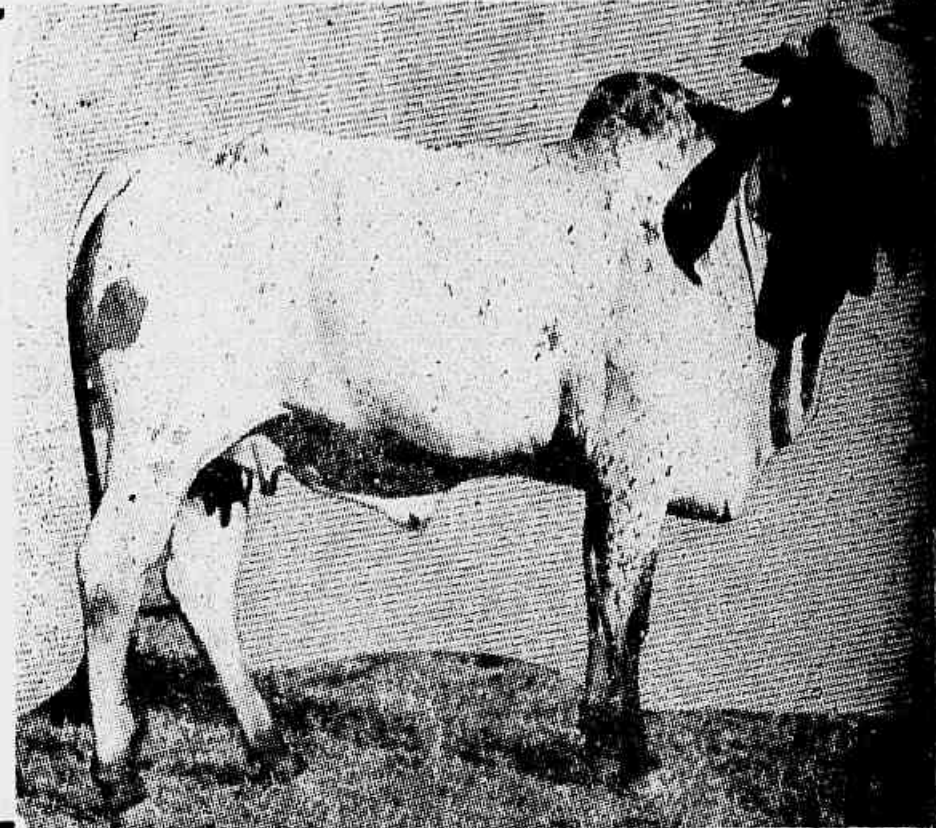
FAZENDA LARANJEIRAS

de

Ormeo Junqueira Botelho

Leopoldina == E. de Minas

A esquerda, "Rajah", e à direita "Papoula",
animais da raça Gyr, que obtiveram desta-
cada classificação na 9.^a Exposição Agro-
Pecuária de Leopoldina.

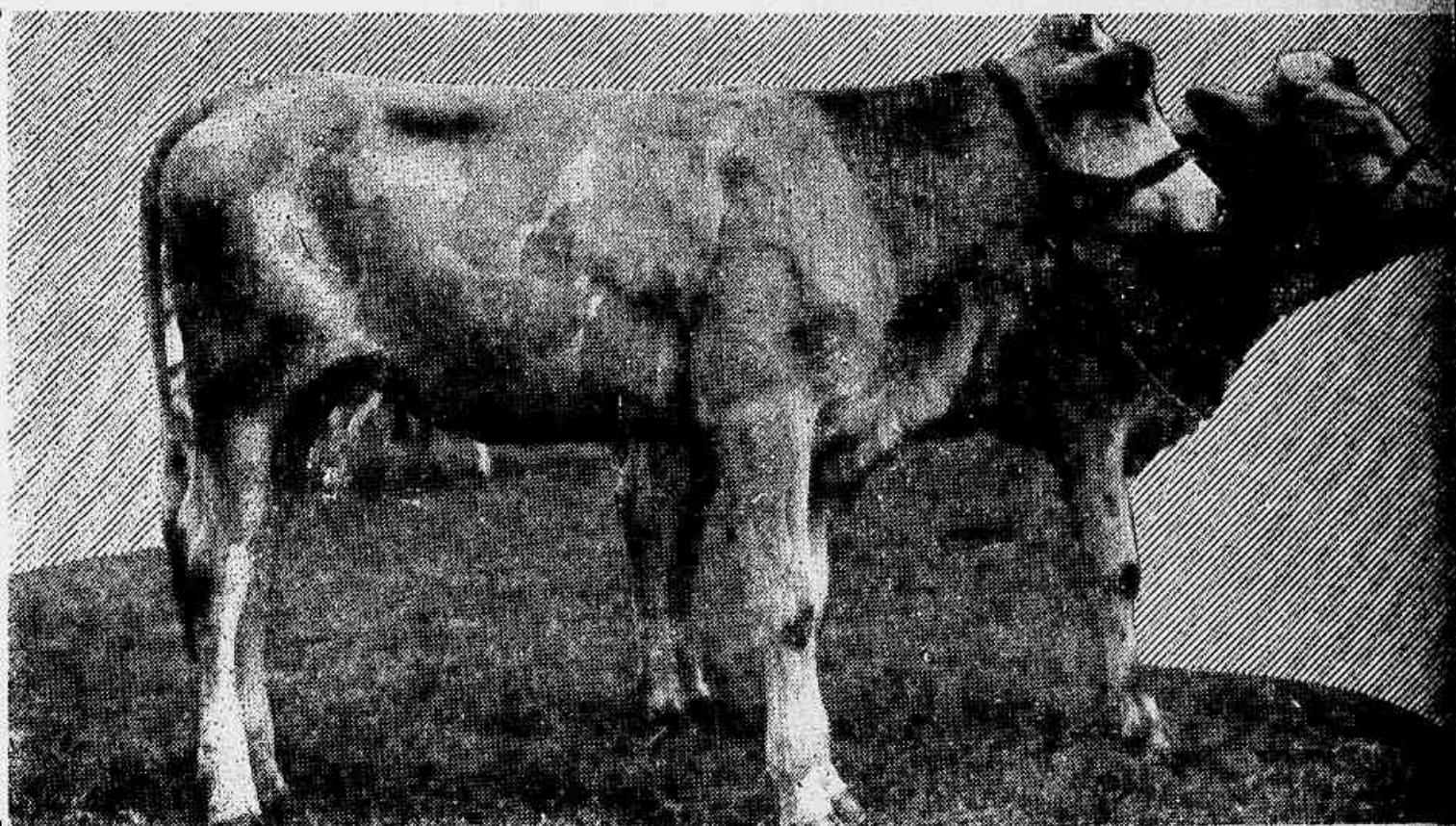


FAZENDA NYAGARA

S. A.

Vila Abaiba == Leopoldina

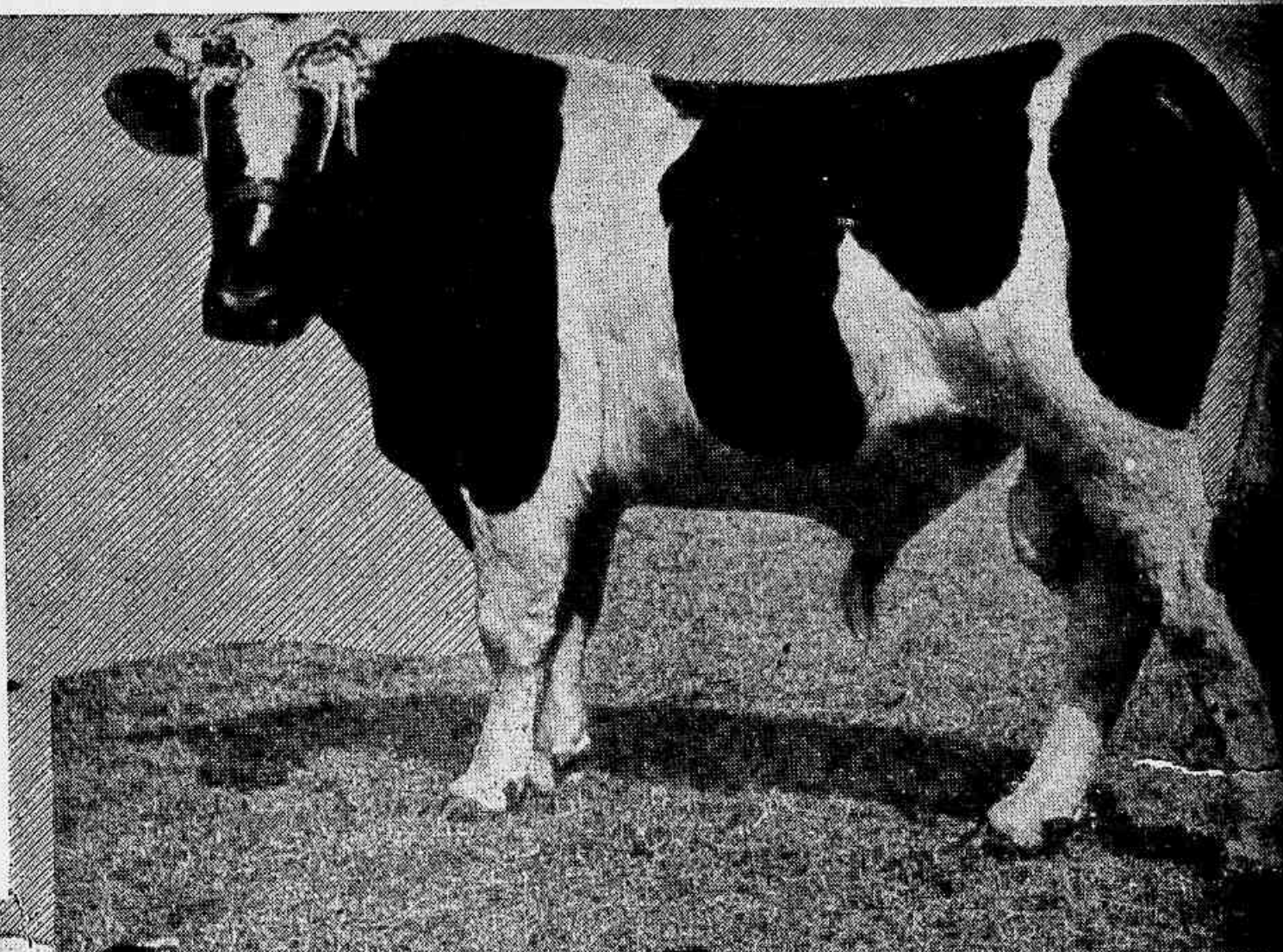
A direita — "Niagara-Louça" e "Niagara-Ferrolho",
animais da raça Simental, premiados com 1.^o Prêmio
na 9.^a Exposição de Leopoldina. Criação
iniciada em 1907.



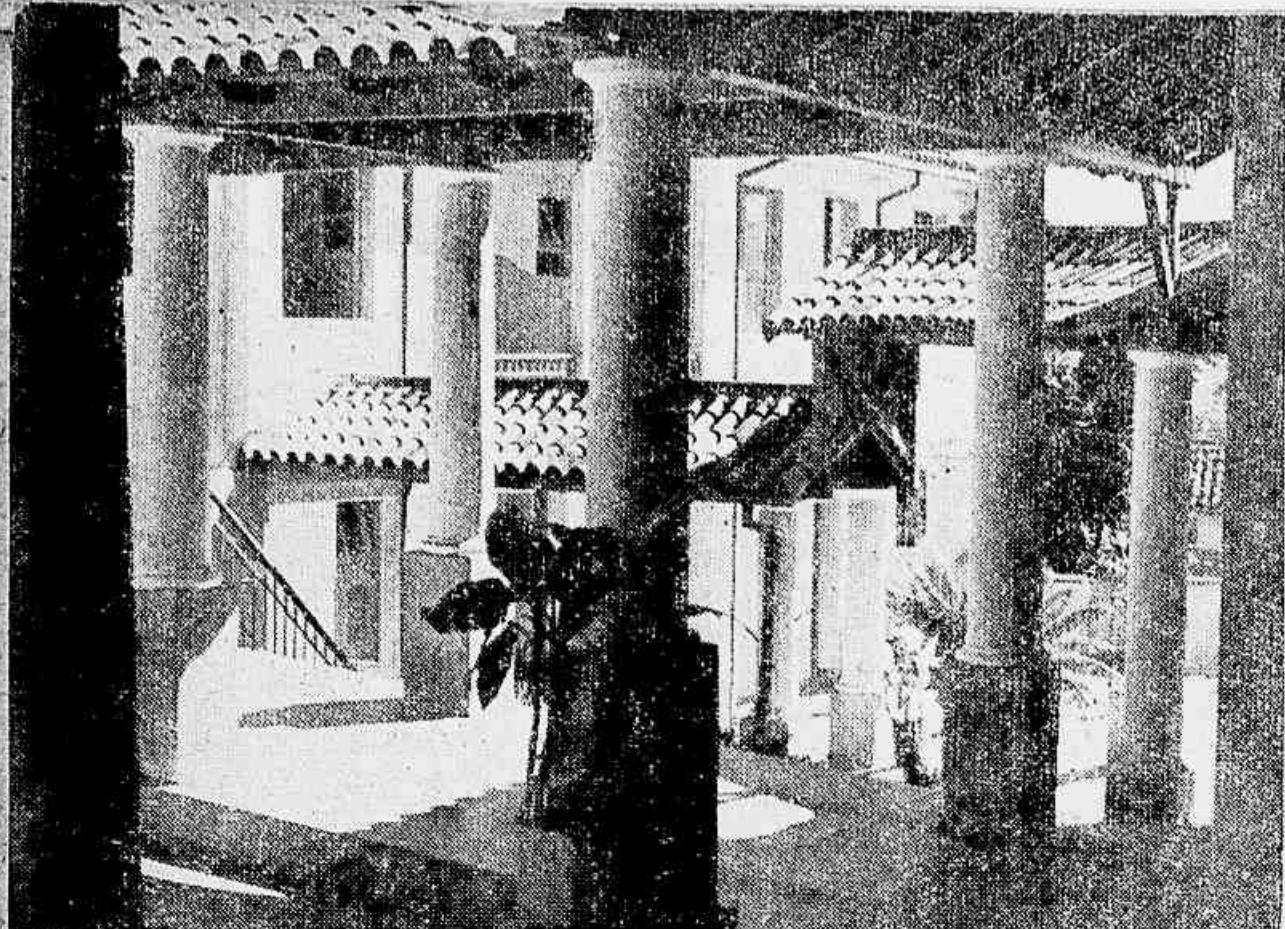
FAZENDA LIMOEIRO

Propriedade do Dr. Alvaro Botelho Junqueira

Estação de Abaiba == E. F. Leopoldina
Leopoldina == Minas Gerais



Ao alto — "Limoeiro-Tarzan"
— Raça Holandesa Vermelha e
Branca. Nascido em 22-8-42.
Campeão da raça e 1.^o Prêmio
na 9.^a Exposição de Leopoldina.
À esquerda — Grupo de gado
Holandês Vermelho e Branco,
1.^o Prêmio na 9.^a Exposição
de Leopoldina.



CASA DE CARIDADE LEOPOLDINENSE

Majestosamente colocada no alto do Morro da Matriz, com excelentes enfermarias para indigentes, homens e mulheres, com capacidade para 100 enfermos.

Foi inaugurado, há dois anos, o pavilhão de crianças indigentes, vendo-se na foto acima as caminhas no solário.

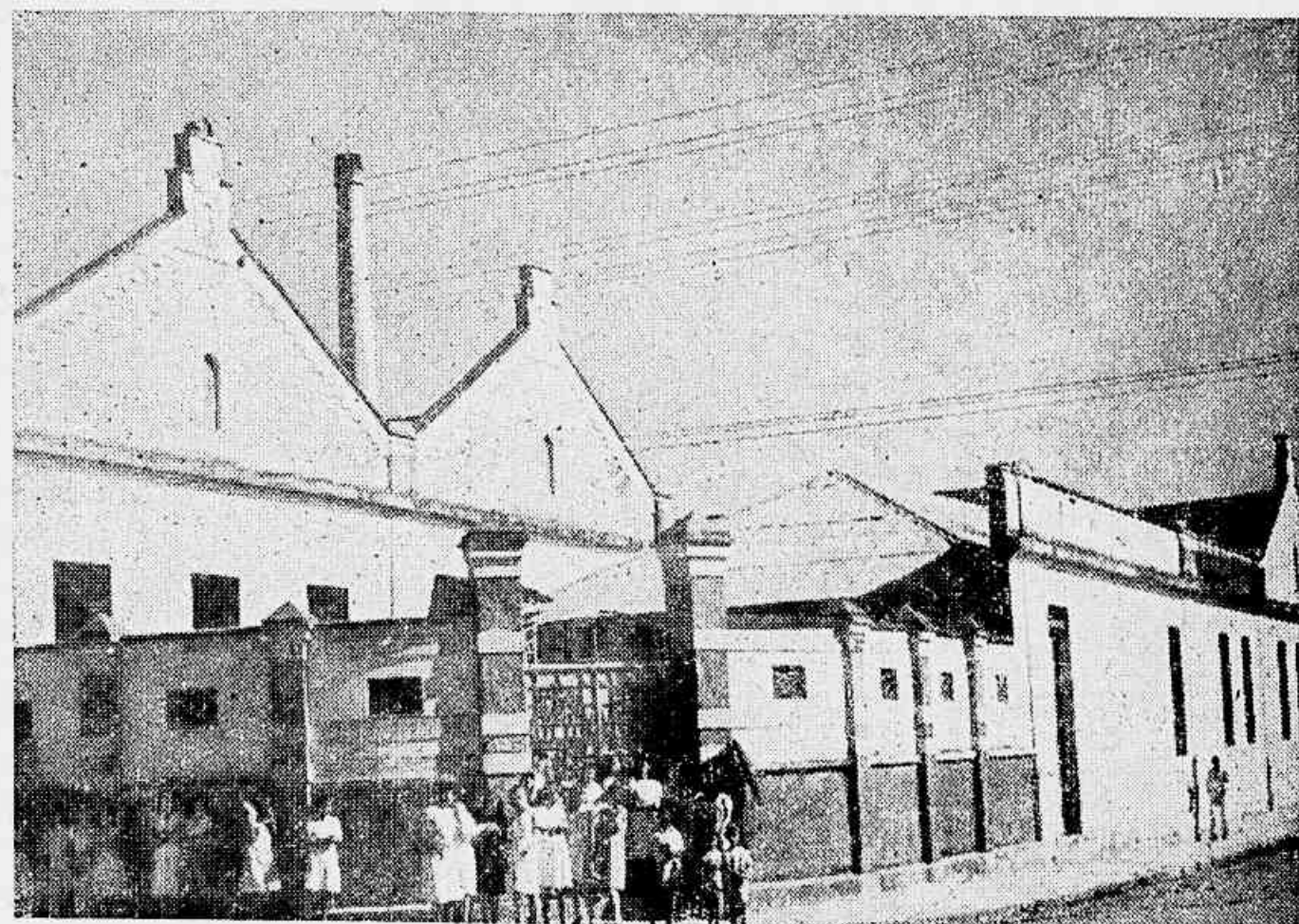
Possui um pavilhão para doentes particulares, com excelentes apartamentos, no prédio que se vê na fotografia à esquerda. Conta com um competente corpo médico, com operadores de alto renome, e é dirigida pelas zelosas Irmãs Carmelitas, sendo diretora do Hospital a querida e incansável Irmã Gabriela.

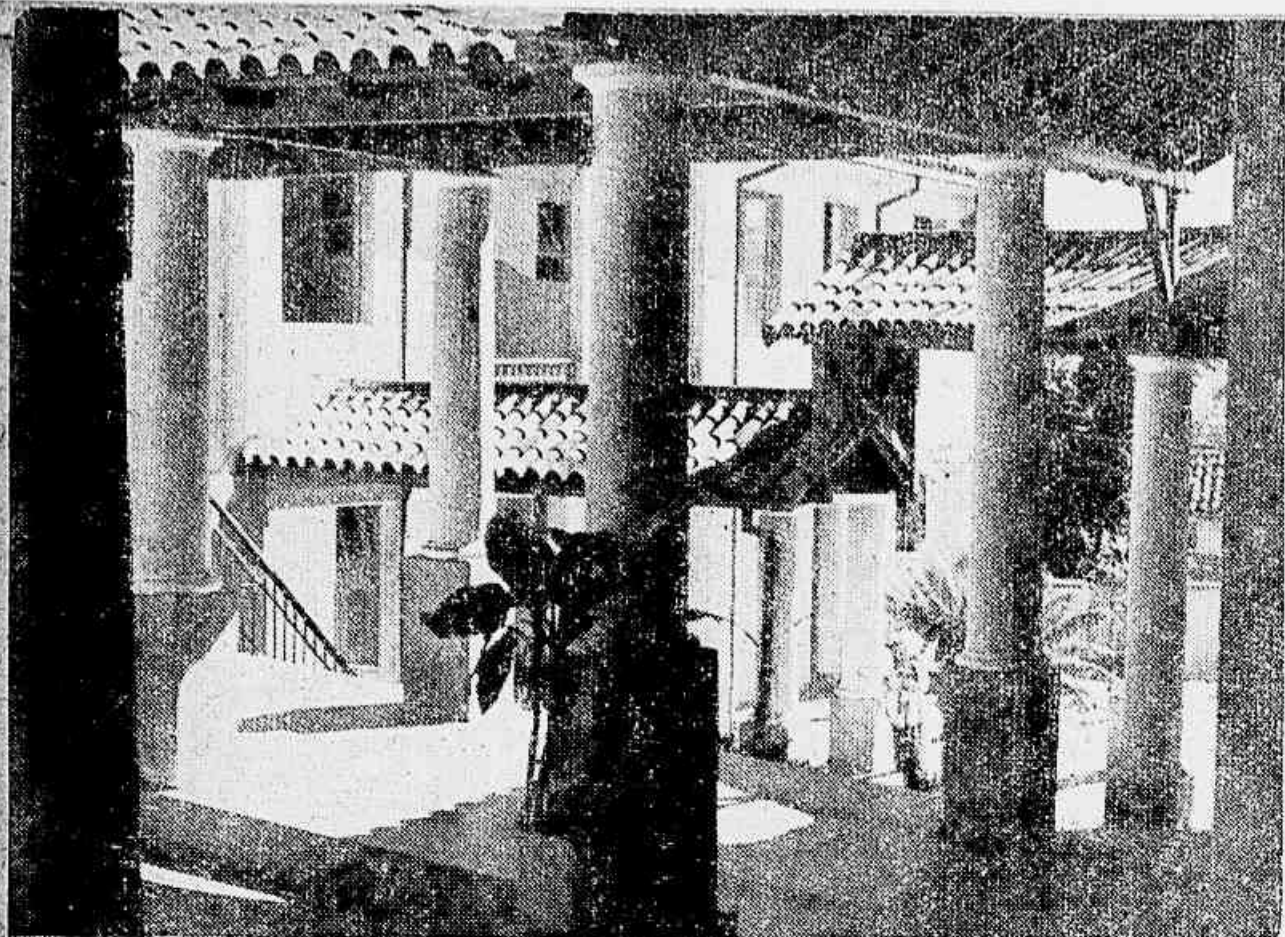
A gravura à esquerda é do pavilhão de doentes particulares.

CIA. FIAÇÃO E TECIDOS LEOPOLDINENSE

Fundada em 1926 com 104 teares e 2.800 fusos, hoje dispõe de 400 teares e 11.000 fusos. Diretores: Gabriel de Andrade Botelho, Ormeo Junqueira Botelho e José Ribeiro dos Reis. Fabrica zefirs, cambraias, linons e xadreses.

Aspectos da vila operária em construção (em baixo, à direita e à esquerda) em pitoresco local com árvores frutíferas, já tendo construídas 50 casas e em construção mais de 100, bem como um parque infantil e instalações para assistência social e salão de diversões.





CASA DE CARIDADE LEOPOLDINENSE

Majestosamente colocada no alto do Morro da Matriz, com excelentes enfermarias para indigentes, homens e mulheres, com capacidade para 100 enfermos.

Foi inaugurado, há dois anos, o pavilhão de crianças indigentes, vendo-se na foto acima as caminhas no solário.

Possui um pavilhão para doentes particulares, com excelentes apartamentos, no prédio que se vê na fotografia à esquerda. Conta com um competente corpo médico, com operadores de alto renome, e é dirigida pelas zelosas Irmãs Carmelitas, sendo diretora do Hospital a querida e incansável Irmã Gabriela.

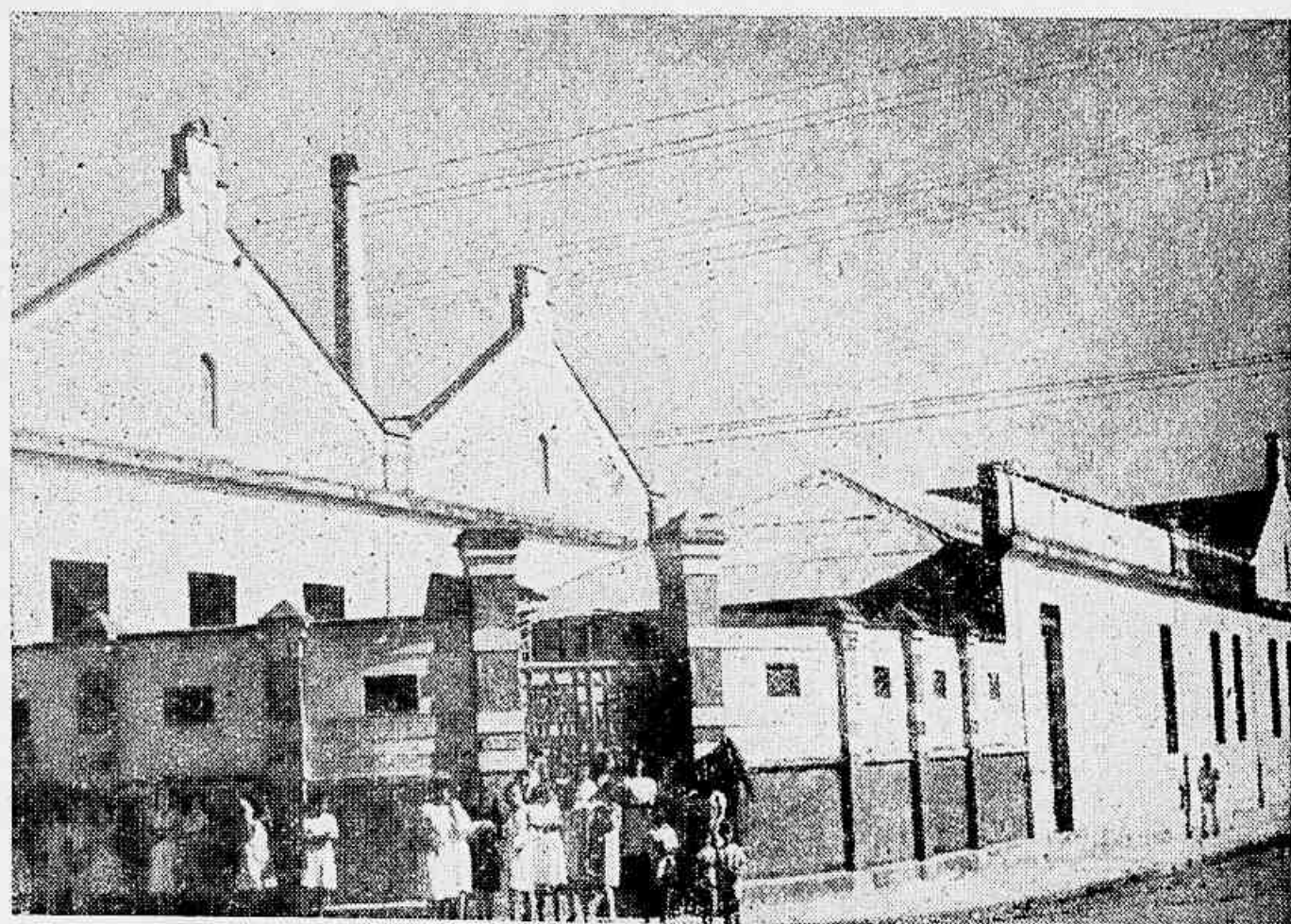
A gravura à esquerda é do pavilhão de doentes particulares.



CIA. FIAÇÃO E TECIDOS LEOPOLDINENSE

Fundada em 1926 com 104 teares e 2.800 fusos, hoje dispõe de 400 teares e 11.000 fusos. Diretores: Gabriel de Andrade Botelho, Ormeo Junqueira Botelho e José Ribeiro dos Reis. Fabrica zefirs, cambraias, linons e xadreses.

Aspectos da vila operária em construção (em baixo, à direita e à esquerda) em pitoresco local com árvores frutíferas, já tendo construídas 50 casas e em construção mais de 100, bem como um parque infantil e instalações para assistência social e salão de diversões.





Na tarde de 7 do corrente teve lugar, na sede do Sindicato dos Estivadores, nesta Capital, a homenagem prestada pelos marítimos e classes anexas ao sr. Pedro Brando, dinâmico superintendente da Organização Henrique Lage, como sinal de reconhecimento pelo muito que ele tem feito em prol da numerosa classe.

A festa contou com a honrosa presença do representante do ministro da Guerra e dos srs. comte. Augusto do Amaral Peixoto, dr. Israel Pinheiro da Silva, dr. Francisco Galloil, altas autoridades e distintas senhoras da sociedade carioca.

A personalidade do homenageado foi exaltada pelos diversos oradores, que não pouparam elogios à sua atuação como superintendente da grande rede de indústria pesada que compõe o patrimônio da Organização que dirige e à qual tem emprestado o melhor de seus esforços desinteressados, no sentido de servir ao progresso do Brasil nos mais diversos ramos da atividade humana.

Foram lembrados os grandes cometimentos da Orga-



OS MARITIMOS E ANEXOS AOSR. PEDRO BRANDO

nização que é, hoje, um dos estímulos básicos da nossa produção, por isso que pelo Brasil inteiro, servindo ao comér-

cio, à lavoura, aos transportes e às classes armadas, se encontram máquinas, aviões, barcos, matéria extrativa e material manufaturado procedente dos estaleiros, das fábricas e das minas da instituição dirigida pelo sr. Pedro Brando.

Mas a Organização Henrique Lage, sob a esclarecida orientação do seu superintendente, a par dessa obra grandiosa de produção intensa a bem do esforço de guerra e da reconstrução da paz, tem levado a efeito também um magnífico programa de amparo social a todos os que a ela emprestam o seu trabalho, nos mais diversos setores industriais a que se estende o seu patrimônio.

Este foi o motivo que levou os marítimos a homenagear o seu amigo e benfeitor.

Falaram, saudando o homenageado, o presidente da Federação Nacional dos Marítimos, o orador oficial do Sindicato dos Estivadores e outros manifestantes.

O sr. Pedro Brando agradeceu a homenagem em brilhante oração, coroada por viva salva de palmas.

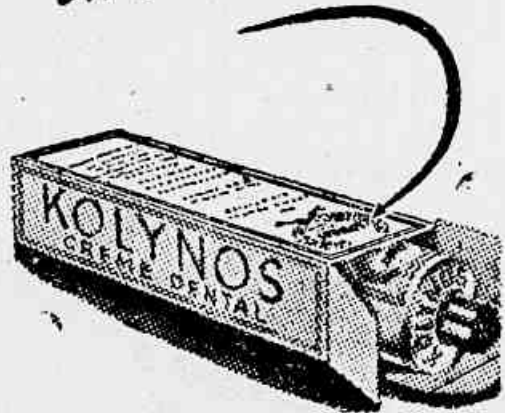
Nesta página reproduzimos alguns sugestivos aspectos da homenagem prestada pelos marítimos, em sinal de reconhecimento pelos notáveis serviços que, dedicadamente, tem prestado o sr. Pedro Brando à sua laboriosa classe.



KOLYNOS
ILUMINA
O SEU SORRISO...



PORQUE
DÁ SAÚDE A BOCA!



ILUMINE
O SEU SORRISO USANDO
O CREME DENTAL
ANTISSÉTICO!

Limpa mais... agrada mais... rende mais..

Numeros atrasados
desta revista no
PEDIR A

Albano H. Martins & Cia.
Pará

Trav. Campana Sales, 85 - Belém

Desperte a Bilis do seu Fígado!

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

O maior amigo da DENTADURA POSTIÇA

Eis aqui uma forma agradável de evitar as contrariedades provocadas por uma dentadura postiça frouxa. FIXODENT, um novo pó para polvilhar a dentadura postiça, torna-a mais firme na boca, proporcionando maior comodidade. Não deixa sensação pegajosa. É *decalino* (não ácido). Não amarga a boca. Combate o "cheiro de dentadura postiça". Perfuma o hálito. Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

91-B

Enigmática



Na 1ª i e, o da i e a,
tinua e.
2 4 5 1 3

A e q ci na + grida Infância
A meoria me surg e e trãa/rêcia.

A' q lta me a S^{ta} Ignu 7 anos

Da manhã +stival d ãa o da le 100cia!
3 2 1

Q me d vivr, nessa a cre eeitcia,

U éculo, 1 lenio... ou toda a etern 8 anos!

O ãa menic, o p^(bts)oo bõo de outr 60 minutos!

Q me d volt respiro á tra 4 anos, ag 30 minutos x 2

Q eetou 10 iludi e pre dderet e -1!

Dzjava rer e... nacr n a

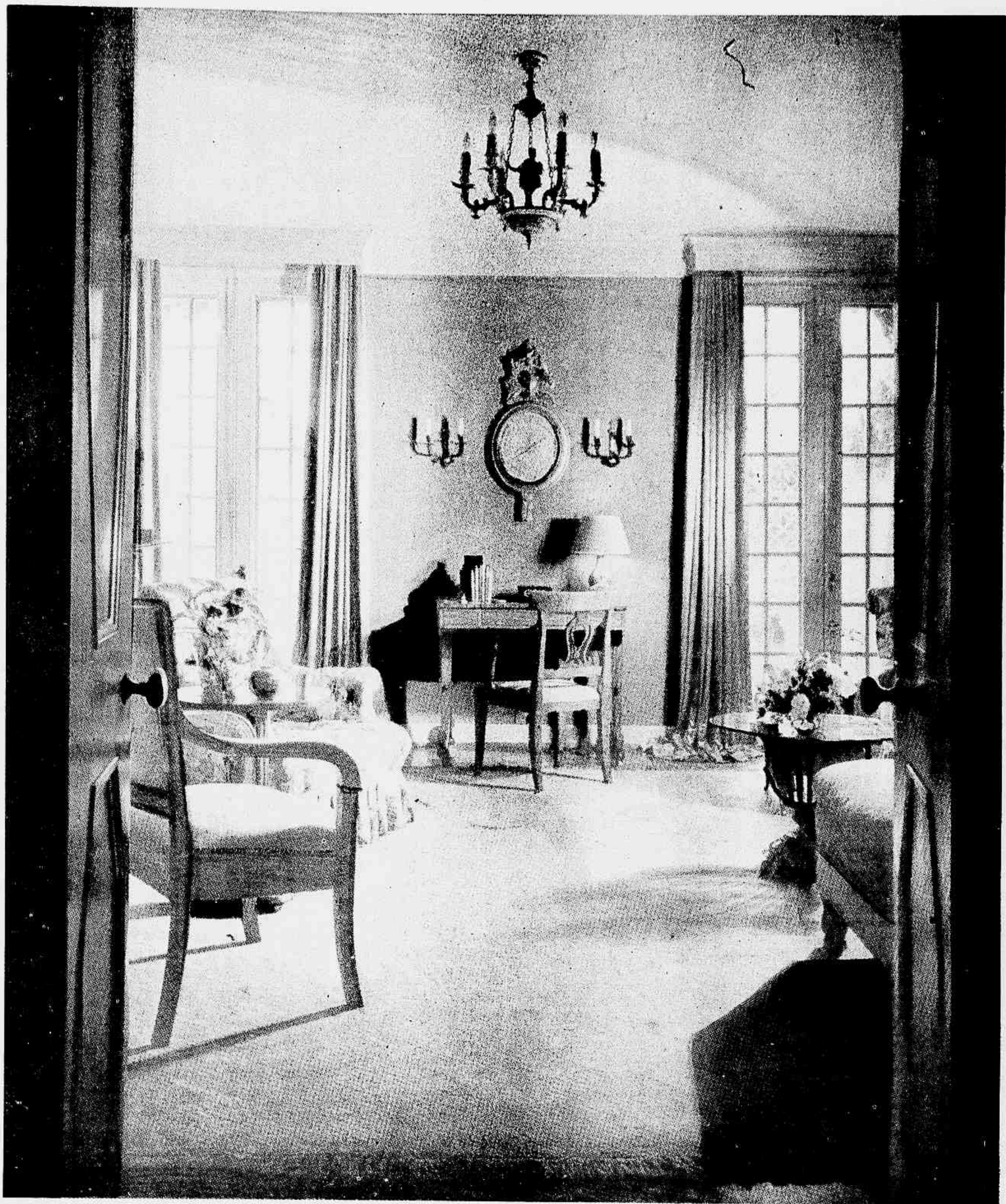
ra volt respiro á é um sonho e i ct!

O meu tpo... crá, d' m c o co!"

Eta barbar 7 anos foi trãda ha qta 1945s.
E poolie 1 vrsso de qbra Da?
rao?

RAUL

VISÃO DE UM LIVING-ROOM AMERICANO



Aí está a magnífica visão de uma sala de estar americana, situada no torreão lateral de uma residência da Califórnia. Mobiliada com requintes de luxo, apresentando um ecletismo elegante de cores e de formas, esta peça revela em tudo uma perfeita harmonia estética, tão difícil de se conseguir com a variedade de estilo que aqui aparece. Os candelabros, em puro estilo colonial californiano, contrastam com a

poltrona que aparece em primeiro plano, de linhas modernas e estofado liso. Um largo sofá oriental estilizado ocupa um amplo espaço, dominando toda a sala. Um pouco para o centro uma pequena mesa de cristal com pés cromados. E ao fundo, finalmente, uma mesinha de madeira, com livros, posta ao pé de espelho redondo de moldura recamada.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



COMPANHIA
DE CIGARROS

*Souza
Cruz*

Hollywood
PREÇO NO VAREJO CR\$ 2,00

Epoca